

# convergência

NOVEMBRO ▪ 1998 ▪ ANO XXXIII N° 317



# convergência

- FORMAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA DE JESUS (FORMAÇÃO INICIAL, NA INSERÇÃO)
- VOTOS RELIGIOSOS
- A CRISTOLOGIA COMO ANTROPOLOGIA
- ESPÍRITO E FEMINIDADE
- A ORIGINALIDADE HISTÓRICA DE MEDELLÍN

# SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| EDITORIAL .....                             | 513 |
| PALAVRA DO PAPA .....                       | 515 |
| INFORME CRB .....                           | 519 |
| FORMAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA DE JESUS .....   | 521 |
| (FORMAÇÃO INICIAL, NA INSERÇÃO)             |     |
| Frei Moacir Casagrande, OFM Cap             |     |
| VOTOS RELIGIOSOS .....                      | 535 |
| CONSAGRAÇÃO À TRINDADE, COMUNHÃO COM A      |     |
| IGREJA E MISSÃO NO MUNDO                    |     |
| Frei Silvestre Gialdi, OFM Cap              |     |
| A CRISTOLOGIA COMO ANTROPOLOGIA .....       | 548 |
| Frei Prudente Nery, OFM Cap                 |     |
| ESPÍRITO E FEMINIDADE .....                 | 558 |
| Teresa Porcile S.                           |     |
| A ORIGINALIDADE HISTÓRICA DE MEDELLÍN ..... | 568 |
| Fr. Clodovis M. Boff, OSM                   |     |

# NOSSA CAPA

A ilustração para os próximos anos chama a atenção para a participação e o envolvimento da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) no projeto de evangelização "Rumo ao novo milênio". Trata-se de uma fotografia tomada do mural artístico confeccionado em pedras de variadas cores numa parede interna, junto à capela da sede da CRB Nacional. Inspirado no logotipo escolhido pela Comissão Central da Santa Sé para o Jubileu, presidida pelo Cardeal Roger Etchegaray, a partir de um concurso vencido pela estudante de arte italiana Emanuela Rocchi, o artista plástico José Antonio Abreu, de Igarapé, MG, compôs o mosaico com grande expressão e beleza. Nele se destacam o globo terrestre, os cinco continentes representados pelas pombas, a cruz estilizada e as palavras: CRISTO, ONTEM, HOJE, SEMPRE, sinalizando o anúncio principal do projeto (Pe. João Roque Rohr, SJ).

## ASSINATURA PARA 1998:

### BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea ..... R\$ 60,00

### EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea ..... R\$ 85,00

Número avulso (Brasil) ..... R\$ 6,00

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*



## convergência

Revista Mensal da  
Conferência dos Religiosos  
do Brasil: CRB

### DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

### REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

#### Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

#### Conselho editorial:

Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitório, SJ

Frei Prudente Nery, OFM Cap.

### DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar

Cinelândia • Tel.: (021) 240-7299

20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

### DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 6914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

## RENASCER PELA GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO

**A** Vida Religiosa, desde as suas origens, é considerada um dom do Espírito para o bem da Igreja. O Vaticano II insistiu nessa verdade. Como tal, a Vida Religiosa pertence à ordem do carisma, da graça. Não constitui uma realidade já pronta, acabada, estruturada de uma vez por todas, definida a priori e para sempre, nas suas formas históricas de existir na Igreja. Está sempre sob o dinamismo do Espírito e aberta ao sopro criador e re-criador que dele emana, como fonte única e singular da Vida. Precisamente por isso, a Vida Religiosa não pode ser monopólio de nenhuma época, de nenhum povo ou etnia, de nenhuma cultura ou religião. Não se inscreve no horizonte dos “modelos” abstratos e fixistas, destinados a perpetuar no tempo e no espaço estruturas e formas de expressão de um dado momento histórico.

Como dom, a Vida Religiosa é gratuita, algo indevido e sempre capaz de surpreender pela novidade e pela impossibilidade de ser domesticada e padronizada. Como dom do Espírito, está sempre orientada, na multiformidade de suas expressões históricas, ao seguimento de Jesus e ao prosseguimento da sua Missão, ao anúncio da Boa Notícia do Reino, particularmente aos pobres e aos pequenos. E isso provoca, muitas vezes, tensões e conflitos; não raro, o risco de ser alijada para a *margem* (social e/ou eclesial), e de participar ali, solidariamente, da sorte dos excluídos. Mas, precisamente neste *êxodo*, neste situar-se nas *margens*, a Vida Religiosa reencontra da maneira mais genuína as suas raízes evangélicas e carismáticas, a intuição fontal da sua maneira específica de ser na Igreja, a liberdade profética que lhe é constitutiva, o

alento *re-criador* do Espírito, a graça de *nascer de novo*, pela força desse Espírito (Cf. Jo 3,3-5).

Essa graça de renascer, de ser re-fundada no Espírito, constituiu o horizonte da reflexão e dos debates da última Assembléia Geral da CRB (julho/1998). A partir desse horizonte de reflexão, a CRB assumiu o compromisso de ajudar Religiosas e Religiosos do País a se empenharem num *processo de refundação da Vida Religiosa, enraizado na mística evangélica, vivido em missão inculturada, em presença solidária entre os pobres*. Tal compromisso empenha pessoas e instituições e só poderá ser levado avante sob a guia do Espírito, na *criatividade fiel ao Evangelho* e na *solicita sensibilidade aos “sinais dos tempos”*. CONVERGÊNCIA sente-se também comprometida com esse processo e quer oferecer aos leitores, ao longo dos próximos meses, artigos que ajudem a aprofundar – direta ou indiretamente – essa temática tão vital para a Vida Religiosa hoje.

“Formação da Vida Religiosa de Jesus” é o interessante artigo do Fr. Moacir Casagrande. Neste texto, o autor tece considerações sobre a formação inicial e sobre o aprendizado permanente, relações entre formandos e formadores na busca do objetivo comum: a formação na inserção. É esta, sem dúvida, uma temática que interessa de cheio a tarefa da refundação da Vida Religiosa. Apoiado no Evangelho de Lucas, o autor faz um paralelo entre as principais etapas da vida de Jesus e o processo de formação da Vida Religiosa de hoje, indicando pistas para atualizar o processo e apresentando uma relação de atitudes que devem ser cultivadas num aprendizado permanente.

Em seu artigo – “Votos Religiosos: Consagração à Trindade, Comunhão com a Igreja e Missão no Mundo” – Frei Silvestre Gialdi apresenta uma reflexão sobre a Teologia dos Votos na Vida Consagrada, frente aos desafios do Novo Milênio, e aos novos valores enfatizados na época atual. Começando pelo projeto de formação da Vida Consagrada, o autor trata de levar à compreensão histórica, teológica, psicológica e pedagógica dos votos. Sob novo enfoque, a Vida Religiosa está chamada a assumir inteiramente a solidariedade evangélica e ser sinal do Reino no mundo.

O texto “A Cristologia como Antropologia”, de Fr. Prudente Nery, é uma profunda e inspirada reflexão sobre Jesus Cristo, homem perfeito, imagem de Deus invisível, eternamente conhecido. O texto mostra também como este mundo em que vivemos agora já é o começo da eternidade, é o “lugar dos primeiros acenos e encontros de um eterno amor”.

“Espírito e Feminidade” de Tereza Porcile, é um artigo extremamente rico e questionador, que leva a meditar sobre o tema do Espírito e sua estreita relação com o feminino. O texto chama a atenção para algumas figuras de mulher estreitamente ligadas ao Espírito, no decorrer da história da Igreja, e destaca duas delas, de particular força simbólica nos dias de hoje.

O artigo de Fr. Clodovis Boff — “A Originalidade histórica de Medellín” — faz um interessante balanço do que o autor chama o “Medellín querigmático”, ou seja, o que Medellín representa em termos históricos. Para Clodovis, os textos de Medellín, lidos hoje, depois de trinta anos de sua elaboração, impressionam pelo vigor e a audácia da sua expressão, ou seja, pelo seu “pathos profético”, o que é típico de textos originários e fundantes de uma tradição.

## A POBREZA EXTREMA DE MUITOS EM CONTRASTE COM A OPULÊNCIA DE ALGUNS É UM ESCÂNDALO

Promovido pelo Pontifício Conselho «Justiça e Paz», foi realizado na Sala do Sínodo no Vaticano, de 1 a 4 de Julho, o Congresso Mundial sobre a Pastoral dos Direitos Humanos, na feliz coincidência do 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, adotada a 10 de dezembro de 1948. A reflexão do tema geral foi feita por dez grupos de trabalhos: sobre a universalidade dos direitos humanos, o respeito dos direitos econômicos e sociais, a liberdade de religião, a dignidade da vida nascente, a defesa dos presos, a promoção dos direitos da mulher, a exploração das crianças, os direitos da família, o direito de asilo e os direitos dos povos autóctones. No sábado, 4 de julho, o Santo padre recebeu em audiência os congressistas e dirigiu-lhes o seguinte discurso:

Senhores Cardeais  
Caros Irmãos no Episcopado  
Senhoras e Senhores!

1. É com particular alegria que acolho aqui, nesta manhã, os participantes no Congresso Mundial sobre a Pastoral dos Direitos Humanos, que o Pontifício Conselho «Justiça e Paz», no quadro das iniciativas tomadas pela Santa Sé, quis convocar para celebrar o quinquagésimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem. De todo o coração agradeço ao novo Presidente do Pontifício Conselho, D. François-Xavier Nguyễn Van Thuân, a apresentação dos vossos trabalhos. E sinto-me feliz pela ocasião que me é dada para exprimir ao Presidente demissionário, o querido e infatigável Car-

deal Roger Etchegaray, a minha viva gratidão pelo devotamento e a competência com que dirigiu o Dicastério durante catorze anos.

Saúdo todos os participantes, e com eles os membros, os consultores e os colaboradores do Pontifício Conselho. A presença entre vós de representantes de outras Igrejas cristãs e de diversos organismos internacionais é um sinal da nossa comum preocupação e do nosso empenho por todos para a promoção da dignidade da pessoa humana no mundo de hoje.

2. O tema do *desígnio de Deus para a pessoa humana*, da «*dimensão humana do mistério da Redenção*», foi um dos objetivos principais da minha primeira Encíclica *Re-*

515  
a  
i  
a  
c  
n  
é  
b  
e  
r  
e  
n  
o  
c

*demptor hominis* (cf. n. 10). Ao considerar o homem como «a primeira e fundamental via da Igreja» (n. 14), mostrei o significado dos «direitos objetivos e invioláveis do homem» (n. 17) que, no meio das vicissitudes do nosso século, pouco a pouco recebeu a sua formulação no plano internacional, de modo especial na Declaração Universal dos direitos do Homem. Em seguida, em todo o meu ministério de Pastor da Igreja universal, senti o dever de dedicar uma atenção particular à *salvaguarda e promoção da dignidade da pessoa e dos seus direitos*, em todas as etapas e circunstâncias da sua vida política, social, econômica ou cultural.

Ao analisar, na Encíclica *Redemptor hominis*, a tensão entre os sinais de esperança concernentes à salvaguarda dos direitos humanos e os sinais mais dolorosos *dum estado de ameaça* para o homem, apresentei a questão das relações entre «a letra» e «o espírito» desses direitos (cf. n. 17). Ainda hoje, pode-se constatar o abismo que existe entre «a letra», reconhecida a nível internacional nos numerosos documentos, e «o espírito», atualmente muito longe de ser respeitado, pois o nosso século ainda está marcado por *graves violações dos direitos fundamentais*. No mundo há sempre inúmeras pessoas, mulheres, homens e crianças, cujos direitos são cruelmente aviltados. Quantas pessoas são injustamente privadas da sua liberdade, da possibilidade de se exprimir livremente ou de professar com liberdade a sua fé em Deus? Quantas pessoas, por causa da guerra, de discriminações injustas, do desemprego ou de outras situações econômicas desastrosas, não podem chegar ao *pleno gozo da dignidade que Deus lhes deu e dos dons que d'Ele receberam?*

3. O primeiro objetivo da pastoral dos direitos humanos é, pois, fazer com que a *aceitação dos direitos universais na «letra» leve à prática concreta do seu «espírito»*, em toda a parte e da maneira mais eficaz, a partir da *verdade sobre o homem, da igual dignidade*

*de toda a pessoa*, o homem ou mulher, criada à imagem de Deus e que se tornou filha de Deus em Cristo.

No nosso planeta, toda a pessoa tem o direito de conhecer a «verdade sobre o homem» e de poder viver nele, cada um segundo a sua identidade pessoal insubstituível, com os seus dons espirituais, a sua criatividade intelectual e o seu trabalho, na família — também ela sujeito particular de direitos — e na sociedade. Cada ser humano tem o direito de desenvolver em plenitude os dons que recebeu de Deus. Por conseguinte, todo ato que lesa a dignidade do homem e que frustra as suas possibilidades de se realizar, é *um ato contrário ao desígnio de Deus* para o homem e para a criação inteira.

A pastoral dos direitos humanos está, então, em relação estreita com a *própria missão da Igreja no mundo contemporâneo*. A Igreja, com efeito, jamais pode abandonar o homem, cujo destino está ligado a Cristo de maneira estreita e indissolúvel.

4. O segundo objetivo da pastoral dos direitos humanos consiste em apresentar “as questões essenciais relativas à situação do homem hoje e no futuro” (*Redemptor hominis*, 15), com objetividade, lealdade e sentido das responsabilidades.

A esse respeito, pode-se constatar que as condições econômicas e sociais em que vivem as pessoas assumem uma importância particular nos nossos dias. A persistência da *pobreza extrema*, que contrasta com a opulência de uma parte das populações, em um mundo marcado por grandes conquistas humanistas e científicas, constitui um verdadeiro escândalo, uma das situações que entravam, de modo mais grave, o pleno exercício dos direitos humanos no momento atual. Nas vossas atividades, sem dúvida, tereis constatado, quase todos os dias, os efeitos causados pela pobreza e a fome, ou a impossibilidade de aceder aos serviços mais elementares, na vida das pes-

soas e na luta pela própria subsistência e a do seu próximo.

Com muita frequência, as pessoas mais pobres, por causa da precariedade da sua situação, tornam-se as vítimas atingidas de modo mais sério pelas crises econômicas, que afetam os países em vias de desenvolvimento. A prosperidade econômica, deve-se recordar, é, antes de tudo, o fruto do trabalho humano, de um trabalho honesto e muitas vezes penoso. *A nova arquitetura da economia em escala mundial* deve basear-se sobre os fundamentos da dignidade e dos direitos da pessoa, sobretudo o direito ao trabalho e à proteção do trabalhador.

Isto requer, hoje, uma atenção renovada aos *direitos sociais e econômicos*, no quadro geral dos direitos humanos que são *indivisíveis*. É necessário repelir toda a iniciativa de negar uma real consistência jurídica a esses direitos e é preciso repetir que está empenhada a responsabilidade comum de todos os atores — poderes públicos, empresas, sociedade civil —, a fim de chegar ao seu exercício efetivo e pleno.

5. Na pastoral dos direitos humanos, a *dimensão educativa* assume, hoje, uma importância particular. A educação para o respeito dos direitos do homem levará naturalmente à criação *de uma verdadeira cultura dos direitos humanos*, necessária para que funcione *o estado de direito* e para que a sociedade seja realmente fundada sobre o respeito pelo direito. Em Roma, realiza-se, neste momento, a Conferência diplomática das Nações Unidas para a instituição de um Tribunal penal internacional. Faço votos por que esta Conferência chegue, como todos esperam, à criação de uma nova instituição a fim de proteger a cultura dos direitos humanos em escala mundial.

O respeito total pelos direitos humanos poderá, de fato, ser integrado em cada uma das culturas. Os direitos do homem são, por natureza, *universais*, pois têm como fonte a igual dignidade de toda a pessoa. Ao reconhecer a diversidade cultural que

existe no mundo e os diferentes níveis do desenvolvimento econômico, convém repetir com vigor que *os direitos humanos concernem a cada pessoa*. Como já declarei na Mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano (cf. n. 2), o argumento da especificidade cultural não deve ser utilizado para encobrir violações dos direitos humanos. Mais ainda, é preciso antes promover *um conceito integral dos direitos de toda a pessoa ao desenvolvimento*, no sentido em que o meu predecessor Paulo VI desejava o desenvolvimento “integral”, a saber, o desenvolvimento de cada pessoa e de toda a pessoa (cf. *Populorum progressio*, 14). Colocar no centro da reflexão a promoção de um só direito ou de uma só categoria de direitos, em detrimento da integridade dos direitos humanos, significaria trair o espírito da própria Declaração universal.

6. A pastoral dos direitos humanos, pela sua própria natureza, deve dedicar-se de maneira particular à *dimensão espiritual e transcendente da pessoa*, sobretudo no contexto atual em que se manifesta a tendência a reduzir a pessoa a uma só das suas dimensões, a econômica, e a considerar o desenvolvimento em termos antes de tudo econômicos.

Da reflexão sobre a dimensão transcendente da pessoa deriva a obrigação de proteger e promover *o direito à liberdade de religião*. Este Congresso pastoral dá-me a ocasião para exprimir a minha solidariedade e o meu apoio, na oração, para com todos os que, ainda hoje no mundo, não podem exercer de maneira plena e livre esse direito, pessoalmente e como comunidade. Aos responsáveis das nações dirige-se o meu premente e renovado apelo a garantirem a realização concreta desse direito para todos os seus cidadãos. Junto dos crentes, com efeito, os Poderes públicos encontrarão homens e mulheres de paz, desejosos de colaborar com todos em vista de edificar uma sociedade mais justa e mais pacífica.

7. Agradeço-vos a todos, não somente a participação neste Congresso, mas também o testemunho quotidiano e a ação educativa na comunidade cristã. Convosco, faço memória do testemunho daqueles que, na nossa época, viveram a sua fidelidade à mensagem de Cristo sobre a dignidade do homem, ao renunciarem aos seus próprios direitos, por amor dos irmãos e irmãs. Confio as vossas diversas missões a Maria, Mãe da Igreja, que vos ajudará

a penetrar, como Ela, no sentido mais profundo do grande mistério da Redenção do homem.

A vós, às vossas famílias e a todos os que compartilham os vossos empenhos, dou de todo o coração a Bênção Apostólica.

*Joannes Paulus P. II*

# INFORME CRB

---

## COORDENADORIA ECUMÊNICA DE SERVIÇO – CESE – 25 ANOS

A CESE nasceu em 1973, como fruto da reflexão sobre o compair ecumênico, na busca de uma sociedade justa e democrática para os empobrecidos. Tem o seu escritório nacional, com uma equipe executiva, sediado em Salvador (BA). É constituída por seis Igrejas: Episcopal Anglicana do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Metodista, Presbiteriana Independente do Brasil, Presbiteriana Unida do Brasil e Católica Apostólica Romana. Conta com recursos oriundos de agências internacionais de cooperação e do Conselho Mundial de Igrejas.

Representantes das Igrejas-membros, reunidos em Assembléia Geral, e convidados celebraram os 25 anos de sua fundação, de 05 a 07 de julho em Salvador (BA).

Os participantes da Assembléia Geral reafirmaram o compromisso de serviço ao povo brasileiro, especialmente aos empobrecidos e excluídos.

*“E não nos cansemos de fazer o bem, por que a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos” Gálatas 6,9.*

A Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE, — está comemorado seus 25 anos de trabalho. Desde a origem respondeu à necessidade das Igrejas de reafirmar uma nova concepção de diaconia, que não se limitasse a minorar as dores e os sofrimentos dos pobres e oprimidos, mas lhes desse oportunidade de afirmar sua dignidade, sua consciência

de cidadania e sua capacidade de lutar de forma organizada.

A CESE compreendeu que este serviço deveria ser feito dentro de uma perspectiva ecumênica, fiel ao espírito do Evangelho de amar a todos aqueles que independente de suas confissões religiosas, estivessem sendo atingidos nos seus direitos e na sua dignidade.

Nascida no período da ditadura militar que assolou o Brasil, teve a ousadia de publicar e distribuir em todo o país, como seu pri-

meiro documento, milhões de exemplares da Declaração Universal dos Direitos Humanos, enriquecida por pronunciamentos oficiais de apoio de diversas Igrejas Cristãs, juntamente com textos bíblicos. Era o início da marca da identidade da CESE, que hoje se reafirma na solidariedade com todos(as) que lutam pelos direitos de vida digna e pelo pleno exercício da cidadania e contra todas formas de discriminação e exclusão.

A CESE constata que, na atual conjuntura do país, agravam-se muitas situações de injustiças e de sofrimento do povo brasileiro. São milhões de trabalhadores(as) desempregados(as), de lavradores(as) sem terra, de crianças sem escola, de jovens sem perspectivas de vida, de mulheres sobrecarregadas de responsabilidade e desrespeitadas na sua dignidade, de pessoas idosas desamparadas e tristes. Constata-se ainda uma crescente desigualdade social, com concentração de renda, riqueza e propriedade na mão de uma minoria da população, a naturalização da cultura da violência e do consumismo, enquanto os serviços básicos de saúde, transporte e moradia,

continuam sendo precários, inadequados e insuficientes. Essa situação torna-se mais visível e grave nos períodos de seca, de epidemias, de explosão de violência, de maior dor e sofrimento, quando a ineficiência do governo e a perversidade do modelo sócio-econômico vigente tornam-se mais evidentes.

Vivemos este ano momento especial para o país, quando o povo elegerá seus novos governantes. Será a ocasião de julgamento e de oportunidade para que sejam exigidas novas políticas capazes de responder às necessidades do povo brasileiro.

A CESE, nesta oportunidade, reafirma seus objetivos de contribuir para que os humilhados e ofendidos, os que têm fome e sede de justiça, homens e mulheres que vivem do trabalho e nem têm oportunidade de exercê-lo, alcancem a plena cidadania. As Igrejas que participam da CESE continuarão lutando para garantir a fidelidade desses compromissos, certas de que estarão respondendo aos ensinamentos do Evangelho de Jesus Cristo, fundamento e inspiração da CESE.

*(Documento aprovado na Assembléia Geral Ordinária da CESE, em 09/06/98)*

Dra. Gertraude Wanke (IECLB) – Presidenta  
D. Jubal Pereira Neves (IEAB) – Vice-presidente  
Bispo Adriel de Souza Maia (IM) – Tesoureiro  
Profa. Maria Laura A. V. Gonçalves (IPI) – Secretária  
Dra. Maria Soares de Camargo (ICR) – Vogal

# FORMAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA DE JESUS (FORMAÇÃO INICIAL, NA INSERÇÃO)

Frei Moacir Casagrande, OFM Cap

O noviciado de Jesus é decisivo. São apenas quarenta dias de jejum, no deserto, assistido pelo Espírito Santo, seu mestre, e tentado pelo diabo, seu contra-mestre. Embora curto o tempo, aprendeu a discernir o essencial para viver.

Particpei do seminário de Formação para Vida Religiosa na Inserção, ocorrido no último mês de abril, em Belo Horizonte. Vendo, ouvindo e compartilhando das buscas, angústias, questionamentos e luzes que foram surgindo em meio a 33 formandas(os) e 45 formadoras(os) e partilhando de algumas conclusões, fui levado a tecer as considerações que seguem.

O seminário evidenciou, com bastante ênfase, os seguintes pontos.

1º) *Como é importante buscar caminhos juntos: formadores e formandos.* O seminário transcorreu num clima de diálogo aberto entre formadores e formandos, sobre questões muito objetivas do dia-a-dia da formação. O importante é buscar caminhos. Os primeiros interessados nisso são os principais envolvidos no processo, isto é, formandos e formadores. Onde não há abertura, humildade e confiança mútua, o processo formativo se torna um jogo de forças e de poder.

Aspirantes, postulantes, noviças e junioristas, com suas respectivas formadoras colocaram, em grupo e em plenário, com liberdade, seus pontos de vista. Todas estavam ali com um só objetivo: *a formação na inserção.* As pessoas só são transparentes onde há ambiente. Isso só acontece quando todos buscam o mesmo fim, de maneira fraterna e desarmada.

2º) *É necessário priorizar a formação do ser.* Temos mil coisas para fazer e somos provocados a fazer mil coisas, mas é preciso investir no ser que faz, para que o ativismo não acabe por tornar tudo amargo, vazio e sem sentido. A formação na inserção não pode copiar os moldes tradicionais e nem ser obrigada. Ela se dá no confronto diário de vida e na vida do dia a dia. Por isso, se faz necessária uma metodologia integrativa, flexível e processual. As separações dos aspectos e assuntos a serem trabalhados são apenas didáticas. O principal papel do formador é ser presença, encarnada, daquilo que o formando busca e a congregação propõe.

3º) *Criação de comunidades de testemunho, de partilha, convivência e cultivo pessoal.* Testemunho é a prática das convicções assumidas. É o compromisso de vida com a palavra dada. É o primeiro e mais eficaz elemento formador e evangelizador. Parece um absurdo falar disso, mas infelizmente, se faz necessário. A vida comunitária é prejudicada pela mentalidade individualista, pelo personalismo e pela omissão.

4º) *Espiritualidade centrada em Jesus Cristo encarnado, solidário com a condição humana, em vista da redenção.* Isso não significa negligenciar toda a realidade cristológica e trinitária da espiritualidade. A vida inserida tem a missão específica de evidenciar a dimensão encarnatória de Deus, que ocorre na pessoa de Jesus. A Palavra se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,1-18). O discípulo encarna a Palavra para que Deus continue habitando entre nós. O discípulo também afina os ouvidos, treina o olhos e exercita o coração para perceber onde e como Deus continua encarnando-se entre nós. O formando na inserção, precisa aprender a perceber a presença do Deus encarnado e dela participar com vigor, para cultivar a remissão dos pecados e a ressurreição de toda a carne.

5º) *O povo com quem se vive é indispensável agente formador.* A formação da vida religiosa inserida não é para si mesma nem para a congregação. É para o Reino de Deus, Reino este, presente no meio do povo. O Espírito de Deus continua soprando e gemendo no meio dele. A formação é um processo global que não acontece só dentro de casa, mas dentro da vida, no dia-a-dia, a vida toda. De alguma maneira, muita gente participa. É ótimo quando o povo que convive é convidado a participar abertamente do processo. A experiência tem se revelado muito positiva. O formando ou formador que despreza o papel formador do povo não entendeu nada de inserção.

6º) *Trabalhar a formação da pessoa humana a partir de sua raiz cultural e do seu carisma pessoal, em vista da solidariedade e comunhão com os excluídos.* Destaca-se o contexto, "raiz cultural" e o texto, "carisma pessoal" do formando. Ambos exigem aplicação especial no processo formativo para que não tiremos o jovem do meio do povo e o preparemos para nunca mais voltar a servi-lo. Também para que não destruamos sua originalidade, seu carisma pessoal, em vista de projeto com o qual pouco se identifica. Muitas vezes tiramos do meio do povo e preparamos para o serviço de nossos interesses e de nossas instituições.

7º) *Entraves.* Muitos formadores vivem prensados entre a necessidade de mudanças profundas e as exigências de fidelidade à tradição formativa. As mudanças evidenciadas por parte dos jovens que chegam. As exigências dos governos provinciais e gerais. Outra dificuldade freqüente é a existência de religiosos com visões antagônicas sobre o processo formativo, vivendo na mesma comunidade. O confronto aberto e desarmado é muito positivo, mas a disputa para fazer prevalecer a própria visão é um desastre. O processo formativo, por si só, é exigente. As disputas internas geram um desgaste inútil e avassalador.

## A FORMAÇÃO DE JESUS

Para melhor caracterizar o segundo, quarto e quinto pontos, resolvi fazer uma leitura da vida de Jesus, enquadrada nos moldes do processo de formação inicial da vida religiosa de hoje. Para isso, me detive mais no evangelho segundo Lucas, porque fornece mais elementos para o trabalho que me propus. Lendo a vida de Jesus pelos óculos da nossa estrutura formativa, poderemos perceber e evidenciar luzes e sombras, bem como buscar inspirações para atualizar o nosso processo.

**O Despertar.** O despertar vocacional de Jesus acontece aos doze anos, por ocasião da páscoa, no templo de Jerusalém. Lucas 2,41-52 nos informa que, tendo os pais voltado para casa, Jesus permaneceu no templo. Percebendo a ausência do filho na caravana, os pais voltam a Jerusalém e o encontram no templo, entre sábios e doutores, admirados com sua sabedoria. A mãe lhe diz: "Filho, por que agistes assim conosco? Eu e teu pai te procurávamos aflitos". Ao que Jesus responde: "Por que vocês me procuravam? Não sabiam que eu deveria estar na casa de meu Pai?" Os pais não entendem a resposta do filho, mas o filho entende a angústia dos pais e desce com eles para a casa de Nazaré.

O que aconteceu? Jesus não se satisfaz em cumprir a tradição. A páscoa para ele não

se resume à peregrinação de alguns dias e ao cumprimento de rituais determinados pela lei. Enquanto os outros precisam do templo, Jesus sente que o templo precisa dele. Diferentemente de outros que buscam a Deus para se servirem, para serem válidos, Jesus vai ao encontro de Deus para servi-lo, para colocar-se à disposição.

A atitude desse adolescente revela um interesse que vai além da tradição e dos laços familiares. Ele tem sede e vai fundo. Falta aos pais sensibilidade e abertura aos anseios do filho. Os pais, em geral se preocupam muito em preparar o futuro do filho e se esquecem de preparar o filho para o futuro. O futuro de cada um, cabe a cada um fazê-lo. À medida que cresce, o filho precisa de mais espaço, mais tempo e mais autonomia, bem como mais responsabilidade pessoal, para amadurecer. É necessário assumir responsabilidade para crescer e amadurecer e não crescer para depois ser responsável. Os pais precisam dar-se conta disso, pois é fundamental.

Segundo Lucas, Jesus cresce em *sabedoria, idade e graça* diante de Deus e dos homens (Lc 2,52). Isso revela o crescimento integral, em todas as dimensões do SER. Exige mudanças, abertura e ousadia para que o filho seja ele mesmo, diante de Deus, do país, da sociedade e de si mesmo. O filho não é propriedade dos pais, é dom de Deus para o mundo.

Isso também, se aplica à vida religiosa. Cada geração é responsável por seu futuro. Nosso trabalho é preparar a próxima geração para que ela mesma construa sua história. Deste modo, não somos nós que vamos dizer o que está certo ou errado no despertar vocacional dos que nos procuram. O formador é facilitador. Ajuda os formandos no discernimento do dom que o Espírito suscitou em seus corações. Ajudando-os, favorecendo a que encontrem, com a maior originalidade possível, o próprio caminho. Caminho este que pode ser feito em parceria conosco, aprofundando, aperfeiçoando, transformando, ou mesmo recriando completamente o nosso.

A legítima vocação não nasce só para alimentar, manter ou aperfeiçoar o que já existe. Ela traz uma novidade original. Isso exige, de nossa parte, sensibilidade, atenção, abertura e aprendizado para não abortar a originalidade do Espírito que nos provoca por meio do jovem que nos procura. O discernimento é como o processo de gestação, muito delicado, frágil, vai se definindo no calor do afeto de quem acolhe e se dispõe a perder seu precioso tempo com isso. Para entender melhor do que falo é só conversar com uma mãe gestante. As lições mais fundamentais, a natureza sempre nos dá.

Em geral, pensamos que tudo está bem se a vocação se adapta ao que estabelecemos ou já assumimos estabelecido. Ficamos satisfeitos em enganar-nos, pois a vocação que se adapta ao estabelecido, geralmente, nada traz de novo, não tem futuro, presta-se apenas para conservar o que já existe. Isso significa um futuro mais pobre que o presente. Eliminar o que incomoda é extinguir o Espírito, pois o Espírito desestabiliza, exatamente por ser dinâmico. É gerador de vida. A vida vai sempre em direção ao futuro, não pára nunca.

**Discernimento.** Vimos já que Jesus desce com os pais do templo para a casa de Nazaré. Conforme Lucas 2,51-52 e 3,23, ele permanece aí dezoito anos, crescendo em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens. Jesus investe no dom, no talento, no carisma, diante de Deus doador e diante dos homens, destinatários desse dom. Jesus é dom de Deus que cresce para Deus e para a humanidade. Cresce em seu ser e em seu agir. Potencializa em seu ser e agir o ser e agir de Deus em sintonia com as necessidades da humanidade com a qual convive. A graça cresce quando se põe a serviço, pois, ao ser partilhada se multiplica.

O discernimento é feito em casa. O ninho que gerou é também o que aponta para a missão. É claro que Jesus não ficou reduzido à casa de Nazaré, mas a casa de Nazaré foi seu referencial.

**Ingresso.** Jesus se faz postulante de João Batista. Ingressa na congregação dele. A primeira tentativa, aos doze anos, foi no templo, agora, aos trinta, vai ao deserto da Judéia, junto ao Jordão. Encontra João e se faz batizar. O templo será sua última etapa. Por onde Jesus queria começar é onde vai terminar. Para não sucumbir ao fascínio do templo é necessário enfrentar o deserto. Mas Jesus não vai sozinho. Muita gente está indo para lá. Jesus vai com eles (Lc 3,21-22 e Mc 1,9-11). O Movimento Batista é o que existe de mais novo e radical para os que não se contentam em manter o estabelecido ou ficar esperando milagres dos céus.

Aos doze anos Jesus mostrou-se não satisfeito em cumprir as leis e tradições do templo. Agora confirma isso ao buscar o Batista. É preciso fazer alguma coisa. O sopro do Espírito mostra essa direção. O judaísmo precisa ser refundado, recriado. Isso exige profundas mudanças a partir do interior da pessoa, do seu ser (Mc 1,4-8; Lc 3,7-20).

O movimento Batista não é apenas o lugar da esperança dos excluídos, é também espaço de ação para os que querem ser agentes de transformação. A primeira transformação tem que acontecer na gente, a partir de dentro, para que a missão tenha fôlego de ir até o fim. O Batista exige, em primeiro lugar, *conversão*, para que a novidade de Deus seja acolhida. Assim a pessoa poderá ser agente de mudança. Conversão não é um ato, é uma dinâmica de vida, um processo que um dia começa e só acaba quando a gente morre.

O movimento Batista não é definitivo (Mc 1,7; Lc 3,16), é apenas o começo de uma caminhada, por isso, o mestre exige conversão, abertura, docilidade. Só quem cultiva essas atitudes é capaz de, progressivamente, engajar-se no definitivo. Mesmo assim, é preciso saber que o definitivo do meu tempo e da minha história não é o definitivo de Deus. Pode ser o definitivo de Deus, para mim. Mas Deus não se esgota e nem esgota sua revelação aí. O mestre Batista é aberto, não é ciu-

mento, tem consciência de sua transitoriedade e também de sua responsabilidade no processo que assume com vigor, mas faz questão de ser superado. O crescimento do discípulo é a glória do mestre e também sua dor de cabeça, pois há competição entre os discípulos. Há discípulos com ciúmes do mestre, que não aceitam o crescimento dos colegas e denunciam o novato. Ao que o mestre responde: "Importa que ele cresça e que eu diminua" (Jo 3,27-30). Jesus não ingressa para manter, mas plenificar o movimento Batista. Começa com o que encontra, isto é, batizando (Jo 3, 22-26) e pregando (Mc 1,14-15) como o mestre fazia, mas vai bem mais longe e mais fundo que ele (Lc 7,18-23). Coisa que não estava presente na intenção do fundador, ao menos expressamente, mas que enriquece, enobrece e plenifica a causa dele.

Este é também o fio condutor dos nossos postulados. Fazer postulado não é encaixar as pessoas nas nossas obras e planos, nem mesmo no nosso carisma. Fazer postulado é oferecer tudo o que temos, também o carisma, para que os jovens o encaixem na sua vida. Isso chama-se testemunho. Testemunho é algo que se dá, não se cobra e se dá de graça. Dar testemunho não é ser perfeito, é ser coerente, sincero. Ser o que se é, diante de Deus, das pessoas, de si mesmo e de tudo. O mestre é pessoa que tem consciência clara de seus limites e de seus discípulos, mas tem convicções fortes, que o levam, pela fé, além, sempre além.

**Noviciado.** O noviciado de Jesus é curto e decisivo. São quarenta dias em jejum, no deserto, assistido pelo Espírito Santo, seu mestre e tentado pelo diabo, seu contra-mestre (Mt 4,1-11 e Lc 4,1-13). Jesus faz o noviciado no deserto, na solidão, na carístia, não guardado ou protegido, mas exposto, em confronto com o fundamental. Ali aprende a discernir o que é essencial para viver. Molda as bases do futuro da vida em sintonia com a vida futura. Trabalha, a partir de si mesmo, a condição humana, criada a imagem e semelhança de Deus. É o tempo favorável para o cultivo do ser. Lugar propício para despo-



É uma região de pequenas montanhas e planícies férteis, banhadas pelo lago também chamado de mar da Galiléia, de Tiberíades ou de Genezaré. Por sua localização, a Galiléia do tempo de Jesus era ponto de encontro, cruzamento de estradas importantes que levavam em todas as direções (Síria, Líbano, Mediterrâneo, Deserto da Arábia, Transjordânia, Jerusalém, Egito, etc...). Região favorável ao comércio, também à agricultura, ao pastoreio e à pesca. Fala-se em, pelo menos, nove cidades ao redor do lago, no tempo de Jesus, algumas com mais de quinze mil habitantes. Era a região mais povoada de toda a Palestina. Morava ali gente de muitos países, por isso a região era também conhecida como "Galiléia das nações" ou dos "gentios" (Is 8,23). Os evangelistas estão de acordo que Jesus dedicou a maior parte de seu tempo para a evangelização da Galiléia, atingindo dali, outras nações, como o Líbano (Mt 15,21 e Mc 7,24) e a região da Transjordânia (Mc 5,1-20).

Aí, na Galiléia, cheio do Espírito Santo (Lc 4,16-21), proclama que acabou o tempo de espera. Chegou o tempo da realização. Agora não se lê mais a Palavra de Deus para animar o futuro dos outros. Lê-se para encarná-la e transformar o presente de todos, a partir de si mesmo. A partir dele, a Palavra continua a se fazer carne, realidade sensível, visível e palpável de Deus. O tempo da realização é do engajamento, da associação, do empenho em um novo modo de ser: discipulado, mestrado, partilha e comunhão.

Jesus jovem, cheio de ideal e de vigor, chega com tudo, mas não arrebenta e nem se põe como salvador da pátria. Não vai à luta sozinho. Parte logo para a ampliação dos agentes da causa do Reino. Segundo Marcos e Mateus, ele faz isso antes de qualquer atividade. Chama outros para participar da missão, independente do que vai dar no futuro, pois o futuro é de quem for solidário. Lucas 8,1-3 nos faz saber que o grupo continha também mulheres. Elas acompanharam Jesus pra todo lado, desde a Galiléia até o pé da cruz em Jerusalém (Lc 23,49).

**Elemento de destaque: oração.** Lucas faz questão de acentuar a importância da oração no juniorato de Jesus. Ele se retira, com frequência, para lugares solitários, durante a noite e reza (Lc 5,16; Mc 1,35). Faz todo o discernimento na oração, na comunhão com o Pai. Aí está o segredo de seu discernimento e o vigor de sua atividade.

A necessidade do povo, a falta de recursos, a falta de evangelizadores, a necessidade de criar alternativas põe Jesus a orar (Lc 6,12). O resultado do trabalho dos discípulos, as descobertas que ele faz por meio do trabalho deles, levam Jesus à oração (Lc 10,21). A maioria das vezes, não temos o conteúdo, apenas se diz que reza. Isso mostra que mais importante que o conteúdo, é a atitude, o estilo de vida orante. Repetir fórmulas, ler textos, cumprir ritos não é ainda rezar, é fazer apenas um exercício disciplinar. Rezar é estabelecer laços afetivos, é transbordar o coração, na alegria ou na dor, na angústia ou na esperança. Rezar é estabelecer, em profundidade, uma relação de confiança e de entrega. É sair de si. Rezar sem afeto é exercitar a esterilidade.

O juniorato de Jesus começa em local aberto, misto, público e internacional. Na Galiléia há espaço para agir, para ser e para criar. O povo se interessa, o povo crê. A vigilância do legalismo sectário é mais suave. É o espaço da diversidade. Muitos caminhos são possíveis. Isso exige muito empenho, discernimento e acolhida do diferente. Jesus acolhe, comunga, participa mas não se confunde. Mantém sua originalidade e assim participa do processo de recuperação da originalidade da gente que o procura: doente, aflita, sem rumo. Ele vai fundo no Espírito e incide no desejo de vida que nasce do íntimo de cada ser, das pessoas. A diversidade é uma riqueza, para quem conhece sua originalidade e está aberto ao diálogo, mas para quem não sabe quem é e o que quer, é um desastre.

**Transferência.** O Espírito que acompanha Jesus aponta para Jerusalém (Lc 9,51;

Mt 16,21-24; 20,17-19; Mc 10,32-34 e Lc 18,31-34). A Galiléia foi excelente. Muita coisa boa aconteceu, vida nova, realização e afirmação dos ideais de vida, mas é preciso prosseguir. É preciso atingir o centro gerador do sofrimento, da despersonalização, da exclusão. O Espírito diz que é necessário chegar a Jerusalém. Segundo Marcos 10,1 e Mateus 19,1 Jesus vai rapidamente, desviando a região da Samaria, chega imediatamente lá. Segundo Lucas Jesus aproveita a transferência para passar pela Samaria (Lc 9,51-55) e se demora nela um tempo considerável. Lucas usa 10 dos seus 24 capítulos para descrever essa viagem (Lc 9,51-19,28). A viagem de transferência é uma riquíssima escola de vida.

Por que a Samaria? Samaria é a região que une ou separa Judéia e Galiléia. Situada entre a capital religiosa (Jerusalém) e o encontro das nações (Galiléia), era uma região pobre e desprezada particularmente pelos habitantes da Judéia. A Samaria foi misturada com povos estrangeiros por ocasião do domínio do reino Assírio (2Rs 17,1-41). Assim, para os judeus, os samaritanos são infiéis e idólatras. Chamar alguém de samaritano, em Jerusalém, era proposta de briga. Não havia insulto pior. Jesus passou por isso (Jo 4,9 e 8,48).

É ali, na Samaria, durante a viagem, que Jesus colhe, na contemplação da vida do povo, as melhores lições de participação no Reino. Temos aí, as páginas mais lindas da presença do amor misericordioso de Deus nas atividades de Jesus. Vejamos.

1º) Acolhe o direito que os samaritanos têm de não o receber e adverte João e Tiago para essa realidade. O Evangelho deve ser pregado e acolhido na liberdade. Os samaritanos foram tão discriminados que têm medo até da própria sombra. Por isso, Jesus entende e acolhe suas reações (Lc 5,51-55).

2º) Faz um mutirão de evangelização com 72 discípulos. Todos voltam entusiasmados com o sucesso do trabalho e os frutos colhi-

dos. Jesus os adverte: “A alegria do evangelizador não se fundamenta nos frutos colhidos mas no engajamento convicto na causa do reino”. Em seguida irrompe, exultante de alegria, em ação de graças ao Pai, por que descobre naquela missão, que os pequenos (simples, humildes, sem instrução, etc...) entendem e estão abertos ao Evangelho, enquanto “os sábios e entendidos” têm imensas dificuldades (Lc 10,1-21). Lucas é o único evangelista a falar desse mutirão, feito exatamente, na Samaria.

3º) Coloca um samaritano como exemplo do jeito cristão de praticar o mandamento: “Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”. O samaritano, considerado ignorante na Lei de Deus, é o verdadeiro mestre do Reino, pois, o que conta é a prática de amar a vida e não a ciência da Palavra ou cumprimento de normas e leis. Jesus não trata do Reino para salvar as pessoas, mas, salva as pessoas para que o Reino aconteça e cresça. O Reino não é uma página de idéias lindas, mas a comunhão e partilha entre pessoas concretas (Lc 10,25-37).

4º) Provocado pelos doutores da lei que vêm virando do avesso seus ensinamentos, Jesus responde com calma e profundidade (Lc 15,1-32). Acabou o reinado do pecado, irrompeu, com todo o vigor, o tempo da reconciliação, da misericórdia, do perdão. Isso ele já ensinou na Galiléia: “Sede misericordiosos como vosso pai é misericordioso” (Lc 6,36). No passado se dizia: “Sede santos por que eu o Senhor vosso Deus sou santo (Lv 19,2). Mateus 5,48 diz: “Sede perfeitos por que o Pai celeste é perfeito”. *Lucas, no mesmo contexto, mostra que agora, a perfeição e a santidade se chamam misericórdia.* É perfeito e santo quem é misericordioso. É disso que Paulo trata em 1Cor 13,1-13.

5º) Vê e faz ver, que o leproso samaritano é o verdadeiro mestre da ação de graças (Lc 17,11-19) porque é capaz de perceber graça na cura, enquanto os outros só vêm seus direitos. Os que entendem o Reino são gratuitos e agradecidos.

B  
I  
C  
N  
G  
B  
R  
C  
V  
N  
O  
C

6º) Vê e faz ver, que o publicano é o verdadeiro mestre da oração (Lc 18,9-14). Aquele desprezado pecador é o que reza do jeito que agrada a Deus, isto é, reza respeitando Deus como ele é.

Na Samaria, durante a viagem, Jesus vê e faz ver, que o Reino de Deus já está presente e cresce nas atitudes, nos gestos concretos, das pessoas mais simples e humildes, nas pessoas que colocam a vida concreta acima das teorias e leis. Durante o noviciado, no deserto, Jesus aprendeu a discernir o que é absolutamente essencial. Agora, na Samaria, ele contempla e evidencia a prática disso. Segundo Lucas esse é o período mais brilhante da formação e do ministério de Jesus. Ali ele aprende e ensina como aprender. Ali ele aponta onde estão e quem são os verdadeiros mestres do Reino, coisa que escandaliza muita gente.

No caminho de Jesus nos perguntamos: quem são e onde estão os verdadeiros mestres da formação de nossos junioristas? São os formadores nomeados? É tarefa só deles? O juniorato mais que tempo de exercitar a fidelidade aos princípios ensinados é tempo de descobrir os apelos do Espírito e responder-lhe com docilidade e solicitude.

Que fazer quando nossos junioristas não percorrem os mesmos trilhos traçados por nós? Mandá-los embora? Não estamos também nós precisando de uma boa sacudida em todas as nossas "certezas e seguranças"? Será que o Espírito Santo abandonou a missão ou fomos nós que, na missão, abandonamos o Espírito? Temos que aprender a ver o Espírito onde e como ele se apresenta e não onde e como queremos ver. Isso vale para todos, junioristas e mestres.

**Em Jerusalém.** Aí acontece a última e decisiva etapa do juniorato de Jesus. É a hora do confronto com os que controlam a vida do povo em nome de Deus. Há muita gente, na instituição sagrada, servindo-se da vida que devia ser servida, usando dos que vão a Jerusalém cumprir a lei e buscar a bênção de Deus.

O novato Jesus, não respeita a ordem dos veteranos. Propõe uma nova ordem, mas ela acaba com a segurança e o poder de quem vive às custas das pessoas de boa fé, dos pobres e desesperados. Imaginem só, agora, por causa da rebeldia de uma pessoa, mudar tudo. Não, isso não. É melhor dar um jeito no incomodado.

Para ser fiel à vontade do Pai e zelar pelas coisas dele (Mc 11,15-19; Lc 19,45-48), Jesus toma algumas atitudes, que os responsáveis pela prática religiosa vigente, consideram alta provocação, até traição. Isso não vai ficar impune. É a convicção do novo, assumida pra valer, que se confronta com uma prática secular nunca contestada ou que abafa todas as contestações. Jesus tem que ser muito ousado para continuar coerente. Ele já havia anunciado que "O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado" (Mc 2,27). Disse que "o Pai quer a misericórdia" (Mt 9,13). Falou também que o tempo novo exige leis e práticas novas (Mc 2,18-20). Agora, conforme João 2,13-22, ensina que o templo foi feito para o homem e não o homem para o templo. O templo onde Deus habita não é obra de mãos humanas, é a própria pessoa humana. É uma questão de vida ou morte; ou Jesus aniquila a organização criminosa que se apresenta como guardiã do sagrado, das leis e da vontade de Deus, ou a organização (instituição) acaba com Jesus e tudo continua do jeito que está.

Ser juniorista na Galiléia foi difícil mas gostoso e compensador. Ser juniorista em Jerusalém, no centro do poder, nas barbas dos sacerdotes, fariseus e doutores da lei, parece impossível. Aí não há espaço. Ele não tem direito a errar, não pode acertar e muito menos criar. Se erra é condenado por incompetência. Se acerta, desperta ciúmes, pois torna-se concorrente. Se cria é condenado pela ousadia e pela "desordem" que o novo acaba gerando no que já foi estabelecido. Tudo já está traçado, selado, eternamente estabelecido. Tudo tem dono. O administrador tornou-se senhor. O que era bem de todos reduziu-se a bem de alguns.

Ser juniorista bom e santo em Jerusalém é reproduzir a tradição secular, conservar as práticas rituais e os costumes, cuidar para que nada seja mudado. É zelar pela letra, pela aparência, pelo discurso ortodoxo, pela instituição. É defender o estabelecido, mesmo que para isso seja necessário sufocar, matar o coração e o Espírito. Juniorista exemplar é o que não perturba o sossego dos chefes e não mexe com a vida feita.

As tentações enfrentadas no deserto (noviciado) agora voltam, com toda a força. Agora, em Jerusalém, Jesus tem que decidir por pessoas; por vidas e optar pela vida de todos e, com certeza, abrir mão da própria. É colocar o bem de todos acima do próprio bem. No noviciado, Jesus teve clareza do princípio. Agora é desafiado à radicalidade da prática. Encarnar o princípio, assumindo todas as conseqüências.

**Votos Perpétuos.** Depois do confronto em Jerusalém, Jesus está pronto para ser fundamento de todos os que se dispõem a fazer o seu caminho e serem cidadãos do Reino. Fecha essa etapa com três atitudes concretas e profundamente significativas. Evidencia assim a dimensão eterna (perpétua) do que faz e vive, na própria carne. Vejamos.

1º **Castidade.** Na ceia de Betânia (Mc 14,3-9; Jo 12,1-11), Jesus revela, a fundo, o que é fazer voto de castidade. Em Betânia, uma pequena vila, situada abaixo da cidade de Jerusalém alguns quilômetros, moravam os amigos de Jesus: Lázaro, Marta e Maria (Jo 11,1.18 e 12,1). Aí, durante a ceia, Jesus é abordado por uma mulher, mal vista pela população e reprovada pelos discípulos. Por gestos concretos ela revela a Jesus sua paixão, seu amor, idolátrico segundo alguns. Sem que ela diga uma palavra, fica evidente que Jesus é o homem e o Deus da sua vida. É tudo. Derrear, em poucos minutos, um perfume que custou um ano inteiro de serviço, fala mais alto que qualquer declaração de amor. Que faz Jesus? Entende, acolhe, deixa-se tocar por ela. A mulher se dá totalmente sem se

perder e Jesus a acolhe totalmente sem possuí-la. Sua acolhida radical a torna radicalmente livre. Só quem é casto entende a mulher e se arrisca ao preconceito dos que estão presentes.

Jesus viu e acolheu a mulher, a *pessoa*, na condição mais profunda, mais íntima de sua humanidade. Os demais presentes viram a prostituta, que não tem senso de economia. A mulher viu e acolheu o homem Jesus, profundamente angustiado, necessitado, sofredor. Os presentes só viam o mestre, o líder. Estavam com Jesus sem comungar de sua situação. Ser casto é ser assim; ver as pessoas no âmago de sua realidade pessoal. Vê-las inteiras e assumi-las inteiras, sem dividi-las por áreas de interesse e sem usá-las para os próprios interesses. Mas, ser casto é também assumir-se por inteiro. É por isso que no Antigo Testamento se fala de prostituição para significar infidelidade a Deus. A fidelidade a Deus passa pela fidelidade a si mesmo, pela originalidade do seu ser que é puro dom de Deus. Quem é capaz de ser original é casto e por sua vez é capaz de acolher e preservar a originalidade do outro. A castidade de Jesus fica mais evidente com a murmuração dos presentes. A atitude da mulher e a cumplicidade de Jesus são reprovadas, em nome do serviço aos pobres. Para Jesus a pobreza é serva da castidade. A castidade exige despojamento e este solidifica, sela a castidade. Quem dá seus bens aos pobres mas não se dá neles, não é casto e quem acolhe o serviço dos pobres mas não os acolhe, no seu ser, também não é casto. Só quem é capaz de acolher os pobres e a eles se dar por inteiro tem condições de viver a castidade.

Para concluir Jesus diz: "Em verdade vos digo, onde quer que no mundo se pregar o Evangelho, será lembrado o que ela fez". É a única vez que Jesus diz isso, em todo o Evangelho, porque o gesto da mulher é decisivo. Isso significa que viver o Evangelho é fazer o que ela fez. A castidade é o voto mais radical. Sem amor não existe humanidade, mas sem humanidade não se experimenta o amor.

2º) *Pobreza*. A última ceia, no monte Sião, o lugar mais alto e nobre de Jerusalém, é cenário da maior expressão de desapropriação de Jesus (Mc 14,12-25; Lc 27,7-34; Mt 26,17-29 e Jo 13,1-30). Aí, na ceia, Jesus despoja-se totalmente de si. Dá-se todo inteiro aos presentes e futuros discípulos da humanidade. O que a mulher fez para Jesus em Betânia, Jesus faz para os discípulos no "Cenaculum". Ao final do noviciado Jesus dizia: "Não só de pão vive o homem (Lc 4,4)". Agora ele diz: "Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer" (Lc 22,15). Dá-se todo inteiro para continuar sempre presente. Quando a presença física em carne e osso não é mais possível, cria outro jeito de estar com a humanidade. Um jeito simples, humilde, escondido e sóbrio. A razão da pobreza de Jesus é a solidariedade com os pequenos e com os que buscam o mundo por Ele proposto. Pela sua pobreza nos enriquece, pela sua entrega nos enobrece e por sua solidariedade nos eleva a uma nova condição. Jesus, nos ensina com isso que ser pobre, segundo o Evangelho, é ser solidário, é estar presente, é abrir mão e não fazer caso de si mesmo, em vista da realização da causa que abraçou.

Enquanto Jesus se dá aos apóstolos, um deles o vende às autoridades de Jerusalém. Jesus se deu a todos, mas Judas apropriou-se de Jesus sozinho e cobrou por aquilo que recebeu de graça. Isso revela bem os dois Reinos. No Reino da Graça não existe comércio. Negócio é traição. No Reino do Comércio não existe graça. Graça é traição. Aí está a razão da nossa dificuldade de entender essa radical atitude de Jesus. O máximo que conseguimos é fazer uma mistura, ao nosso modo, entre graça e negócio. Continuamos nos apropriando do que é de todos, vendendo o que recebemos de graça e aumentando o número dos seguidores de Judas Iscariotes. Este quadro está sendo revertido, mas só será completo quando mudarmos a metodologia e abandonarmos as ideologias.

3º) *Obediência*. Ali, logo fora da cidade, aos pés dos montes de Sião e das Oliveiras, está o vale do Cedrom e, próximo a ele, o Get-semani, no Jardim das Oliveiras. "Get-semani" é o instrumento para moer a azeitona e extrair o óleo. Próximo daí, Jesus se põe em oração, convida Pedro, Tiago e João para rezar com Ele. Jesus quer a participação de seus discípulos nessa busca, necessita deles. Isto revela a importância da comunidade no discernimento. A obediência não é uma busca isolada, mas comunitária, na oração. É certamente uma atitude pessoal, não solitária, por isso, Jesus convida os apóstolos a vigiarem com Ele. A solidariedade na obediência nos torna corresponsáveis na ação de cada um seja qual for a realização. Obediência exige humildade fiel, ativa e livre, para ser evangélica. É o contrário de obedecer por interesses particulares, por pressão ou por não ter opção.

A obediência de Jesus é uma opção radical. Toda opção radical exige o sacrifício das outras possibilidades. Isto só é possível em pessoas maduras e de caráter. Pessoas que conhecem outras possibilidades e entendem o sentido profundo delas. Só quem sabe bem o que quer e ama o que busca, coloca a fidelidade à busca no mesmo nível do preço da vida.

A obediência de Jesus se dá numa renúncia livre, de vontade. Ele deixa a sua vontade particular, pessoal, para assumir a do Pai, para realizar o Reino em favor de toda a humanidade. Esta vontade é dinâmica, pois vai se revelando no decorrer dos tempos, na construção da história.

Em Betânia, Jesus se põe do lado da excluída. Note-se que a excluída é uma mulher, a vida vem por ela. No Monte Sião, dá seu corpo aos apóstolos e, por eles, a toda a humanidade. Aqui, junto ao vale, no Horto das Oliveiras, entrega ao Pai sua vontade.

Seus votos perpétuos não são algo dito, mas vivido, não estão relacionados ao passado, mas ao futuro. É para o futuro que arrasta o Espírito de Deus, por isso, não se faz votos

uma vez por todas, mas entra-se numa dinâmica que exige fazer votos todos os dias, até o fim da vida.

## ATITUDES FUNDAMENTAIS

Até aqui tratamos da formação inicial. Apresentaremos agora uma relação de atitudes que servem e fazem bem para toda a vida em qualquer etapa que alguém esteja. São atitudes que favorecem nosso objetivo de avançar num processo permanente de escuta do Espírito de Deus, que sopra onde quer, quando e como quer. Para facilitar a leitura e reflexão fazemos uma relação em ordem alfabética. São atitudes que ajudam a manter a mente e o coração abertos aos sinais de Deus, num aprendizado permanente.

a) *Deus não é propriedade de ninguém.* Nós é que somos sua propriedade. Temos que aprender a ficar no nosso lugar. Deus é amigo, companheiro íntimo de todas as horas, mas ele é o Senhor e não nós. A ele confiamos tudo, até nossos mais íntimos e secretos pensamentos e desejos, pois, queiramos ou não, ele nos conhece mais que nós mesmos. Temos a certeza que ele só quer o nosso bem. Por isso, mesmo na maior miséria, não há ninguém melhor do que ele para confiarmos. Um Deus que satisfaça todas as nossas vontades, não é verdadeiro, é ídolo.

b) *A Palavra de Deus é maior do que a Bíblia.* Começou antes e continua depois. A Bíblia é a Palavra canônica de Deus. Por isso, muito cuidado em reduzir toda a mensagem de Deus ao livro Sagrado. Isso é pretensão demais para um ser humano. A misericórdia, a glória e o poder de Deus não cabem no mundo (ver Jo 20,30-31 e Jo 21,24-25).

c) *Ninguém, nenhum missionário chega a lugar algum antes de Deus.* Deus está no céu, na terra e em toda a parte, em toda a parte mesmo. Quando ele nos chama para algum lugar, nos espera lá, no lugar para onde nos enviou. Ele nunca nos chama só para ensinar, mas sempre nos faz aprender.

Deus sempre nos dá mais do que nos pede e quando nos pede alguma coisa é porque ele já nos deu. Portanto, mais do que preocupar-nos com o que vamos levar, devemos nos preocupar em como estabelecer diálogo com quem vamos encontrar. A Palavra de Deus vira carne na pessoa que recebe e não na pessoa que dá. A Palavra se torna carne em Maria, que acolhe e não no anjo que a dá.

d) *Não somos nós que levamos Deus às pessoas.* Nós levamos nossa experiência de Deus e isto serve de referencial para que elas mesmas se encontrem diretamente com Deus. Levar Deus às pessoas é mantê-las na nossa dependência. O objetivo de Deus é a vida em plenitude, isto significa liberdade, autonomia, originalidade, vitalidade em toda a condição humana. Uma pessoa só é madura na fé quando sabe encontrar-se com Deus diretamente.

e) *Crer firmemente que Deus quer salvar a todos e que tal salvação não é obra sua.* Você é criatura e tem a graça de participar dessa tarefa. Todas as nossas obras, tarefas, sucessos, nossa vida inteira precisa estar relacionada diretamente com Deus. Quem não faz assim vira um *deusinho*, egoísta, soberbo, metido, insuportável. Vira um desenvagelizador.

f) *Para libertar é preciso estar liberto.* Segundo Jesus isso vem pelo conhecimento da Verdade (Jo 8,31-32). A verdade é ele (Jo 14,5-6). Chegamos a ela por ele, fazendo o caminho que fez. Nós nunca temos a verdade total e nem temos condições de tê-la, mas todos têm a sua verdade que deve ser acolhida e respeitada. Levando a sério a verdade de cada ser e de cada coisa, chegamos à verdade de Deus.

g) *Só resgata uma vida quem abre mão da própria.* Assim fez Jesus. Assim fizeram todos os santos, canonizados ou não. Quem não é capaz de arriscar a morte não salva ninguém, não tem fé, é medíocre.

h) *Cultivar o espírito de acolhida. Tal como fez Maria.* O mundo está muito carente de acolhida. Quem é acolhido sente que é

importante e quem se sente importante encontra sentido na vida e nas coisas. A acolhida de Deus é gratuita. Ele nos acolhe como somos e do jeito que estamos. Depois, com o seu apoio, com a sua ajuda, temos condições de mudar, ser diferentes. Isso significa que não devemos exigir que as pessoas mudem para acolhê-la, mas acolhê-las para que possam mudar. O importante é criar laços, como diz o Pequeno Príncipe. Não somos arrastados pelas idéias bonitas, mas pelas pessoas que as vivem.

i) *Cultivar o espírito ecumênico.* A riqueza de Deus se expressa na diversidade. Deus criou tudo bom. Tudo o que existe tem um sentido e uma função. Tudo é importante no seu lugar. É preciso aprender a olhar o mundo, as coisas, as pessoas e os acontecimentos com os olhos de Deus. Quando o diferente nos incomoda é porque estamos fechados, quando o diferente nos ensina é porque estamos abertos. O segredo do Reino de Deus é a convivência harmoniosa de cada ser com sua originalidade e dos seres entre si.

j) *Andar com os pés no chão, a cabeça em cima do pescoço e o coração na mão.* A cabeça está em cima do pescoço para divisar e ampliar horizontes. Os pés nos colocam em contato com a realidade específica, a cabeça nos dá a realidade ampla. Tem coração na mão quem coloca amor em tudo o que faz. Anda com a cabeça no chão quem não é capaz de ver nada além de si mesmo e de seus interesses. Quem assim se comporta sofre e faz muita gente sofrer.

k) *Não deixar de ser a gente mesma e nem exigir isso de alguém.* Em geral, não gostamos de ser comparados com ninguém, mas temos um grande medo de ser originais, diferentes. Quando Jesus em Mateus 25,14-30 fala dos talentos que o senhor deu a cada um, está falando da originalidade, de dons, potencialidades que Deus, o Senhor de todos, dá a cada criatura. Deixar de ser a gente mesma é deixar de ser fiel a Deus e a si mesma.

l) *Antes de julgar, buscar o sentido das coisas, de tudo.* Ninguém é dono da verdade. A verdade é Jesus Cristo e ninguém é dono dele. Na verdade, não temos condições de julgar nem a nós mesmos, pois não nos conhecemos totalmente. Só Deus conhece tudo, portanto, só a ele cabe o julgamento. A nós cabe o discernimento. Temos de aprender a discernir caminhos para trilhar e não sentar no tribunal para julgar. A missão de Jesus, o Evangelho todo, nos é entregue para que saibamos discernir o bem e o mal e não para julgar o bem e o mal. O julgamento é a última coisa e compete ao que fez a primeira.

m) *Nunca supor as coisas.* Evitar ao máximo a intermediação. Nada substitui o diálogo direto. Diz o ditado que quem conta um conto aumenta um ponto. Além disso, acrescenta a sua interpretação, pois ninguém consegue ser imparcial. Sinceridade e transparência são o segredo das boas relações e de uma vida realizada. Não falar, na ausência de uma pessoa, o que não se tem coragem de falar na sua presença. Muitas brigas acontecem porque damos crédito a qualquer conversa e não procuramos a fonte. Quem não vai à fonte, em geral, bebe água suja.

n) *Saber que nenhuma situação ou condição desfaz a dignidade humana,* pois ninguém a dá e ninguém a tira, é Deus quem a dá e a dá a cada um. O que fazemos é reconhecer ou desprezar. É muito importante ser reconhecido. É dolorido ser desprezado. Mas não posso esquecer que o primeiro responsável por reconhecer o meu valor, sou eu mesmo.

o) *Manter uma constante atitude de conversão a Deus sem esquecer que ela passa pelo próximo.* O Deus que não está presente na terra, em toda a parte, é um ídolo e não merece adoração. O Deus de Jesus Cristo é próximo. Está sempre perto e se relaciona conosco por meio de tudo o que ele criou. Quem não ama as criaturas, mente que ama o Criador (1 Jo 4,20).

p) *Ter consciência de que em qualquer situação, sempre, a última palavra é da caridade.* Por melhor que seja alguém, chega o dia em que há de falhar. A perfeição é sempre relativa ao estágio de comunhão com Deus que conseguimos alcançar. O apóstolo Paulo, escrevendo à comunidade de Corinto, diz que a *caridade* está acima de tudo. Ela é o vínculo da perfeição. Não ter medo de pecar pela ternura. Nenhuma realização, nenhuma obra realizada sem *caridade*, agrada a Deus.

q) *Não esquecer que sábio é aquele que sempre está disposto a aprender e não despreza os que não sabem o que ele sabe.* Todo mundo é sábio no seu mundo e todos são ignorantes fora dele. Ser sábio é relativizar a própria sabedoria.

r) *Ter presente que se você conhece tudo o que está relacionado a você, você ainda não conhece tudo.* Você pode olhar o mundo a partir daquilo que você conhece mas não pode exigir que tudo se adapte a você. Dizer que o que não se conhece não existe é assinar o atestado da própria ignorância.

s) *Estar ciente de que sempre, antes de cobrar, é preciso dar.* "Tudo o que você quiser que alguém faça a você, faça você primeiro a eles" diz o Evangelho (Mt 7,12). Deus é assim: só pede o que nos deu.

t) *Saber que o perdão é a única coisa que faz a gente nascer de novo.* Onde não há perdão quem manda é a morte. Segundo a oração que Jesus nos ensinou, somos perdoados o tanto que perdoamos, somos perdoados como perdoamos (Mt 6,9-15). O perdão é a solução para libertar de todos os males.

u) *Vigiar, pois, quem olha muito para fora, em geral está vazio por dentro.* Quem olha muito para dentro, caminha em direção à morte. Vigiar é estar atento às oportunidades de vida, ao momento da graça, ao momento certo para a coisa certa. É por isso que se diz: *a hora agá (H).*

v) *Humildade sempre faz bem em toda a parte mas não se confunde com burrice.* Ser humilde é não fazer valer a sua verdade a qualquer preço, mas é também não entregar o ouro ao bandido. Jesus disse que quando alguém nos bate numa face, devemos oferecer a outra (Mt 5,39). Mas quando o soldado do sumo sacerdote lhe deu uma bofetada, respondeu: "Se falei mal, mostra-me em que, mas se falei bem, por que me bates?" (Jo 18,23). Jesus foi humilde. Não respondeu com violência, mas fez ver o seu direito e, por outro lado, a ignorância de quem bateu.

x) *Viver com alegria e satisfação, olhando sempre o futuro com esperança porque o bem é sempre mais forte do que o mal.* Está mais presente no mundo. É infinitamente mais abundante, mas não faz barulho. Precisamos ser mais positivos e divulgar mais o bem. Não temer o mal, mas enfrentá-lo.

y) *Nada é maior que o poder do Criador.* É muito importante não temer, mas enfrentar o problema da manipulação da criação em favor de exploradores e depredadores revestidos de benfeitores.

z) *Saber que quem crê cria, quem não crê, copia.* Manter sempre o original. Só quem tem fé mantém-se original, é capaz de ousar sempre e desafiar limites.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Confronte a sua etapa de formação com a formação da vida religiosa de Jesus e veja o que ela pode ensinar.
2. A nossa estrutura formativa contempla a originalidade dos formandos?
3. Segundo este texto quais são as exigências para se estabelecer um bom processo formativo?

# VOTOS RELIGIOSOS

CONSAGRAÇÃO À TRINDADE, COMUNHÃO COM A IGREJA E MISSÃO NO MUNDO

Frei Silvestre Gialdi, OFM Cap

A realização pessoal, a comunicação fraterna, o cultivo das relações afetivas, a experiência de oração e o apoio espiritual sustentam e afirmam o projeto da vida consagrada.

## INTRODUÇÃO

Vive-se numa época que prioriza a ética do desejo e não a ética da felicidade e a moral de princípios. A sensibilidade religiosa e não a fundamentação da fé. A privatização da fé e não a experiência comunitária da fé. Vive-se num tempo que relativiza o permanente, o universal, o duradouro, o perseverante, o contínuo. Volatizam-se os princípios universais. Valorizam-se a experiência da mudança contínua e as novas experiências de relações e de compromissos. Efetivam-se a imagem virtual, o tempo instantâneo, as experiências clônicas da genética.

Vive-se numa época em que se buscam conquistas sem sacrifícios, rendas sem trabalho e sem produção, ideais sem projetos de vida. Numa época que celebra as conquistas humanas da autonomia, da emancipação, da liberdade, da elegância e da feminilidade da mulher, e a ascensão dos *teens-ager* e do mundo juvenil. Uma época que exalta a beleza

produzida e comercializada e não o eros como projeto de beleza.

Nos tempos atuais, predominam o simbólico, a paixão, o belo, o estético, as cores, o movimento, a dança, o ritmo, a festa, a sensibilidade, a ternura, a afetividade como expressão de vida. Enfim, presenciaram-se o fim dos princípios universais e a ascensão das expressões culturais e pessoais, localizadas no espaço (aqui) e no tempo (agora).

A Teologia da Vida Consagrada sobre os Votos Religiosos precisa ser refletida e ser redimensionada a partir dos desafios do Novo Milênio. A partir das urgências culturais e dos avanços antropológicos, sociais e eclesiais. A Vida Consagrada não é mais compreendida como abandono e renúncia do mundo, mas como inserção no mundo, especialmente no mundo das culturas e no mundo dos marginalizados, excluídos e periféricos. Não mais como imitação de Cristo, mas como adesão e seguimento de Jesus Cristo. Não apenas como projeto pessoal de santidade, mas projeto de doação e, possivelmente, de oblação da própria vida, em comunhão com a Igreja e por causa de Jesus Cristo e do seu Reino.

Por sua vez, a comunidade religiosa é o lugar da liberdade, da autonomia, da responsabilidade, da participação e da comunhão fraterna, e não apenas um lugar da observância disciplinar e da dependência hierárquica.

O presente trabalho divide-se em cinco capítulos. No primeiro capítulo aborda-se o projeto de formação da Vida Consagrada: rito

de passagens e de iniciação, períodos de experiências fundantes e os desafios frente aos novos estilos e aos novos paradigmas. O segundo capítulo trata a questão dos Votos Religiosos: compreensão histórica, compreensão teológica, compreensão psicológica e compreensão pedagógica. Em seguida, o Voto de Castidade, refletido como experiência de amor sublime e evangélico, inclusive, as questões da afetividade, da sexualidade e da corporeidade. O Voto de Pobreza será abordado como experiência de doação e apelo social à justiça. E, por fim, o Voto de Obediência, a disponibilidade para a oblação e os novos paradigmas e desafios.

## 1. VIDA CONSAGRADA: PROJETO DE FORMAÇÃO

A formação é o constitutivo básico, elementar, fundante e permanente da Vida Religiosa Consagrada. É um tempo fértil de experiências pessoais e comunitárias para uma tomada de decisão e de afirmação vocacional e existencial, tendo em vista uma forma de vida, a Vida Consagrada. Portanto, a missão do formador é ser mestre: convidar o formando para fazer uma experiência apaixonante no seguimento de Jesus Cristo, conforme a experiência fundante e carismática do Instituto Religioso. Uma experiência agradável, participativa, pluralista, multilateral, prazerosa, alegre, lúcida e transparente, com mística e ascese, que conduz à realização, à autonomia e à felicidade.

O ponto de partida do projeto formativo é a valorização dos elementos antropológicos e culturais que a pessoa humana traz em sua bagagem vital, existencial e vocacional.

### 1.1 Formação: Rito de passagem e de iniciação

Antropologicamente, a formação para a Vida Religiosa Consagrada significa a passagem da cultura e da identidade civil

e secular para uma nova cultura e uma nova identidade de vida e de experiências: a cultura e a identidade da sociedade religiosa carismática. É a passagem da sociedade civil secular para a sociedade religiosa carismática. Verifica-se o deslocamento de interesses, de aspirações, de desejos e de esperanças. Verifica-se o deslocamento do eixo familiar, civil e secular com seus paradigmas e princípios, para o engajamento num novo grupo humano, com novos paradigmas e novos princípios quanto à organização, estrutura, carisma, espiritualidade e missão: a Vida Religiosa Consagrada.

Este processo não prioriza os critérios da ordem, da disciplina e das formas estabelecidas. Valoriza os princípios da personalização, mediante o envolvimento, a abertura, o questionamento e a compreensão do formando nos diferentes níveis: bio-físico-sexual, psico-afetivo e religioso-espiritual, respeitando os diferentes graus e as diferentes etapas de engajamento. A formação é um processo de iniciação e de consolidação.

No processo de iniciação abordam-se os elementos antropológicos, existenciais e intencionais básicos, como:

#### a) Identidade

É a descoberta do eu profundo: quem sou eu? Requer acolhida pessoal face a face, sem preconceito, prejuízos e constrangimentos. É um contrato de confiança mútua e de profundo respeito ao mistério da pessoa humana e de sua intencionalidade. A revelação da identidade é decisiva para o processo formativo.

#### b) Intimidade

É a descoberta das relações: com quem? Requer do formador e do mestre disponibilidade para a acolhida e para o diálogo personalizado, íntimo e profundo. Exige periodicidade, privacidade e sigilo. Igualmente, faz-se necessário estabelecer clima de res-

peito, compreensão e serenidade. A revelação da intimidade é um processo lento e transparente, por vezes, conflitivo e ambíguo.

### c) Gerentividade

É a descoberta do objeto: para quê eu sou? Este questionamento existencial e intencional deve ser respondido com honestidade, responsabilidade, segurança e esperança possível. Requer do mestre sabedoria para dirimir as dúvidas e para iluminar as decisões do formando.

### d) Sentido da Vida

É a descoberta da doação e da oblação: dar a vida em favor de quê? De quem? As forças, as energias e as capacidades da vida canalizadas para onde? Para qual causa e para que fim? As respostas para estas questões são orientadas pela Igreja: "A ação formativa, centrada na pessoa humana mais que nas estruturas, há de ser personalizante, superando os riscos de massificação ou despersonalização, permitindo ampla abertura aos dotes e inclinações pessoais, e a manifestação da individualidade e originalidade de cada um" (RIS, n. 85; VC n. 65).

E no processo de consolidação, a formação orienta para o sentido da vida, alimenta as esperanças e fundamenta o amor oblativo e martirial da Vida Religiosa Consagrada, obedecendo às diversas etapas formativas, que são:

### a) Postulantado

Período de buscas e de aprofundamento do sentido da vida. Conseqüentemente, é um período de dúvidas, indecisões e conflitos: rompimento e separação da cultura do mundo, com sua mística e com seu significado; e encantamento e admiração pela cultura do mistério e do sagrado, específico da Vida Religiosa Consagrada. O Postulantado fundamenta-se na experiência cristã da oração e do mistério. O mestre favorece o desenvolvimento da maturidade humana e espiritual. E favo-

rece o desejo ardente de oração, meditação e contemplação centradas em Jesus Cristo.

### b) Noviciado

Período de recepção e disponibilidade frente ao novo grupo humano. Neste período acontece o acompanhamento de um mestre e de uma comunidade formadora no seguimento apaixonado a Jesus Cristo, conforme a espiritualidade carismática fundante original. O desejo de consagrar a vida fundamenta-se na experiência de Jesus Cristo. Portanto, a formação deve educar para a liberdade, para a responsabilidade, para a opção pessoal e para a decisão vocacional.

### c) Juniorato

Período de inserção e de integração ao grupo institucional de forma consolidada e definitiva. Vivem-se a mística e a experiência do encantamento, da admiração e do maravilhamento por Jesus Cristo na expressão carismática fundante original: cada um colhe exatamente o que semeia. E adquire-se a experiência das realidades do mundo e da Igreja.

## 1.2. Formação: Período de experiências fundantes

Durante o processo formativo acontecem três experiências fundantes pessoais, existenciais e espirituais: a descoberta de Jesus Cristo na obediência e na experiência de Deus Pai; a descoberta do Evangelho a serviço dos pobres, dos necessitados, dos excluídos e dos periféricos; e a descoberta da vida comunitária fraterna, onde se revelam a ternura, a sensibilidade, a graça e a bondade de Deus. Portanto, na formação, no processo formativo e na dinâmica formativa o mestre assume duas funções pedagógica e espiritualmente intrínsecas: *a mistagogia e a teografia*.

*O mistagogo* é o pedagogo do mistério: o mestre encaminha o discípulo para a com-

preensão, para a acolhida e para a vivência do mistério profundo de Deus. É o *teógrafo* é o geógrafo da experiência divina: o mestre encaminha e envolve o discípulo na experiência, na mística e na espiritualidade do fundador do grupo fundante original e carismático.

A identidade da Vida Religiosa Consagrada se fundamenta na experiência e na vivência espiritual, contemplativa e extática: a oração pessoal conduz à oração comunitária fraterna, e a experiência do seguimento a Jesus Cristo conduz à missão específica. É uma experiência relacional, afetiva e apaixonante, mediante o encantamento, a admiração, o maravilhamento e o êxtase: a disposição de dar a vida e, se for necessário, sacrificá-la, havendo amor oblativo e martirial por alguém ou por uma causa significativa. Verifica-se a inversão do provérbio popular, "só se ama o que se conhece" para a exigência experiencial do amor: só se conhece o que se ama.

No processo formativo e na dinâmica formativa, a experiência amorosa e apaixonante do seguimento a Jesus Cristo obedece a dois níveis progressivos. No primeiro momento acontece a experiência do entusiasmo, do provisório, da busca e da luta entre a dúvida e a clareza, entre a possibilidade e a adesão, entre o fracasso e o acerto. E o segundo momento alicerça-se sobre a experiência da adesão, da clareza e do acerto. Assume-se o engajamento definitivo, existencial, institucional e eclesial, de forma livre, pessoal, autônoma e responsável.

Esta é, fundamentalmente, a missão do mestre: ajudar o discípulo a fazer múltiplas experiências acertadas, prazerosas, agradáveis, ascéticas, perseverantes, numa relação dialogal, democrática e articuladora. Formar pessoas equilibradas, críticas, criativas e capazes de articulação e de evangelização dos protagonistas da sociedade. Pois, a missão da Vida Religiosa Consagrada não se limita em assu-

mir o protagonismo da evangelização, mas deve ser articuladora de protagonistas: formar religiosos capazes de evangelização, de negociação e de articulação com os protagonistas e sujeitos da construção e da transformação da sociedade.

Na prática, significa formar religiosos não apenas para as obras institucionais, mas formar evangelizadores e prestadores de serviços para atingir as diversas categorias de executivos e dirigentes da sociedade. Attingir especialmente os novos sujeitos sociais das organizações alternativas e dos movimentos populares, tendo como critério a opção e o testemunho preferencial pelos pobres, excluídos e periféricos.

Formar religiosos capazes de testemunho e de respostas evangélicas para questões fundamentais, como: distinção entre fé e cultura; pluralismo da fé nas culturas, identidade cultural e diferenças culturais; ecumenismo, macroecumenismo e diálogo inter-religioso; empobrecimento, marginalidade e solicitude pela promoção da vida humana; urbanização da sociedade e a vulnerabilidade da prática da fé; comunicação social, a experiência comunitária e a solidão existencial; emergência do sagrado, o pluralismo religioso, a socialização da fé, a privatização da fé e a nostalgia de Deus; testemunho profético e os desafios dos novos areópagos, do novo milênio e da nova evangelização (VC n. 76-103; SD n. 25; SD n. 91).

Por fim, a consideração da problemática da modernidade e da pós-modernidade que incide em todas as instâncias da vida humana. Verifica-se o paradoxo da urbanização da sociedade e a vulnerabilidade da pessoa humana, especialmente do jovem. Ao mesmo tempo, o mundo urbano está engolindo o mundo rural quanto à mentalidade, ao comportamento, às atitudes e à sensibilidade. Nasce uma nova antropologia, a antropologia urbanizada, com novos sistemas e novas relações.

Os sistemas atuais são flexíveis, instantâneos e informatizados. Diante disso, a pessoa humana desenvolve atitudes e comportamentos conflitivos contraditórios. Há os que adentram e dominam a tecnologia informatizada. E existe um contingente humano que não assimila e não domina a informatização e a automação, gerando a complexificação e a tecnofobia: medo de encarar os avanços tecnológicos sempre mais simples e mais rápidos. Formam-se, conseqüentemente, duas gerações: a geração do “escutar” e a geração do “ver”. A geração do escutar, formada sob a pressão da normatização, das metodologias racionais, da aprendizagem conceitual, da obediência institucional: o domínio das estruturas e dos sistemas duros e flexíveis.

### 1.3. Formação: Novo estilo de vida e novos paradigmas

A modernidade proporciona um estilo de vida a partir da valorização do subjetivismo, da autonomia, da competência, da realização, da independência, da determinação e da felicidade instantânea. É um estilo de vida fundamentado na ética do desejo e não na ética de princípios. Portanto, mudam os valores, os princípios e os paradigmas que determinam a função, os papéis, a missão e a metodologia da formação na Vida Religiosa Consagrada.

*Primeiro paradigma* mudado: a formação, o processo formativo, a dinâmica formativa e as decisões formativas são refletidas e assumidas pela comunidade formadora, sob a coordenação do mestre, com poder, autoridade e funções específicas. A formação é colegiada e obedece o princípio do discipulado mútuo.

O *segundo paradigma* diz respeito ao modo de exercer as funções e as responsabilidades formativas. A estrutura piramidal e inquestionável foi substituída pela distribuição das tarefas, funções e responsabilidades,

segundo os encargos, as possibilidades, as condições, a competência e a confiança, obedecendo o princípio da colegialidade. Priorizam-se o testemunho marcante, a presença significativa, os espaços definidos, as tarefas estabelecidas, as responsabilidades assumidas. A colegialidade elimina o risco da fragmentação e fortalece a vida comunitária fraterna (VC n. 67).

O *terceiro paradigma* refere-se ao exercício da autoridade e a responsabilidade do poder. Surge a necessidade de fazer a passagem da compreensão da vida fraterna centrada no dualismo excludente entre o poder da autoridade e a submissão do súdito, que garantia a vida comunitária (comunidade de observância e dependência), para a compreensão da vida fraterna centrada na participação democrática, multilateral e consensual (comunidade fraterna autônoma de comunhão e participação). Nasce, assim, o desafio de se passar de uma atitude de dependência e observância para uma atitude de criatividade, responsabilidade, autonomia, criticidade e decisão, colocando-se a serviço os dons, os conhecimentos, as capacidades e as experiências. Na formação, é importante a capacidade de trabalhar em equipe, não apenas obedecendo os princípios da democracia, da liberdade e do consenso, mas garantir os fins, as propostas, os projetos, os critérios e os métodos da Vida Religiosa Consagrada (CC n. 23).

O *quarto paradigma* acentua a qualidade de vida e a qualidade de relações: sentir-se bem, realizado, autônomo, determinado, livre e responsável na função, no encargo, na missão, respeitando-se os níveis de engajamento e responsabilidades. Na comunidade formadora deve prevalecer o humor, a capacidade de convivência; a aceitação do debate, das decisões e dos resultados (Ibid. n. 27). Ao mesmo tempo, exigem-se responsabilidade frente à missão formativa; serenidade e criatividade diante de crises e mudanças.

As relações humanas modernas tornam-se participativas, transparentes, democráticas e consensuais. Priorizam-se a qualidade de vida, a inteligência emocional (intelligentia cordis, Duns Scotus), a sensibilidade do coração, a ternura relacional, a convivência afetiva. A vida torna-se simples, subjetiva, prazerosa, autônoma e livre. O importante é a vida e o mundo da vida. Rejeita-se a forma de vida dura, complexa, legalista, complicada, inflexível, dogmatizada e exigente. Ao mesmo tempo, não se distinguem as categorias de centro, periferia, fronteira e deserto. Tudo é globalizado. Cada periferia tem o seu eixo central e cada centro apresenta situações e exigências de periferia, fronteira e deserto.

A urbanização da sociedade global é rápida em sua infiltração e na provocação de mudanças. Esta problemática pode surpreender a Vida Religiosa Consagrada: enquanto se começa a partir, o mundo moderno já deu outros passos e tomou outra direção. Abraçam-se idéias e critérios esquerdistas, quando as questões e os conflitos ideológicos não têm mais significado abrangente. Discutem-se questões secundárias e periféricas como se fossem centrais e significativas.

A modernidade deslocou para a periferia improdutiva a filosofia, o conhecimento e o argumento através da razão, dos conceitos e dos princípios universais. A clareza não mais provém da razão (filosofia), mas da experiência (ciência) e do fenômeno (mundo da vida). Existe a disponibilidade para aprender das experiências e da realidade do mundo da vida. Por isso, buscam-se formas e métodos experienciais, existenciais e vitais, e recusam-se os argumentos racionais, os fundamentos teóricos, a aprendizagem conceitual, a adesão pelo convencimento e as expressões institucionais. O importante é a vida e o mundo da vida, com suas experiências e esponta-

neidade, e não a instituição, com suas exigências e estruturas. A vida tem sentido quando testada e realizada pela experiência pessoal e subjetiva: a experiência acontece aqui e agora, no espaço e no tempo emergentes.

Na Vida Religiosa Consagrada este é o desafio: formar para o sentido da vida, sem violar a intimidade, a consciência, a intencionalidade, o mistério da vida, a liberdade; sem impedir os desejos de realização, de autonomia, de afirmação e responsabilidade. No processo formativo, bastam o método pedagógico participativo, operativo, a palavra e o testemunho, e não as improvisações, o espontaneísmo, os discursos e as contradições. Bastam os gestos de bondade, de ternura, de carinho, de zelo e compreensão, e não cobranças, repetições, gritarias, comandos e imposições. Ordens, repreensões e ambigüidades inibem, frustram e afastam. As relações formativas devem ser claras, transparentes, negociadas, decididas, assumidas e avaliadas com método participativo, democrático e consensual, especialmente quanto aos meios, critérios, métodos e recursos. O importante é ajudar a construir personalidades livres, autônomas, democráticas, responsáveis, críticas e criativas.

Conseqüentemente, a compreensão e a vivência dos votos religiosos passam por novos enfoques e novos paradigmas. A castidade vivenciada como amor oblato, adesão e seguimento à pessoa de Jesus Cristo. Solidariedade, generosidade e sensibilidade nas relações humanas, na presença apostólica e na inserção no mundo. A pobreza vivida como entrega total da vida, seguindo o modelo de Jesus Cristo. Auto-sustento fraterno. Inserção e identificação com os excluídos e com os movimentos e causas populares. E a obediência comprometida como adesão conformativa à pessoa de Jesus Cristo. Diálogo e respeito à liberdade e à consciência.



vida sacrificada, custosa e difícil, mas o reconhecimento à divindade. Contudo, aos poucos, o voto toma sentido da doação livre, consagrada, oblação e promessa: consagrar e oferecer a pessoa inteira e plena. Assim atesta Orígenes (182-252): "Oferecer-se a si mesmo e agradar a Deus, não pelo trabalho do outro, e sim pelo próprio esforço, é o mais perfeito dos votos" (Ibid. p. 1183). E para São Basílio (330-379), os votos são oblação a Deus, que exige continuidade, e promessa aos homens. É o compromisso monástico: a profissão de fé e a resolução interna de castidade, pobreza e renúncia ao mundo (castidade, jejum e solidão).

Para os latinos, o voto tem "um significado muito preciso: é a promessa feita à divindade condicionada à obtenção do pedido" (Ibid., p. 1183). Por sua vez, para Santo Agostinho (354-430), os votos são promessas sagradas que devem ser cumpridas: "Antes de ser *voti reus*, tu eras livre para continuar sendo medíocre, porém tu fizeste um voto e o mínimo é que te mantenha fiel a ele" (Ibid. p. 1183). Em outras palavras, o voto significa a dedicação plena a Deus: devolve a Deus, de forma abundante, o que havia semeado em nós.

Os votos compreendiam a virgindade e continência, vida comum e renúncia aos bens, para servir o Senhor. No mundo latino, os votos tinham forte conotação jurídica sobre as obrigações e as sanções. A igreja latina entende o voto de forma jurídica, no sentido de promessa e de pacto. Aceita, também, o caráter de oferenda e oração da igreja grega. A dimensão jurídica da promessa é destacada por Santo Tomás de Aquino (1225-1274): "O voto é uma promessa feita a Deus" (Suma Teológica, 1980, v. 6, q. 88, art. II. 3, p. 2711).

Desde o fim do século primeiro, nas comunidades cristãs, encontram-se ascetas

e virgens. Nos primeiros séculos acentua-se o voto de virgindade e de continência, com a obrigação de fidelidade e com certa estabilidade. O sentido era de profissão, compromisso e pacto. A violação da virgindade e da continência era tratada como adultério: a reconciliação implicava a "plena penitência" imposta aos adúlteros.

A maioria dos autores inclinam-se em admitir que nos primeiros três séculos do cristianismo os votos não eram públicos, feitos perante a autoridade eclesiástica, mas privados: uma iniciativa pessoal, livre e sob o controle da comunidade cristã. Eram virgens e ascetas que viviam em suas famílias. Por sua vez, os eremitas, os solitários do deserto, não fazem promessa. Refugiavam-se no deserto para entregarem-se plenamente a Deus. Em síntese, a vida eremítica implicava a renúncia dos bens e a retirada solitária ao deserto. Por sua vez, os anacoretas obedeciam ao chamado de Deus, renunciavam completamente aos seus bens, recolhiam-se à solidão, na contemplação e viviam a perfeita continência. São experiências de vida. São estilos de vida, sem a explicitação do voto.

Os cenobitas introduzem a vida em comum e um período de prova antes da pertença à comunidade. A incorporação à vida monástica não exigia votos nem promessas. Depois de um período de experiências e de provas à porta do mosteiro e acompanhado por um mestre espiritual, o noviço recebia o hábito de monge na portaria. Era introduzido na prática da oração, na vida comunitária e na obediência, entendida como serviço à comunidade. A continência está implícita.

Aos poucos, porém, os monges pacomianos vão assumindo preceitos e pronunciam uma aliança, que é uma forma de obediência. Mandamentos professados diante da comunidade: um verdadeiro pacto com a comunidade, tendo Deus como testemunha.

O século IV caminha para a compreensão das promessas como votos na vida monástica. São Basílio de Cesaréia prescreve o ingresso na comunidade através do pacto: compromisso assumido “na presença de Deus e relativo a ele”, diante da autoridade eclesiástica e de testemunhas. Os votos religiosos compreendiam a castidade, como núcleo central; a obediência, explícita e sem reservas; a pobreza, renúncia absoluta dos bens, sem necessidade de entregá-los ao mosteiro. É uma profissão religiosa explícita e pública.

No Ocidente, na Regra do Mestre (Regula Magistri) encontra-se a primeira manifestação pública em forma de promessa, feita perante o abade na capela: Deus e a comunidade reunida são testemunhas. Esta Regra, sem título e anônima, muito extensa, com 95 capítulos, foi escrita nas primeiras décadas do século VI. Inspirou a Regra de São Bento, escrita entre 530 e 560. Na Regra do Mestre aparece a profissão religiosa com duplo significado: oblação plena a Deus (Deus e o oratório) e promessa visível (abade e comunidade). Ao passo que na Regra de São Bento, o objeto da profissão é tríplice: mudança de vida, estabilidade e obediência.

Porém, a declaração pública e explícita em dedicar-se integralmente a Deus tem como núcleo central o firme propósito da mudança de vida (*conversatio morum*). E a cerimônia da profissão compreende dois momentos: o pedido escrito (*petitio*) e o juramento oral feito a Deus, na capela, diante de testemunhas (*promissio*). O acento vital, conceitual e essencial da profissão religiosa passa a ser o voto, que ressalta os elementos fundamentais da vida humana e, ao mesmo tempo, desloca para a margem a oblação a Deus: a entrega plena a Deus na vida monástica. Pois, “o desejo de viver unicamente para ele foi o que levou os monges à renúncia, à conversão radical do coração, do des-

pojamento das paixões e à procura da pureza total da alma” (Rodrigues, Casas 1994, p. 1188).

A vida monástica, para alcançar a pureza do coração, compreende três renúncias. A primeira consiste em desprezar as riquezas e os bens deste mundo: prazeres, bens e família. É a renúncia exterior. A segunda implica na renúncia à vida passada: vícios e afeições. E a terceira renúncia objetiva afastar a mente das coisas presentes e sensíveis, para contemplar e desejar unicamente as coisas futuras e insensíveis. As três renúncias compreendem, também, a renúncia das coisas, pessoas e parentes; a renúncia à vontade própria e à vanglória; a renúncia ao sorriso para não dissipar a mente dirigida unicamente para Deus.

Aos poucos, delimitam-se e definem-se canonicamente os três compromissos ou os três votos da profissão religiosa, isto no século XII: a castidade, a pobreza e a obediência. Deve-se ressaltar que neste período destaca-se a prioridade do voto de castidade. A reforma gregoriana do século XII impõe o celibato ao clero e aponta-se a vida monástica como paradigma de que a continência é possível. Até então, as regras monásticas, por ser implícito e óbvio, quase não mencionavam a castidade. Em 1198, aparecem pela primeira vez, explicitamente, os três votos, na Regra dos Trinitários. Em seguida, na Regra Franciscana (1221 a regra não-bulada e em 1223 a regra bulada) destacam-se os três votos. E, também, em 1253, na declaração de Inocêncio IV às Clarissas: “Esta Regra não compromete as irmãs senão na obediência, na renúncia da propriedade privada e na castidade perpétua, que são os valores substanciais de qualquer forma de vida religiosa” (Ibid. 1994, p. 1189).

Por fim, Santo Tomás de Aquino, em 1270, na Summa Theologica, define o marco teórico e a fundamentação teológica que ga-

ranterem a estabilidade e a perenidade dos três votos religiosos. O Concílio de Trento, no século XVI, confirma a doutrina dos três conselhos evangélicos, como expressão essencial da doação plena ao Senhor e do seguimento a Jesus Cristo, mediante a castidade, a pobreza e a obediência. Com algumas variantes e particularidades, esta é a forma consagrada, na dimensão ampla e abrangente.

## 2.2. Compreensão Teológica dos Votos Religiosos

A Vida Religiosa é entendida como estado de vida na Igreja, um modo estável de viver na Igreja através dos votos religiosos: patrimônio recebido de Jesus Cristo. A *Lumen Gentium*, quando fundamenta a profissão dos conselhos evangélicos, afirma: “Os conselhos evangélicos da castidade consagrada a Deus, da pobreza e da obediência se baseiam nas palavras e nos exemplos do Senhor”. Em seguida acrescenta: “[...] um dom que a Igreja recebeu do seu Senhor e por graça d’Ele sempre conserva” (LG n. 43). Por sua vez, a exortação *Vita Consecrata* atesta: “[...] os conselhos evangélicos são, primeiramente, um dom da Santíssima Trindade” (VC n. 20). E um pouco adiante completa: “A relação dos conselhos evangélicos com a Trindade santa e santificadora revela o sentido mais profundo deles. Na verdade, são expressão do amor que o Filho nutre pelo Pai na verdade do Espírito Santo. [...] A pessoa consagrada vive, com particular intensidade, o caráter trinitário e cristológico que caracteriza toda a vida cristã” (Ibid., n.21).

Por isso, a Vida Religiosa Consagrada constitui um modo de ser cristão, uma condição de vida, um estilo próprio de vida, uma forma original permanente e uma dimensão constitutiva da Igreja, como dom do Pai. Pois, “é próprio da vida religiosa [...] professar os conselhos evangélicos pelos votos

recebidos pela Igreja. Estes votos são resposta ao dom de Deus que os precede e que, sendo um dom de amor, não pode explicar-se. É algo que Deus mesmo opera na pessoa por Ele escolhida” (DIVR n. 13). A consagração religiosa é gratuidade, doação e oblação.

Os conselhos evangélicos, como expressão e vivência da castidade, da pobreza e da obediência, consagram, elevam e sublimam as três dimensões fundamentais da pessoa humana: a sexualidade e a capacidade de amar e procriar; a posse de bens e o poder de multiplicá-los; a liberdade e a expressão da vontade própria. Os religiosos e as religiosas realizam e explicitam os conselhos evangélicos de forma pública e na vivência estável como estado de vida na Igreja. Por isso, a profissão religiosa não é transitória, esporádica e circunstancial, mas uma condição existencial permanente de vida, de santidade, de doação, serviço, anúncio, profecia e oblação.

A Vida Religiosa Consagrada não faz parte da estrutura hierárquica da Igreja, mas pertence de modo original, indiscutível, próprio e irrenunciável à sua estrutura interior: vida, testemunho e santidade; espiritual, pneumática e carismática (LG n. 44). Justamente por pertencer à esfera nuclear e central da santidade da Igreja, transcende a hierarquia da Igreja.

A profissão dos conselhos evangélicos significa compromisso e estabilidade: a radicalidade do modo de vida. Abrange a totalidade da pessoa humana, no seguimento a Jesus Cristo, que viveu e testemunhou de forma significativa, profunda e abrangente todas as expressões da vida.

## 2.3. Compreensão Psicológica dos Votos Religiosos

A profissão dos votos religiosos de castidade, de pobreza e de obediência encontra

sentido e significado no seguimento radical a Jesus Cristo, como adesão livre e responsável. Quando desvinculado da fundamentação cristológica, da comunhão eclesial e da dimensão antropológica, a compreensão dos votos religiosos torna-se reducionista, arbitrária e artificial, que ofende a dignidade da pessoa humana, sua realização, sua autonomia e sua liberdade.

Pois, a pessoa humana, intrinsecamente, tem o direito de viver, experienciar, realizar e plenificar o amor, a afetividade e a sexualidade pelo voto de castidade, a exemplo de Jesus Cristo. A capacidade ativa, livre e operativa de administrar os bens e superar o senhorio e o poder dominador pelo voto de pobreza, conforme o testemunho de Jesus Cristo pobre. E a capacidade livre, autônoma e determinada de organizar e programar a sua liberdade, a sua vontade, a sua responsabilidade e a sua existência pelo voto de obediência, no seguimento e na adesão a Jesus Cristo obediente ao Pai. Portanto, a profissão dos votos religiosos implica a consagração da pessoa toda, a doação de si mesmo a Deus e a transformação de toda a sua existência em louvor, honra, glória e culto a Deus (CDC c. 607,1).

É oportuno salientar que a consagração religiosa compreende a dimensão teológica no sentido do chamado de Deus, da expressão trinitária da consagração, do seguimento a Jesus Cristo, da comunhão eclesial e da missão no mundo. E compreende a dimensão psicológica, que traduz a problemática das motivações conscientes e inconscientes, e a questão da atitude pessoal frente ao compromisso assumido.

Em sentido estrito, a motivação central da consagração religiosa refere-se à doação oblativa a Deus e à missão carismática no mundo por meio da Igreja. Contudo, existem na pessoa humana outras motivações que os testes da psicologia profunda podem reve-

lar. O período da formação inicial (postulantado, noviciado e juniorato) favorece a sensibilidade e a transparência das motivações. O importante é que as motivações inconscientes acompanhem as motivações conscientes sobre a intencionalidade profunda, o grau de consistência da decisão, o nível da liberdade, a retidão dos desejos, a capacidade de esperanças, os sinais de autenticidade, a capacidade de superar crises e conflitos, a disponibilidade livre de entrega ao Senhor e de serviço aos outros.

Em segundo lugar, é psicologicamente importante a questão das atitudes pessoais. Estas não são apenas manifestações e posturas externas e circunstanciais, mas envolvem a totalidade da pessoa humana: o modo de ser, de agir, de pensar e de sentir. Portanto, o processo formativo deve considerar a formação e a reestruturação da personalidade como processo longo e dinâmico. É fundamental saber discernir e distinguir atitudes como valores e atitudes como necessidades. Nas atitudes como valores, a ação expressa o eu ideal. Ao passo que as atitudes como expressão tendem a satisfazer as necessidades. Neste caso, as atitudes nem sempre são transparentes, como: excesso de carinho pode expressar desejo de dominação; gentileza demasiada pode significar expressão de agressividade.

É determinante formar personalidades fortes e livres, com atitudes pessoais autênticas e transparentes, e que a atitude central frente aos votos religiosos seja expressão da totalidade da consagração. Isto implica assumir e viver os conselhos evangélicos, não de forma idiossincrática, ambivalente e fragmentada, mas integrados e nos diversos níveis: psicofisiológico, psicossocial e afetivo-racional-espiritual. O nível psicofisiológico refere-se à integração dos três votos nas necessidades físicas: comer, dormir, ter, sobreviver, crescer, desenvolver. O nível psicossocial diz respeito à integração dos con-

selhos evangélicos nas relações humanas: simpatia, empatia, amor, afeto, ódio, solidariedade, generosidade, ajuda mútua, dominação, rejeição, amizade. E o terceiro nível requer integração dos votos religiosos na dimensão afetiva-racional-espiritual e suas necessidades: pensar, avaliar, julgar, observar, despojar-se, transcender, valorizar com o coração, com a mente e com o espírito.

A importância do discernimento (diákrisis), que não é apenas bom senso e autocohecimento, mas significa ver com clareza e disponibilidade, a dedicação, a generosidade, o serviço em nome do Senhor, por causa do Senhor e alimentado pelo espírito do Senhor.

#### 2.4. Compreensão Pedagógica dos Votos Religiosos

A compreensão pedagógica dos votos religiosos refere-se à formação para condutas, atitudes, responsabilidades e situações próprias da vida adulta, especificamente quanto à afetividade, sexualidade e corporeidade; quanto ao poder, senhorio e uso e administração dos bens; e quanto à liberdade, vontade e autonomia.

O processo formativo visa superar o risco do comportamento infantil, narcisista, egoísta, agressivo, dominador e possessivo que podem gerar a sexualidade e a afetividade não integradas (voto de castidade). A expressão pedagógica dos votos religiosos quer vencer as atitudes de comodismo, insegurança, ansiedade, posse, concentração, acúmulo de bens, das coisas, do poder (voto de pobreza). E visa remover as posições de afastamento e distanciamento quanto às responsabilidades; superar a passividade e a submissão; vencer a revolta e a agressividade frente à autoridade (voto de obediência).

A experiência autêntica, equilibrada e adulta dos votos religiosos requer maturidade, sensibilidade, responsabilidade, liber-

dade, autonomia, determinação frente à vida assumida e aos desafios do mundo. A maturidade pessoal se reflete em construir e revelar o estatuto de mulher ou de homem frente à consagração religiosa e frente às relações com Deus, com o gênero humano e com o mundo. A realização pessoal, a comunicação fraterna, o cultivo das relações afetivas, a experiência de oração e o apoio espiritual sustentam e afirmam o projeto da vida consagrada e o processo pedagógico da formação.

A pessoa humana tem o direito de viver a realização pessoal, a satisfação de suas opções, a paz com a própria vida e a alegria da convivência. As relações pedagógicas e formativas devem garantir estas expressões humanas e antropológicas para a integração plena e harmônica dos votos religiosos. Pois, a Vida Religiosa Consagrada não significa negação dos sentimentos afetivos; negação dos desejos de poder e de posse; e nem negação dos desejos de autonomia e de liberdade. A Vida Religiosa Consagrada assume uma maneira diferente e diferenciada de viver, de realizar, de testemunhar e de proclamar os sentimentos, os afetos, os desejos e as aspirações: implica adesão radical a Jesus Cristo e ao seu modo de viver os sentimentos, os afetos, os desejos e as aspirações.

Os votos religiosos são mediações e não fins para a vivência da consagração, para a convivência da vida comunitária fraterna e para a realização do apostolado e da missão. Os votos religiosos também são mediações de solidariedade para com os pobres, órfãos, viúvas, excluídos e periféricos. Mediações de solidariedade para com aqueles que não experimentam os afetos humanos ou são desprovidos de amor e de fecundidade. A profissão dos conselhos evangélicos requer, igualmente, solidariedade para com os excluídos do usufruto de bens, de dinheiro, de conforto, de lazer, de emoções, de informações, de conhecimento, de

saber. Solidariedade para com os presos, os oprimidos; para com os que vivem todo o tipo de dependência ou submissão.

A Vida Religiosa Consagrada, através da profissão dos conselhos evangélicos, opta por um modo de viver a solidariedade: o

resgate da pessoa humana e a missão cristã da reconciliação, da salvação e da redenção. O filme "Os últimos passos de um homem" apresenta um testemunho significativo da Vida Religiosa Consagrada solidária com a dignidade e com a missão redentora de Jesus Cristo.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. De acordo com o texto, quais as novas exigências do Novo Milênio para a Vida Consagrada?
2. Estamos sabendo valorizar os elementos antropológicos e culturais que o formando traz em si mesmo, em sua individualidade e originalidade?
3. Após uma leitura atenta do texto, precisamos rever com maturidade, responsabilidade e sensibilidade o novo enfoque dos Votos Religiosos, como mediação de solidariedade: solidariedade para com os pobres, os presos, os oprimidos, os excluídos.

# A CRISTOLOGIA COMO ANTROPOLOGIA

OU

Todas as vezes que fizestes o bem a um desses pequeninos,  
que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!

Frei Prudente Nery, OFM Cap

Em sua ausência ou presença, de Deus nunca estamos fora. Tudo o que somos e temos é manifestação de sua força e de sua graça. Ele é nosso próprio Mistério.

## 1. OBSERVAÇÕES INICIAIS OU: RACHAI A LENHA, EU ESTOU LÁ. ERGUEI UMA PEDRA E LÁ ME ENCONTRAREIS!<sup>2</sup>

Ordinariamente, assim pensamos: aqui está o homem e ali, ao seu redor, todas as coisas dele diferentes. Ele abre os olhos e os sentidos, como quem abre o diafragma de uma câmara fotográfica, e tudo aquilo que lhe é exterior imprimir-se-ia no filme de sua interioridade. Esta compreensão é, apesar de sua difusão, demasiado difusa e não responde às questões mais elementares da própria experiência humana. Por exemplo: de onde vem que, embora diante de uma só e mesma realidade,

dela tenham os homens percepções tão diversas? E por que se relacionam os homens com singulares idênticos de forma tão plural? Diante desta multiplicidade perturbadora de possíveis abordagens do real, pergunta-se então: qual delas é a mais verdadeira, isto é, aquela que mais se adequa, que melhor reflete, mais precisamente espelha o objetivo? Qual a mais objetiva e real? Haveria, acaso, um olho capaz de captar aquilo que a coisa é, em si mesma, sem as interferências das valorações, dos desejos, dos interesses?<sup>3</sup> Hoje, sabe-se que a pura objetividade não é apenas um postulado impossível, mas impostor. Há um ineradicável prévio ao nosso olhar, algo que derrama, à nossa frente, a luz sob cuja claridade todas as coisas serão vistas, algo que dimensiona e direciona o ocular<sup>4</sup>, focando-o, posicionando-o nesta ou naquela mirada, a partir de onde o olho verá isto ou aquilo. Este prévio é que produz a diversidade de óticas. Removê-lo não se pode, mas é possível retirá-lo do anonimato, desvendar seus interesses incógnitos, descortinar seus pressupostos silenciados ou simulados e declarar a sua proveniência. O que o olho vê é aquilo que se lhe mostra neste âmbito previamente estabelecido, no horizonte circunscrito da visão, na cla-

1. Mt 25,40.

2. Jesus de Nazaré, na coletânea não-canônica (apócrifo) de aforismos e parábolas: *Evangelium Thomae Copticum*, 77.

3. A palavra interesse remonta ao composto latino *inter* + *esse* e diz, na sua literalidade: aquilo que está entre e ao fundo. Interesse é, assim, a ligadura (entre) e o sustentáculo (fundo) de tudo aquilo que somos e temos e fazemos; o silenciado e anônimo que ordena as parcialidades da vida, coordenando-as numa totalidade de sentido.

4. Com acerto dizia Tomás de Aquino: *ubi amor, ibi oculus* (In III Sent. – d. 35, q. 1, a. 2): onde está aquilo que amamos, para lá se volta também o nosso olhar.

reira ou claridade projetada pela luz do próprio olhar e nada mais.

O entardecer, por exemplo. Nenhum outro instante do dia é assim tão encantador do que quando, na sobretarde, o sol se vai. O recato das luzes, a suavidade das cores, o canto dos pássaros, o silêncio que se derrama sobre o mundo, como a saudar em reverência e num último adeus um grande senhor. Contemplar um tal instante é maravilhoso... quando se tem um teto e um leito aonde se recolher, na noite que se anuncia. Mas como será o cair da noite para aquele que está desanimado a passar seus dias e noites no repúdio e ao relento? Seguramente: infinitamente triste, porque, para este, o pôr-do-sol é prenúncio de infundáveis horas de penúria.

Mais uma vez, contra a compreensão ordinária: o olhar humano jamais é uma câmara, nem o homem um estúdio fotográfico, no qual a coisa (*res*) se adentraria para desvelar-se a ele, sob os canhões de todas as luzes, na nudez de sua privacidade (realidade). As coisas, todas elas, são muito mais sóbrias e discretas do que desejariam alguns olhares devassos. A derradeira intimidade de tudo aquilo que nos cerca é um interdito, em duplo sentido: ser-nos-á manifesto (dito) sempre à meia-luz (*inter*) e nada mais além disso (*interdito*), como sob a umbrátil luz de uma câmara nupcial: um dar-se que, em recato, se retrai e, nesta misteriosa retração, inesgotavelmente nos fascina. Esta questão que, em todos os tempos, sempre ocupou a atenção do pensar, Tomás de Aquino a condensou na frase: As

*coisas conhecidas estão no que conhece segundo o modo daquele que conhece<sup>5</sup> e poderíamos acrescentar: jamais segundo o próprio da coisa.*

Frente ao Sagrado, o pensar conseguiu, quase sempre, manter um certo pudor e confessar os limites de suas possibilidades de conhecimento. Com mordaz precisão, assim se expressava sobre isto Cirilo de Jerusalém: *Dizemos, pois, de Deus não o quanto convém, mas o quanto capta a natureza humana e o quanto consegue carregar a nossa imbecilidade... acerca de Deus, o máximo conhecimento é confessar a própria ignorância<sup>6</sup>.* Em referência às demais realidades (coisas, seres e homem), porém, cedemos, não raro, às seduções de um pretensa apropriação definitiva da sua verdade. Ora, também as coisas possuem uma última insondabilidade e são, aí, inefáveis. Por isso aquilo que das coisas ajuizamos e os nomes que lhes emprestamos dizem mais sobre nós do que algo próprio sobre as coisas, elas mesmas. Dependendo da quantidade e da qualidade da luz que sobre as coisas projetamos, assim também as veremos<sup>7</sup>. Destarte, por mais objetivos que queiramos ou devêssemos ser: haverá sempre, em todas as nossas relações, conhecimentos, juízos e falas aquilo que nos cerca, um resíduo indelével de nosso próprio ser.

Também aquilo que dizemos ou dissermos sobre Deus, por mais diligente que seja a nossa linguagem, estará ainda e sempre encerrado dentro dos limites deste intranspo-

5. *Cognita sunt in cognoscente secundum modum cognoscentis* (in *Summa Theologica* II/II q.1, a.2, resp.).

6. *Dicimus enim non quantum oportet de Deo, sed quantum capit natura humana et quantum imbecillitas nostra ferre potest... circa Deum enim magna cognitio est ignorantiam confiteri* (in *Enchiridion Patristicum*, Herder, 1929, p. 259).

7. Com freqüência, denuncia Jesus Cristo o vínculo íntimo que há entre o ver e o ser. Na linguagem plástica que lhe era tão típica, assim propunha Jesus esta ontologia do olhar: *A lâmpada do corpo é o olho. Se pois o teu olho está são, teu corpo inteiro estará na luz. Mas se o teu olho está doente, teu corpo inteiro estará nas trevas... Se pois a luz que há em ti são trevas, quão espessas não serão as próprias trevas* (Mt 6,22-23); ou, na variante apócrifa: *Havendo no homem, em seu íntimo, luz, ele ilumina todo o mundo; se ele não ilumina, tudo são trevas* (Evangelium Thomae Copticum, 24). Assim, o homem vê não porque tem olhos, mesmo porque é possível que alguém tenha olhos e não veja (Mt 13,13; Mc 8,18; Jo 9,41). *Não basta abrir a janela para ver os campos e o rio. Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores...* (Fernando Pessoa – *Obra Poética* – Ed. Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1986, nº 261).

nível antropológico<sup>8</sup>. Nós não temos palavras sagradas, mas apenas o nosso humano dialeto e só nos seus versos nos é dado pronunciar o Mistério de Deus. Já por esta razão, deveríamos confessar que toda teologia (cristologia) que produzimos é antropológica, isto é, ela atravessa a experiência, segue a lógica, assenta-se sobre a racionalidade, faz uso de categorias humanas, irremediavelmente.

Mas as razões decisivas são outras. O desastre ruinoso da metafísica<sup>9</sup> soterrou também os claros itinerários para Deus, trancou-nos no mundo e fez-nos ver, definitivamente, que o que realmente existe é mesmo *essa terra onde a nossa alma erra* e, para além dela, nada. O Deus que sob os clarões da metafísica, parecia-nos tão indubitavelmente manifesto, mergulhou silencioso, assim parece-nos, no mistério do seu segredo. Ficamos sós no mundo: as coisas, os homens, tudo demasiadamente mundano e, para além disso, apenas uma doída saudade do Absoluto. Mais sentida do que era a sua presença, é agora a sua ausência.

Mas a inquietude<sup>10</sup>, esse misterioso hóspede do coração humano, revela-se indebelável. No meio dos relativos, a busca do Absoluto, às vezes silenciosa, às vezes desesperada, segue adiante. E é esta inquietude que hoje

impõe ao pensar religioso e à razão teológica a sua mais grave questão: como, atravessando o horizonte do mundo, encontrar o Absoluto, o repouso de nosso humano desassossego? Estaria, acaso, o homem contemporâneo condenado a uma tragédia prometeica: ver-se irreparavelmente acorrentado às rochas deste mundo, enquanto pássaros devoram suas entranhas? Nossas saudades de infinitude, estariam todas elas destinadas apenas a tristes lamentações diante do muro intransponível de nossa pura mundanidade? Ou havia alguma senda, que transgredisse os limites da mundanidade, conduzindo-nos, já aqui, a uma clareira, em que possa se dar o encontro entre Deus e os homens, e a uma claridade, sob a qual se inaugure uma nova inteligência do Absoluto? Um caminho de acesso a Deus que não começasse nem além (metafísica) nem aquém (pietismo) dos horizontes deste mundo, mas sobre esta terra, cujos caminhos, ainda que estreitos<sup>11</sup>, são os únicos que temos debaixo dos pés?

Esta senda é possível. Aliás, o cristianismo quer ser, fundamentalmente, este caminho, por crer e assegurar que seu evento central, Jesus Cristo, é não apenas a máxima revelação de Deus aos homens, mas igualmente o desvelamento histórico, sem restos, do homem, em sua verdade matinal. Ele é,

8. Nada, verdadeiramente, escapa a isto: nem mesmo aquilo que atribuímos a uma revelação sobrenatural, pois também a revelação só é apreensível na fé; no entanto, *nem mesmo pela fé apreendemos a verdade primeira como ela é em si (nec per fidem apprehendimus veritatem primam sicut in se est)* (Tomás de Aquino - Summa Theologica, II/II q.1, a.2, ad3).

9. Com o ocaso da metafísica, surge o pensar histórico. O mundo, embora o mesmo, agora parece outro. A clareza meridiana cede lugar a uma obscuridade crepuscular, as verdade universais se difratam em incertezas e buscas, o olhar se desloca do céu para a terra, de Deus para o homem. De olho, agora, nos entes e apenas neles, na sua perturbadora multiplicidade, a tarefa do pensar se impõe como uma outra: já não mais o esforço que busca submeter a realidade a categorias universais, mas a admiração que sonda o inefável das individualidades, surpreendendo seu mistério. É evidente que os sentimentos de incerteza, aqui, se tornam quase que insuportáveis. Mas não estaria este pensar que se recusa a subordinar as existências à essência, as liberdades à previsibilidade, o mistério ao já sabido, incomensuravelmente mais perto da vida, assim como nos é dado experimentá-la, e mais perto também da fé e, por isso mesmo, de Deus, do que a metafísica, com todas as suas infalíveis certezas e seus ancoradouros seguros? Interpretar nos relativos o Absoluto é o que se propõe não só o pensar pós-metafísico, mas também, desde os seus primórdios, a fé cristã. Pois a fé jamais é um caminhar no clamor das evidências, mas um peregrinar na penumbra das esperanças, na indigência das preces e na dedicação do amor.

10. Esta inquietude, o que é? O vazio de uma esperança? As saudades de um por-vir? Os sonhos de eternidade? O infinito em nós?

11. Mt 7,13-14.

no mundo e sobre a terra, a resposta às nossas buscas: dentro da condição humana, já estamos em Deus, quando somos homens... verdadeiramente.

## 2. JESUS CRISTO OU: NÃO É ELE POR VENTURA O FILHO DE JOSÉ? ACASO NÃO CONHECEMOS SEU PAI E SUA MÃE? COMO PODE DECLARAR AGORA: EU DESCI DO CÉU?<sup>12</sup>

O Concílio Vaticano II (1963-1965), que foi o maior acontecimento eclesial do Cristianismo recente, ensina-nos o seguinte sobre Jesus Cristo: *Imagem de Deus invisível, ele é o homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Como a natureza humana foi nele assumida, não aniquilada, por isso mesmo foi em nós elevada a uma dignidade sublime. Com efeito, por sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se de algum modo a todo homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado*<sup>13</sup>.

Estas palavras dos pastores e doutores conciliares condensam, de forma compacta, a mais arcaica formulação doutrinal sobre Jesus Cristo. Tal doutrina nem sempre foi mantida no seu justo equilíbrio, distorcendo a verdade de Jesus, ora numa direção, ora noutra, ora subtraindo a Jesus a sua humanidade, ora negando a sua divindade. A fé cristã, ao contrário, confessa que Jesus Cristo é verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus. E isto significa: desvia-se da fé quem,

para afirmar a divindade de Jesus Cristo, nega a sua humanidade, seja em parte seja no todo. De igual modo, afasta-se da fé cristã quem, para afirmar a humanidade de Jesus Cristo, nega a sua divindade, no todo ou em parte. Isto estabelecido, só é possível manter a verdade de Jesus Cristo, se recuperarmos a íntima e originária unidade entre Deus e homem, ou seja, a misteriosa relação, pela qual é possível que diferentes, exatamente nas suas diferenças, sejam tão íntimos que sejam um, sem que esta unidade fira ou suprima as diversidades.

Essa mútua imanência entre sagrado e profano, essa inseparabilidade entre valores religiosos e humanos, essa unidade inconfusa entre Deus e o homem, pensá-las e mantê-las continua sendo, ainda hoje, a tarefa mais ingente e urgente de uma teologia que se quer cristã. Pois esta é a coluna mestra do cristianismo: se Deus se fez homem é porque há em Deus algo de humano e se o homem pode ser assumido por Deus, em sua encarnação, é porque há, no homem, uma capacidade para Deus.

Entretanto, talvez para preservar a alteridade e transcendentalidade de Deus, o Cristianismo, em suas práticas e formulações doutrinárias, acabou localizando Deus demasiadamente distante do mundo e dos homens. A representação de Deus, porém, como radicalmente transcendente e quase oposto ao mundo e ao homem teve, como tem, desastrosas conseqüências para a vida de fé. Pois aquilo que nos é oposto, nós só o acolhemos se nos for imposto e o que nos é imposto será, um dia, seguramente deposto. É apenas uma questão de tempo e oportunidade.

A crise de credibilidade e aceitação pela qual passam, em nossos dias, os discursos cristãos (catequético, homilético, magisterial, teológico) tem neste complexo, aqui apenas tangenciado, a sua principal causa. Toda e qualquer verdade, por mais vetusta e veneranda que seja, hoje, só será aceita, se ela puder

12. Jo 6,42.

13. Gaudium et Spes, 22

ser atestada pela experiência pessoal, avaliada em sua razoabilidade e verificada na particularidade da própria vida. Mas como acolher as verdades cristãs, se elas insistem em se formular como afirmações puramente sobrenaturais, supra-rationais, externas, quase como fórmulas inexperienciáveis e enigmas ininteligíveis? E é isso o que hoje colhemos: um Deus assim tão diferente do humano só podia mesmo se tornar indiferente para o homem. Numa tal pré-compreensão, Deus já não emerge também do coração do homem, espontâneo e livre, como numa relação de amor, em que o outro, apesar de eternamente sonhado, vislumbrado e necessário, é sempre acolhido como graça e oferenda de uma imprevisível liberdade.

Até mesmo a encarnação do Filho de Deus, que seria o lugar por excelência para apreendermos que Deus e o homem não são adversidades, mas diferenças que se amam, é anunciada e entendida não como um ontológico possível, mas como um extraordinário miraculoso, o que, queiramos ou não, acaba por transformar a Cristologia num estudo sobre Jesus Cristo apenas, interessante, sem dúvida, como também a Paleontologia o é: *mirabilia, sed obsoleta*<sup>14</sup>. Mas pensar a encarnação de Deus em Jesus de Nazaré, ou mais precisamente, a união hipostática como um ontológico possível do humano, não seria isso dissolver o cristianismo num puro humanismo e defraudar Jesus Cristo de sua sobrenaturalidade?

Acima, recordávamos a doutrina cristã: *a natureza humana foi nele assumida, não ani-*

*quilada*. Não violentada nem usada como roupagem para sua visibilidade, mas assumida. Já isto supõe: se a natureza humana, na sua integridade, foi assumida pelo Verbo da Vida, é porque ela, em sua naturalidade, é assumível. Poder ser assumida é sua possibilidade natural. Do contrário, Deus teria que, antes, modificá-la em sua constituição. Se tal não se deu, como professa a fé cristã, é porque a natureza humana, em si mesma, é *referenciabilidade iluminada ao mistério infinito da plenitude*<sup>15</sup>. Destarte, quando a natureza humana é, em Jesus Cristo, tomada por Deus como sua própria realidade, então o homem chega lá para onde ele, no profundo, estava já sempre a caminho. Assumida por Deus em caráter absoluto e irrevogável, a natureza pertence à realidade do próprio Deus. É a aceitação e acolhida, em definitivo, de nossa humanidade para dentro de seu eterno mistério. *E se este Deus continua sendo o mistério insuprimível, então o homem é por toda a eternidade o mistério expresso de Deus, que por toda a eternidade participa do mistério do seu fundamento*<sup>16</sup>.

Aliás, uma máxima teológica bastante antiga dizia: *gratia supponit naturam et perficit eam*<sup>17</sup>. Em livre tradução<sup>18</sup>: Cheia de graça é a nossa vida, quando ela floresce em toda a sua beleza<sup>19</sup>. A graça não é um acréscimo à nossa vida, cuja falta deixaria tudo do mesmo tamanho. Sem a graça, o mundo seria absoluta e insuportavelmente sem graça. Ela não é um adendo, mas o belo e feliz sorriso da natureza, num instante de suprema realização e

14. Tradução: coisas maravilhosas, mas obsoletas.

15. Rahner, K. – Curso Fundamental da Fé – Ed. Paulinas, São Paulo, 1989, p. 260.

16. Id. – ibidem – p. 269.

17. A história da formulação deste axioma teológico é, notavelmente, descrita por Beumer, J.B. – “*Gratia supponit naturam – Zur Geschichte eines theologischen Prinzips*” – in *Gregorianum* 20 (1939). Segundo este pesquisador, a inteligência teológica empregou mais de 300 anos, de Guilherme de Auxerre a Luís de Molina, até cunhar este princípio na forma como ele passou à teologia clássica. Ainda sobre isto, veja-se a rica reflexão de Erich Przywara – “*Der Grundsatz gratia non destruit, sed supponit et perficit naturam – Eine ideengeschichtliche Interpretation*” – in *Scholastik* 17 (1942).

18. Tradução literal: a graça supõe a natureza e a aperfeiçoa...

19. No dizer de Guilherme de Auvergne: Nem a graça nem a glória destrói ou lesa a natureza, muito mais, inimaginavelmente, orna-a, embeleza-a e aperfeiçoa-a (Neque gratia neque gloria naturam destruit aut laedit, quin potius illam incogitabiliter exornat, decorat ac perficit) (De anima, VI, pars 20).

felicidade<sup>20</sup>. Vista em profundidade, uma flor, por exemplo, nunca é simplesmente uma coisa que desabrocha ali sobre a superfície do campo. De algum modo, ela é a própria terra que, desvelando seu segredo, deixa-nos ver, por alguns instantes, os encantos de seu mistério, de tal sorte que poderíamos dizer: a flor é uma epifania da secreta beleza da terra<sup>21</sup>. Ela é o lugar onde a terra mostra a sua última verdade: em sua gracilidade<sup>22</sup>, infinitamente bela, ainda que tristemente efêmera, em sua fragilidade<sup>23</sup>. Assim também Jesus Cristo: a graça dos céus, que tanto esperávamos, ele é o sorriso da terra, que Deus tanto ama<sup>24</sup>. Esta é a máxima razão porque a Cristologia<sup>25</sup> é uma verdadeira, singular e definitiva antropologia... universal porque particular<sup>26</sup>.

Em Jesus Cristo, definitivamente, sabemos: o homem não é um animalzinho de estimação do seu criador. Antes, ele é um correlato de Deus, isto é, a concreção daquilo que Deus, em si, não é e não tem e por isso admira e ama. Da mesma forma que Deus é para o homem aquilo que o homem, em si, não tem e não é e, por isso, incansavelmente, deseja e busca. Um análogo de nossas relações de amor, em que o outro de nossa afeição, quando encontrado, é saudado exatamente como um esperado dom e uma imerecida graça. Um misterioso... eternamente conhecido. Assim, embora inscrito no mais profundo da alma humana e na mais secreta espera do mundo, o advento de Deus em nossa carne jamais deixará de ser um evento imprevisível, não consequência da espera humana, mas uma imanipulável dádiva da graça<sup>27</sup>.

20. Com razão dizia Agostinho: Poder ter fé, assim como poder ter caridade, é (próprio) da natureza dos homens; ter fé, porém, bem como ter caridade, é (próprio) da graça daqueles que crêem *Posse habere fidem, sicut posse habere caritatem, naturae est hominum; habere autem fidem, quemadmodum habere caritatem, gratiae est fidelium* (De praedestinatione sanctorum 5,10). Vale dizer: é graça, quando a natureza se realiza naquilo que lhe é próprio.

21. Assim como o mundo é a visível beleza de Deus, nem mais nem menos. Ou como dizia, em audaciosa e preciosa formulação, Karl Rahner: *Poder-se-ia definir o homem como aquilo que surge quando a auto-comunicação de Deus, sua palavra, é, com amor, pronunciada no vazio do nada não-divino... A abreviação, a epítome de Deus é o homem... Quando Deus quer ser não-deus, surge o homem. E se o próprio Deus é homem e o permanece eternamente, se, por isso, toda teologia permanece eternamente antropologia, se é coibido ao homem pensar pouco de si, pois ele pensaria, então, pouco de Deus... então o homem é eternamente o proferido Mistério de Deus, aquele que participa eternamente do Mistério de seu fundamento* ("Zur Theologie der Menschwerdung" – in *Schriften zur Theologie* – IV, Benziger Verlag, Einsiedeln, 1960, p. 150).

22. Ou: sobrenatureza...

23. Ou: natureza...

24. Eis porque Jesus Cristo não só realiza, mas é, em si mesmo, a *salus hominis* (a integridade, a incorruptibilidade, a beleza, o frescor, a saúde do homem). É por isso que o Cristianismo, primariamente, não é nem doutrina nem moral nem salvamento, de tal sorte que, resolvidos alguns problemas, aprendidos os seus ensinamentos e observados os seus apelos éticos, Jesus Cristo tornar-se-ia supérfluo, mas uma relação de encantamento e eterno amor entre Jesus Cristo e aquele que nele crê.

25. A Cristologia, cujo conceito foi empregado pela primeira vez em 1624 por B. Meissner, é o tratado central da Dogmática Cristã. Seu conteúdo compreende a pessoa, a missão e a história de Jesus Cristo como Filho de Deus: sua pregação, morte, ressurreição, ascensão ao céu, envio do Espírito Santo e nova vinda.

26. Não foi assim que aprendemos do pensar pós-metafísico: à essência precede a existência, ao universal o particular?

27. Portanto: necessário (natural) e, no entanto, gratuito (sobrenatural). O descuido reflexivo deste paradoxo foi uma das razões que levaram à infeliz e, para a fé, nociva compreensão da relação homem – Deus, segundo a qual o que está inscrito na alma humana (natureza) não pode ser de Deus e o que vem de Deus teria que vir de fora (sobrenatural). Ora, as águas que hoje correm no subsolo da terra e que chamamos de águas fluviais, não foram elas, há milhões de anos, até sua última molécula, águas pluviais? E as águas que hoje, caindo do céu, fecundam a nossa terra e que chamamos de águas pluviais, não foram elas, ainda ontem, até o seu último orvalho, águas fluviais? O que significam aqui: acima e embaixo, chuva e mar, céu e terra, natureza e sobrenatureza? Aliás, este parece ser o único modo de pensar o paradoxo central do Cristianismo (isto é: que sobre alguém, cujos pais nos são conhecidos, possa ser dito que *ele desceu dos céus, verdadeiramente*): que natureza e sobrenatureza, nalgum ponto, sejam entre si permeáveis. Sem antífrase: que Jesus, por ser filho de seus pais, não poderia ter vindo dos céus, ou o contrário: que ele, para ser Filho de Deus, não poderia ser filho de José, era exata e surpreendentemente a posição dos adversários de Jesus (Jo 6,42). Estranho e significativo é que não poucos cristãos, nesta questão – que, de resto, não é nada periférica, desimportante ou indiferente, como tergiversam alguns, mas a questão central da fé cristã: que, de um homem *verdadeiramente*, possa ser dito que ele é o Filho de Deus! –, assumam justamente a posição dos opositores de Jesus.

E como graça: única e irrepetível. Eis porque a encarnação de Deus em Jesus Cristo outra coisa não é senão um caso singular do amor de Deus aos homens e da inquieta busca humana pelo infinito. Como liberdades que se amam, Deus é o mais secreto íntimo do homem, assim como o homem é intrínseco a Deus mesmo. E menos não podemos dizer sobre o homem, pois pensar pouco do homem é pensar pouco de Deus<sup>28</sup>.

Aliás, este, exatamente, é o paradoxo<sup>29</sup> e a alma do cristianismo: que o céu e a terra se pertencem e que Deus e o homem, ainda que inconfundíveis, são inseparáveis. A Deus, portanto, nós vamos não nos êxtases que nos arrancam do mundo e nos distanciam dos homens, mas na radical paixão que nos faz descer ao coração de todas as coisas, decidindo, no emaranhado dos nossos caminhos e nos enigmas de nossas relações intramundanas, os acenos de sua velada presença, num eterno tatear de experiência em experiência. Por isso, ao abraçarmos as criaturas, estaremos tomando nos braços não apenas os seus limites, fragilidades e sombras, mas também o seu infinito Mistério: Deus mesmo. Vale, com igual peso, a inversão: recusar-se ao mundo é expulsar-se de Deus e quem se coloca longe das criaturas, inevitavelmente, esquecerá também o criador<sup>30</sup>.

### 3. POR CONCLUSÃO OU: SE VÓS NÃO CREDES QUANDO EU VOS FALO DAS COISAS DA TERRA, COMO CRERÍEIS SE EU VOS FALASSE DAS COISAS DO CÉU?<sup>31</sup>

Era uma vez um monge<sup>32</sup>. Sua vida, sem grandes feitos, transcorria num cotidiano simples, mas feliz. Certo dia, justamente quando ele se encontrava na cozinha, lavando os pratos, surge à sua frente um anjo. Eles se olham com estranheza e cordialidade. E o anjo lhe diz: *O Senhor enviou-me a ti para dizer-te que é chegada a tua hora de ir para a eternidade*. Surpreso, mas sereno, o monge lhe responde: *Oh, eu agradeço ao Senhor Deus por ter-se recordado de mim. Mas olha aí a montanha de pratos por lavar. Eu não quero parecer ingrato, mas será que a eternidade não poderia aguardar apenas um instante até que eu tenha terminado este serviço?* O anjo o olhou com um sorriso angelical e disse: *Bem, vou ver o que se pode fazer*. E se foi. Terminado seu trabalho, o monge aguardou até o anoitecer e nada. Dias mais tarde, lá estava o monge no jardim do convento, quando lhe

28. Cf. Rahner, K. – op. cit. – p. 269.

29. No seu exato sentido etimológico.

30. Em 1958, Tatanga Mani (Búfalo Andarilho), filho da grande tribo dos Stoney, aos oitenta e sete anos de idade, pronunciou em Londres um discurso que se tornou célebre por sua seriedade e beleza. Aí ele declarava: *Éramos um povo sem lei, mas nos dávamos muito bem com o Grande Espírito, criador e legislador de tudo. Vocês, brancos, diziam que éramos selvagens. Vocês não entendiam nossas preces. Nem procuravam entender. Quando cantávamos para o sol, a lua ou o vento, diziam que estávamos adorando ídolos. Sem compreender, condenavam-nos como almas perdidas, só porque nossa forma de adoração era diferente da de vocês. Vimos a obra do Grande Espírito em tudo e, às vezes, nos aproximávamos dele através dessas coisas. Vivendo junto à natureza e do seu Criador, os índios não viviam na escuridão. Montanhas são sempre mais belas que edifícios de pedra, vocês sabem. Quantas pessoas jamais sentiram o solo real sob os pés, ou viram uma planta crescer a não ser nos vasos, ou se afastaram o suficiente da iluminação urbana para surpreender o encanto de uma noite estrelada. Quando as pessoas vivem longe das paisagens criadas pelo Espírito, logo acabam por esquecer também as suas leis* (cf. T.C. McLuhan – *Pés nus sobre a Terra Sagrada* – L & PM, Porto Alegre, 1986, p. 24-25).

31. Jo 3,12

32. O que segue é uma paráfrase de um conto narrado por Albert Schweitzer. Músico de renome, doutor em filosofia, professor de teologia na Universidade de Strassburg, Schweitzer faz medicina, renuncia à sua licença de ensinar (*venia legendi*) e vai, em 1913, para Lambarene, na África, a fim de cuidar dos leprosos. Segundo ele próprio, foi tudo que lhe restou de toda sua pesquisa cristológica: seguir o apelo jesuânico de amar os últimos de seus irmãos. Um teólogo problemático, escrevia num elogio póstumo a Schweitzer o insuspeito Karl Barth, *mas não teria ele se decidido pelo mais importante?*

aparece outra vez o anjo. Já conhecidos, eles se saúdam com alegria. Apontando com a enxada a extensão do jardim e de seu trabalho, o monge lhe diz: *Dá uma olhada nas ervas daninhas. Arrancá-las todas vai custar-me ainda algumas horas. Se a eternidade pudes-se aguardar um pouco, ficaria muito agradecido.* O anjo, mais uma vez, sorriu e se foi. O monge limpou o jardim e organizou o celeiro e varreu os caminhos e as horas se passaram e os dias se foram e nada. Meses mais tarde, agora num hospital e, justamente quando ele estava para dar a um doente ardendo em febre uma colher de água, erguendo os olhos, o monge vê diante de si o anjo da eternidade. Desta vez, eles nada dizem. Com o olhar apenas, o monge percorre os incontáveis doentes ainda por ajudar e consolar. Em silêncio o anjo se vai. Aquela seria a pior hora para levar dessa vida aquele anjo de misericórdia. Muitos anos aí se passaram, até que, numa noite, deitado no catre rude de sua cela, o monge então se recorda do anjo que ele tanto fizera esperar. Alquebrado e sem forças, ele reza: *Senhor, manda-me agora o teu anjo, para que, finalmente, eu possa deixar este mundo e ir para a tua eternidade.* Nem bem terminadas suas palavras, lá estava o anjo. Um sóbrio sorriso se desenha então em sua envelhecida face e ele diz: *Obrigado por teres vindo. Pensei que tivesse te esquecido de mim, ou que estavas magoado porque te fiz tanto esperar. Agora estou pronto. E te peço: leva-me contigo para a eternidade.* Com feições tão graves quanto ternas, o anjo lhe diz: *Levar-te para a eternidade? Onde pensas que tu estavas? Quando lavavas os pratos e carpias o jardim e cuidavas dos doentes, tu já estavas na eternidade. Apenas não o sabia. Mas agora irás ver e, nessa su-*

*blime visão, saberás: neste mundo apenas começa o que será eternamente.*

Sim. Este mundo não é o lastimável limite de nosso ser, o muro de nossas lamentações, o cárcere de nossos sonhos. Mais originariamente, ele é o lugar dos primeiros acenos e encontros de um eterno amor. Nossa terra nunca deixará de ser finita, banal, profana e, em si mesma, desimportante, uma tenda precária, mas o único lugar em que ora é possível a Deus, ainda que humildemente retraído, estar junto dos homens e aos homens estarem perto de Deus<sup>33</sup>: *rara hora et parva mora*<sup>34</sup>. Mas é desses instantes que vivemos. E o mais é mesmo silêncio e ausência. E a nossa vida, um sofrer as nossas esperas e as demoras de Deus. Mas ainda assim: não é a ausência, também ela e talvez sobretudo ela, a mais intensa forma de presença? É o que canta a sobriedade cristã no belo poema atribuído a Tomás de Aquino: *Devotamente te adoro, ó latente Deidade, que sob estas figuras verdadeiramente está velada*<sup>35</sup>. Na opacidade das mediações, Deus, ainda que presente, ser-nos-á, também e para sempre, ausente e um mistério que a fé contempla com saudades e preces: *oro que se dê aquilo do qual tenho tanta sede: que, vendo-te, semblante sem véu, eu seja feliz na visão de tua glória*<sup>36</sup>.

Em sua ausência, porém, ou presença, dele nunca estamos fora. Pois tudo que somos e temos é manifestação de sua força e graça, bondade e poesia. E para onde quer que olhemos, lá estará ele: silente, como nosso próprio Mistério. No distante profundo do universo como suprema fecundidade e nosso pai; na proximidade dos homens como humildade e nosso irmão; em nós mesmos como sentido e o vigor que nos faz viver. Na penumbra de nossa pouca luz e enquanto neste

33. Aristóteles conta que admiradores, certa feita, resolveram visitar Heráclito. Ao ver o grande pensador, castigado pelo frio, aquecendo-se junto ao forno, detiveram-se surpresos e, certamente, decepcionados por verem um tão grande homem assim tão semelhante aos simples mortais. Heráclito, porém, lhes disse: Aproximai-vos, pois também aqui estão presentes: os deuses!

34. Bernardo de Clairvaux – *Sermones super Cantica Canticorum*, 23.

35. Adoro te devote, latens deitas, quae sub his figuris vere latitas...

36. Oro fiat illud quod tam sitio: ut te revelata cernens facie, visu sim beatus tuae gloriae.

mundo caminhamos, vemos tudo ainda de modo turvo<sup>37</sup>, mas temos certeza: há uma unidade de tudo e apenas um reino: o Reino de Deus. Um dia, o obscuro cederá seu lugar à claridade e a fé e a esperança descansarão nos braços do amor. E aí saberemos: o que buscávamos não era confuso, mas apenas envolvente: longe e perto e dentro de nós, Deus que é nosso pai e nosso irmão e nossa vida. E só aí seremos nós mesmos, finalmente homens<sup>38</sup>: junto de Deus, porque metade de nós é o que somos e a outra metade, o Mistério<sup>39</sup>.

Estas considerações, porém, não estariam elas confundindo tudo e proclamando uma mundanização do sagrado ou uma apoteose do mundo, numa perigosa mística da imanência? É possível, mas não por irreflexão ou incúria teológica, mas por força desta convicção: de Deus fala não quem o tematiza reflexamente pelo uso correto de um vocabulário pretensamente sacrossanto, mas quem pronuncia as futilidades desta vida com tal reverência que elas transluzam na sua beleza e percebamos, em tudo e de todos, a sua sacralidade... para que não tenhamos, um dia, que perguntar, entre perplexos e embaraçados: *Como? Acaso, eras tu, Senhor, quem lá estavas, indecifrável entre os últimos, envolvido em tamanha mundanidade?* E não venhamos a ouvir, então irreparavelmente desalentados: *Sim, cada vez que não fizestes o bem a um desses pequeninos, foi a mim que não o fizeste*

*tes*<sup>40</sup>. Meditar sobre uma gota de orvalho é já tocar o segredo do mar<sup>41</sup> e voltar-se para as criaturas, convivendo com elas em cortesia, procurando entendê-las com inteligência, ajudando-as com bondade, é já um debruçar-se sobre Deus, a vida de todas as coisas. *Do criador podia-se dizer com a Escritura do Antigo Testamento que ele está no céu e nós na terra. Mas do Deus que em Cristo confessamos, é preciso dizer que ele está exatamente lá onde estamos e somente aí pode ser encontrado*<sup>42</sup>.

Uma lenda muito antiga conta que, certa feita, homens muito ricos de sabedoria e bens, saíram de onde estavam à procura de um grande rei. E sondaram suas cartografias e perscrutaram os astros e indagaram os postulados divinatórios e, assim seguros, puseram-se a caminho e viram, no céu, a sua estrela. Mas, baixando os olhos para a terra, nada mais foi-lhes dado contemplar senão apenas uma criança, ornada de simplicidade e de um raio de luz. Assim também nós: procurando Deus, se vasculharmos o transmundo<sup>43</sup>, veremos uma pálida claridade. Mas se, seguindo os rastros desta luz, voltarmos nosso olhar para este mundo, lá estará ele: Jesus de Nazaré. É diante deste homem verdadeiramente, assim simples e um abismo de luz, que nossa fé dobra espontaneamente os joelhos e, com sorrisos de alegria, ousa dizer: *verdadeiramente, o Verbo se fez carne e habitou entre nós*<sup>44</sup>.

37. 1Cor 13,12.

38. Talvez aqui fique claro que o derradeiro interesse do que aqui estamos expondo não é uma redução da Teologia à Antropologia, mas, como numa analogia da encarnação (kenosis), o desejo de que todas as teologias fossem mais antropológicas, a fim de que todas as antropologias fossem mais teológicas, ou o que é mais importante: que Deus fosse experimentado como Deus dos homens e os homens se sentissem pertencentes a Deus.

39. Metáfrase do poema *Metade*, de Osvaldo Montenegro.

40. Mt 25, 31-46.

41. Cf. Kahlil Gibran – *Para além das Palavras* – Ed. Paulinas, São Paulo, 1995, p. 183.

42. Rahner, K. – op. cit. – p. 269. *Verdadeiramente, para conhecer a Deus, é necessário conhecer ao homem* (Paulo VI – in AAS, 58, 1966, p. 59).

43. Isto é, o universo das arcaicas esperanças humanas, dos arquétipos, dos símbolos, das metafísicas, das essências, das especulações, do cosmos. Há aí, ainda e para sempre, um razoável *quantum* de luz!

44. Jo 1,14. Cf. Rahner, K. – *Zur Theologie der Menschwerdung zur Theologie I IV* – Benziger Verlag, Einsiedeln, 1960, p. 155.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Você concorda com as afirmações contidas nas afirmativas do texto quando diz que, ao abraçarmos os homens com todas as suas fragilidades e falhas, estaremos abraçando o próprio Deus e seu infinito Mistério, que esquecer-se dos homens é esquecer-se de Deus, que pensar pouco no homem é pensar pouco em Deus.
2. Temos sempre consciência da estreita relação entre o amor por nosso irmão e o amor pelo Pai?
3. Partilhe com sua Comunidade suas reflexões a respeito das palavras do Evangelho: "Todas as vezes que fizestes o bem a um desses pequeninos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes".

# ESPÍRITO E FEMINIDADE<sup>1</sup>

Teresa Porcile S.  
Teóloga uruguaia leiga

Há palavras que só o fato de serem pronunciadas provocam rejeição. Mulheres nos cansamos de doação e amor-serviço invisível.

## INTRODUÇÃO

Gostaria de começar esta reflexão com uma nota preliminar.

Atualmente, é imenso o material de publicações e pesquisas em teologia. O tema do Espírito não foge de tal situação. O que oferecer, então, que valha a pena ser lido em poucas páginas? Talvez valha a pena fazer-se novas perguntas e por isso é bom, de início, situar a perspectiva destas linhas: querem ser mais uma meditação do que um estudo (embora a meditação suponha um certo estudo prévio), querem ser uma "consideração" mais contemplativa do que indagadora. No entanto, desta contemplação surgirão perguntas e/ou "questões", de cunho teológico...

Se olharmos atentamente a história da teologia ocidental e da espiritualidade, descobriremos um especial e/ou parcial silêncio sobre o Espírito Santo. De fato, têm-no chamado de o Deus desconhecido.

Quando, nos anos 70, nos Estados Unidos, apareceu com tanta força o Movimento Carismático, alguns autores apontavam que irrompia o Espírito. Fomos tomados pela sur-

presa: a Igreja do Ocidente não havia desenvolvido uma Pneumatologia. O Espírito nos havia desacomodado. Houve e, em muitos ambientes, persiste uma grande desconfiança da Igreja em relação a esse movimento que parecia de corte protestante e próprio de Igrejas Pentecostais. A providencial figura do Cardeal Suenens, recentemente falecido (em 1994), abriu a perspectiva de um diálogo mais amplo sobre a possibilidade de que ali também se estivesse movendo algo do Espírito. Era necessário discernir, examinar tudo e ficar com o bom, seguindo o conselho do Apóstolo Paulo; e, sobretudo, ver os frutos.

O que era aquilo de falar em línguas? Como era que, de repente, irrompia "o extraordinário"? É claro que a realidade do "espírito", em todas as suas dimensões, sempre fascinou o homem. É uma das realidades mais complexas da história das religiões.

O ser humano inquieta-se com a presença de algo imprevisto e tão relacionado com o mistério da vida. O tema já existe nos clássicos da antiguidade greco-latina, em escritores como Plutarco ou Eurípedes, entre outros, que se referem ao misterioso ritmo da respiração e ao alento ou ao sopro de vida: inspirar-expirar com o "espírito". O sopro respiratório, durante o sono, continua... Quem dorme, sem que saiba ou se movimente, respira... portanto, vive. Essa vida é dom dos deuses aos homens; e essa idéia é freqüente nas religiões antigas. Sobre esse pano de fundo religioso vai-se forjando uma "teologia" com uma evolução complexa e difícil.

45. A autora apresentava um estudo mais completo. Tivemos que reduzi-lo por motivo de espaço.

Neste século, enquanto íamos entrando numa reflexão teológica, de abertura ecumênica — sobretudo à teologia ortodoxa oriental —, à realidade da vida no Espírito, Este irrompe, sem pedir licença, nas experiências de muita gente que se reclama “batizados no Espírito”, e no interesse de teologias contextuais (de diferentes culturas: asiáticas, africanas, indígenas, latino-americanas...) ou do genitivo, como é o caso das teologias da mulher e/ou feminista.

O Espírito despertou e despertou-nos (cf. Novo Catecismo da Igreja Católica, n. 684).

No campo da teologia feminista, a referência obrigatória é a teóloga holandesa Katherina Halkes, primeira catedrática de feminismo na universidade de Nimegen, que sempre privilegiou a pneumatologia e a sofologia...

O Espírito irrompeu também na sensibilidade popular e entre os jovens. Em alguns grupos, foram evoluindo para novas comunidades, que se chamaram a si mesmas de carismáticas. Não estávamos acostumados, por exemplo, com uma sensibilidade espontânea em matéria de oração. Nem se sentiam atração e gosto por assembléias de louvor de multidões — que, para uma piedade tradicional, parecem desordenadas. Pouco a pouco, vão se descobrindo possíveis virtualidades e diversidades legítimas, apesar de não serem as habituais no culto dentro da Igreja Católica. Também aparece um efeito terapêutico e integrador da vivência da festa.

Na América Latina, são abundantes e sempre numerosas as assembléias chamadas de “cura”... e não é fácil, nem rápido, discernir modalidades. Pareceria ser necessário acompanhar, discernir, ver frutos.

Ao mesmo tempo em que pastores da Igreja, como o Cardeal Suenens e o Papa Paulo VI, davam essa possibilidade, os teólogos se empenhavam, como dissemos, em elaborar sínteses.

Nas faculdades de Teologia, havia e há uma cátedra de Cristologia, outra sobre a Trindade, mas nada específico sobre o Espí-

rito Santo; e isto, apesar de que a reflexão teológica sobre o tema tenha sido objeto de Concílios desde os primeiros séculos do Cristianismo. O tema parece simples, mas a fé no Espírito nunca foi exaustivamente expressa. Já, a partir de Cirilo de Jerusalém e de São Basílio, houve um considerável esforço de precisão de linguagem. Mas a tarefa continua pendente.

Como aspecto introdutório, consideramos suficientemente conhecido que, na antigüidade e na teologia clássica, em suas conotações lingüísticas e metafóricas, falar do Espírito evoca uma realidade da linguagem sobre Deus que tem estreita relação com o feminino.

Gostaríamos de desenvolver três aspectos: o ser e ação do Espírito e da mulher visto(s) como DOM; o ano do Espírito — 1998 — e a figura de Maria; e, finalmente, o Espírito na história da espiritualidade, em dois momentos: a passagem do primeiro para o segundo milênio e o Cister; a passagem do segundo para o terceiro milênio e o feminino. Aí tomamos dois exemplos: o primeiro, da obediência ao Espírito, com a figura de uma mulher portadora de uma nova visão e fundadora de uma congregação apostólica na Europa: Santa Madalena Sofia Barat. O segundo, de uma visão de reinado do Espírito, com uma mulher fundadora de uma escola de espiritualidade na Ameríndia: a mexicana Concepción Cabrera de Armida. Finalizando, esboçaremos uma conclusão.

## I. SER E AÇÃO DO ESPÍRITO E DA MULHER VISTO(S) COMO DOM

Falando em termos de teologia trinitária, a ação do Espírito é a santificação. Hoje, a partir de nosso momento histórico e a partir da perspectiva da mulher, vemos essa santificação como criação e re-criação. O Espírito re-cria-nos, dá-nos um nascimento novo, um nascimento santo (Salmos 50 e 103 e João 3).

Toda busca, todo movimento interior entra nessa moção do Espírito. Assim como Jesus é levado ao deserto pelo Espírito, no Espírito se batiza, e no Espírito inicia sua missão (Lucas 3-4.16), assim, aqueles que o procuram na noite, como Nicodemos, ou no mais ardente meio-dia, como a mulher de Samaria, recebem o convite para entrar nessa moção-movimento do Espírito. O primeiro terá de nascer de novo, a segunda buscará a adoração em Espírito e Verdade. Com um, Jesus falará do Vento; com a outra, da água e ao mesmo tempo revelar-lhe-á sua mais profunda identidade: vai fazê-lo com ela, nesse encontro no poço, anunciando-lhe a água, assim como o Deus adorável e inominável revelou-se a Moisés, na sarça ardente e no fogo (cf. Ex 3, 15 e João 4, 26). Para Jesus, o convite a Nicodemos é de nascer do alto e do vento; e à mulher é de entrar na profundidade do poço: sempre é re-criação na busca-encontro da verdade.

O Espírito é esse “espaço de vida”, essa atmosfera-ar-vento que nos dá a vida criando-nos, re-criando-nos, fazendo-nos nascer e re-nascer para a vida do Deus Santo, o Deus da Vida. Nele movemo-nos, existimos e somos, insistem os Atos dos Apóstolos. Indefinível em suas 21 características (Sb 7. 21-22), o Espírito em feminino é plenitude de Sabedoria.

É o Deus *Doador da Vida*, escondido, inaudível, invisível. É o Deus sem voz, o Deus sem rosto. O Pai tem voz e sua voz se manifesta no Batismo; e diz: “Este é meu Filho Amado”. Jesus tem rosto, imagem visível do Deus invisível (Cl 1, 15). O Espírito não tem voz, nem rosto: tem vôo, movimento, recriação, suspensão estática da pomba.

Santo Agostinho falará de amor, unindo o Pai Amante e o Filho Amado. A partir da perspectiva dessa invisibilidade onipresente, assumimos o risco de falar de Espírito e mulher? O certo é que acabamos de destacar três aspectos que hoje colocam interrogações a muitas mulheres, sobretudo em algumas

vertentes de teologias feministas (que são muitas, diversificadas e variadas).

Todos conhecemos mulheres que questionam o ser doação, ser doador(a) de vida e/ou ser pessoa-amor invisível. Será válida essa tarefa?

No início destas linhas, marcando nossos limites, mencionávamos a possibilidade de novas perguntas a partir de uma meditação de perspectiva contemplativa e ao mesmo tempo “questionadora”: talvez tenha chegado o momento de formular esses questionamentos à teologia da mulher e/ou feminista.

Obviamente, de algum modo, as mulheres, social, cultural, laboral, cívica e politicamente cansamo-nos dessa doação infatigável, unida a uma onipresença amor-serviço invisível. Atualmente, muitas mulheres sentem-se molestadas ou irritadas com tal vocabulário. Há palavras — às vezes não escutadas, nem situadas no contexto — que só o fato de serem pronunciadas provocam rejeição. Efetivamente, o movimento de mulheres, extraordinário, fez justamente o contrário: reclamou presença concreta, visibilidade, protagonismo.

E, agora, subitamente, abordamos Espírito e Mulher, descobrimos no Espírito essa invisibilidade onipresente que as mulheres já não queremos como seres humanos históricos e concretos.

E aqui abre-se um grande paradoxo: ou levamos a sério essa ação do Espírito — “ruah”, em feminino —, e acomodamo-nos à sua modalidade de ação, tal como se desprende de sua linguagem simbólica nas páginas da Sagrada Escritura, ou esquecemo-nos de tudo isso e concentramo-nos em falar a partir da história de mulheres concretas — profetas e profetisas — movidas pelo Espírito. Esse segundo aspecto, de fato, foi mais trabalhado na reconstrução histórica, por exemplo, de figuras bíblicas de mulheres.

Se estamos interessados em formular perguntas novas, parece mais promissória a

reflexão a partir dessa perspectiva de *ser e ação* que a partir das figuras históricas. E estamos, assim, em plena reflexão trinitária.

Dissemos que, no Ocidente, referimo-nos ao Espírito Santo como ao Deus desconhecido; na realidade, é como a “encarnação invisível” do Deus escondido. O Verbo se faz carne e é possível tocá-lo, palpá-lo... O Espírito se manifesta em vento, dinamismo, purificação, nascimento; é “encarnação invisível”... Quer dizer que, quando o Espírito Santo “se faz carne” para atuar na história, o faz na manifestação escondida de uma energia-ação dinâmica.

A Pessoa Dom faz-se Temor adorador e delicado, faz-se Fortaleza secreta, faz-se Piedade em relação ao Pai e ao Filho, faz-se Ciência, faz-se Inteligência sutil, faz-se Conselho, discernimento, faz-se Sabor de Sabedoria. Dom total, doação. E o Espírito Santo é esse septiforme Dom, Dom total (Is 11).

E, hoje, as mulheres — cultural, familiar, laboral, serviçal, profissional e politicamente — sentimo-nos aborrecidas de ser dom. Pareceria que já não queremos “dar-nos”, porque histórica e concretamente abusaram de nosso dom. Por isso, agora, as mulheres queremos muito mais possuir-nos e autodeterminar-nos. É um grande paradoxo, porque “inocentes” de toda reflexão em feminino ou feminista, gostemos ou não, desde os primeiros oráculos do livro de Isaías, o Espírito é Dom. E se vamos refletir sobre a feminidade do Espírito, será necessário abordar a feminidade do Dom.

Na realidade, a Tradição Cristã sentiu-se bem em chamar o Espírito Santo com o nome de “Dom”. Essa Tradição inspirou-se nas passagens do Novo Testamento em que o Espírito Santo aparece como o Dom divino concedido aos cristãos. A pregação dos Apóstolos apresenta o Espírito de Pentecostes como o objeto preciso de uma Promessa (At 2, 33) e como o Dom de Deus por excelência (At 2, 38). O Espírito Santo é um Dom “que Deus dá a todos aqueles que o

obedecem” (Ibid. 5,32; 1Ts 4; 2Cor 5,5; 2Tm 1,7), Dom que Deus envia (Gl 4,6), que faz descer (At 11,15), Dom que os cristãos recebem (Rm 8,15; 1Cor 2,12) e que possuem (Rm 8,23).

Por outro lado, toda a Revelação mostranos no Espírito Santo o Dom divino por excelência, o primeiro Dom entregue aos homens pelo Pai e pelo Filho, primeiro Dom que traz consigo todos os benefícios de Deus ao mundo. E se o Espírito Santo aparece como Dom nas relações entre Deus e os homens, é porque já é — em Si Mesmo — Dom. Em sua ação relativa a nós, o Espírito Santo revela-se tal qual é no seio do Mistério Trinitário, a saber, o Dom Pessoal do Pai e do Filho. A insistência com que a Escritura fala do Espírito Santo como de um “Dom” ou como de uma “Promessa” foi considerada pela teologia tradicional como um sinal revelador da fisionomia pessoal e eterna do Espírito Santo enquanto Dom. Assim explicita-o Santo Tomás de Aquino, que chega a falar do “instinto do Espírito”, e ensina que a missão visível do Espírito Santo, como Dom, conduz, como pela mão, ao conhecimento de sua procedência eterna e imanente na Trindade (1, q. 43, a 7).

Esse aspecto do Dom em relação ao feminino pode ser objeto de atração ou rejeição, mas se vamos refletir sobre a feminidade do Espírito, será necessário abordar a feminidade do Dom. Apesar de que seja esse um aspecto do qual um modo de fazer teologia feminista “suspeitaria”. E o Espírito é carisma. E o Espírito Dom manifesta-se em múltiplos carismas: tudo é doação e gratuidade. E as mulheres, hoje, não queremos que nos falem nessa linguagem. Temos medo de que tudo continue igual...

Isso faz emergir uma pergunta, do feminino à teologia trinitária: por acaso, o Pai não é Dom, por acaso o Filho não é a Grande Doação do Pai, por acaso existe algo que se poderia “entender de Deus”, se não for pela contemplação de um Deus Amor que é puro

Dom de si? Como situar aqui a feminidade? Será que as mulheres não queremos ser dom, ou não temos que ser dom? Ou será, bem mais, que todos teríamos de ser Dom, mas *tal como é a Trindade*? Não será que assim teria de ser todo ser humano, criado à sua imagem e semelhança? E as mulheres, por acaso, não estaremos destacando o mais específico do humano? O arquétipo de humanidade?

João Paulo II tem uma afirmação chamativa:

“... A ‘mulher’ é a representante e arquétipo do gênero humano, isto é, representa aquela humanidade que é própria de todos os seres humanos, sejam eles homens ou mulheres” (*Mulieris Dignitatem*, n. 4).

O modo de ação do Espírito é o verdadeiro “modelo” do modo de agir do cristianismo, porque é o objeto da Promessa de Jesus para levar-nos à Verdade completa.

É necessário abrir-se à Esperança da Promessa... e as mulheres, hoje, “cansamo-nos de esperas e de promessas”... Movemo-nos, reclamamos e colocamo-nos de pé. Como ir além dessa primeira possível rejeição? É fundamental distinguir planos. São diferentes “esperas”... Um é o esperar histórico; e as mulheres, como tais, não devemos esperar: é hora de tomar decisões e agir a partir da dignidade da criação, “dom de Deus”... Mas outra é a esperança teológica, fé dinâmica que nos faz caminhar em nossa história de seres humanos: homens e mulheres. Aí cabe para todos somente a atitude de pobres e pequenos que tudo esperam do Dom. Isto é para todos. Se as mulheres temos algo diferente, é nossa identidade de “arquétipo do humano”. Poderíamos dizer arquétipo do ser imagem, do Dom de Deus?

como ano do Espírito. Neste ano, a figura de Maria é vista como a Virgem do silêncio e da esperança. Pareceria, então, que o Espírito tem a ver com o silêncio e com a esperança.

Aqui também a cultura e o mundo contemporâneo colocam-nos dificuldades: na atual sociedade secularizada, as mulheres de hoje não gostamos muito disso, nem nos sentimos atraídas por tal! Agora que recuperamos a palavra, que recuperamos a visibilidade que a história nos havia negado e recuperamos o protagonismo, como poderia chegar a atrair-nos isso do silêncio e da esperança? Bem mais, rejeitamo-lo; mas, realmente, rejeitamos o silêncio e a esperança, ou estaremos rejeitando a “mudez” e o ter que suportar?... A miúdo, confundimos os planos; se pudéssemos distingui-los, veríamos a imensa distância do silêncio à mudez e do “suportar” ilusório e sonhador à verdadeira esperança.

A mudez foi o silêncio imposto às mulheres. Mudez de sua experiência, mudez de sua escritura, porque as mulheres perderam história e historiografia, como diz o Santo Padre na Carta às Mulheres, de 19 de junho de 95. Padecemos uma involuntária e inconsciente mudez da memória que, hoje, temos de descobrir e reencontrar com valentia, como explicita a mesma Carta. Existiu mudez sobre nossas sensações, sobre nossos corpos abençoados, templos do Deus vivo, mudez sobre nossas sensações e sonhos, ou aspirações humanas, antropológicas e espirituais.

Quando começamos a recuperar a voz, não é estranho que, depois de séculos de mudez, os primeiros possam ter parecido gritos, que assustaram homens e mulheres. E, no entanto, era preciso gritar para sentir-se existir. É lógico e necessário, apesar de não desejável; mas é o clamor — termo fundamental da teologia bíblica — diante da inumana opressão antropológico-cultural. Diante do grito, tapam-se os ouvidos e provocam-se sur-

## II. O ANO DO ESPÍRITO

Na preparação para o Terceiro Milênio, 1998 foi-nos destacado pelo Santo Padre

dezes. Por isso, as mulheres, quando hoje ouvem “silêncio”... às vezes, entendem “mudez”, e não gostam.

O outro aspecto é a esperança. As mulheres já não queremos esperar. Há milênios que esperamos e ninguém presenteou coisa alguma às mulheres que esperavam. É significativa a história de Penélope. A história da mulher é uma história de intermináveis esperas que ela teve de transformar em conquistas, lutas, justas reivindicações de direitos pela imagem de Deus nela profanada. Vivemos a história a partir da tragédia da desordem na fátiga e na dominação (Gn 3), em vez de acolher o convite da esperança para vivê-la na primigênia bênção. Assim dizia-o essa extraordinária profetisa, grande antropóloga, médica e mística, além de abadessa beneditina que percorria a Alemanha a cavalo: Hildegardis de Bingen, da qual também 1998 marca 900 anos de seu nascimento.

Por isso, é possível pensar em silêncio e em esperança; porque assim como o silêncio não é mudez, a esperança não é “suportar”, nem viver de ilusões imaturas, otimistas e passageiras. A esperança é da fortaleza e da pequenez, é da escuta à Palavra e da acolhida à Sombra-Poder do Espírito. Então, o ventre virgem, vazio, converte-se em Morada. O silêncio e a esperança preparam a escuta e a palavra. Assim foi em Maria que “escutou” a visita de Deus e as três palavras do Anjo: “alegra-te”, “não tenhas medo”, “nada há impossível para Deus”. Porque acolheu essas três palavras, esperou plenitude de tempos, cumprimento dos dias e guardou a memória no silêncio e na meditação do coração.

O Espírito e Maria nesse primeiro Pentecostes da Anunciação; o Espírito e a comunidade no Pentecostes que é derrame do Espírito sobre filhos e filhas que profetizarão (Joel 3 e Atos 2), e o Espírito e a Esposa chamando, na esperança, o Senhor que vem dar sentido à história.

### III. O ESPÍRITO E A HISTÓRIA DA ESPIRITUALIDADE

Falar de Espírito supõe também falar de espiritualidade. Toda espiritualidade é obra do Espírito. Falemos de espiritualidades contextuais como pode ser a asiática ou latino-americana; falemos de escolas de espiritualidade como poderia ser a beneditina, a franciscana ou a dominicana, etc.; sempre falar de espiritualidade é falar da obra do Espírito em tal pessoa, aparecendo como moção do Espírito em tal momento da história da humanidade.

No final deste milênio e em ressonância com o despertar da mulher e do feminino, evoco três figuras da história cristã da espiritualidade.

A primeira é fruto maduro do Primeiro Milênio: é a espiritualidade do Cister, espiritualidade de grande integração humano-psicológico-espiritual; a segunda e terceira são frutos proféticos que anunciam, do Segundo Milênio, o Terceiro. Têm rosto, intuição e desejo de mulher. Mencionamo-los apenas, como um convite para posterior conhecimento.

#### 1. O Cister, ao final do Primeiro Milênio

A reforma cisterciense, realizada há 900 anos, em 1098, pressentida e preparada como passagem do primeiro para o segundo milênio, supõe a recriação da “Escola do Espírito”. São Bento, em sua Regra, havia falado de “escola de serviço ao Senhor”. Os monges do Cister, de Regra Beneditina, re-empreendem o caminho do deserto, impulsionados pelo Espírito Santo e pela escola do serviço do Senhor; querem-na explicitamente como “escola do amor”, “escola da caridade”, “escola do Espírito Santo”.

Seria bom evocar a façanha daqueles “três monges” rebeldes pelo seguimento de Jesus pobre. Seriam muitos os nomes que deveria-

a  
c  
i  
a  
c  
e  
n  
c  
i  
a  
c  
e  
n  
c  
i  
a

mos evocar, nessa escola que retoma a dignidade humana a partir do tema da imagem e semelhança. Extrapola este artigo. Menciono somente Bernardo de Claraval, que fala do Espírito como o beijo entre o Pai e o Filho, e Guilherme de St. Thierry, para quem o Espírito é o abraço. São modalidades da cultura medieval, na linguagem do *Ars Amoris*. Referem-se à realidade que Santo Agostinho havia chamado de Amor. O Cister usa o vocabulário nupcial do Cantar dos Cantares, livro que essa espiritualidade não se cansa de comentar.

Do trânsito do primeiro ao segundo milênio, passamos agora do segundo ao terceiro milênio. Partindo dos momentos finais, vão se preparando, agora, críticos do final do século XVIII até o XX. É necessário levar em conta que estamos em evoluções históricas, que amadureceram lentamente. A novidade consiste em que aqui começa a surgir, na história da humanidade, uma nova consciência de mulher. E, na Igreja, milhares de iniciadoras e fundadoras de caminhos novos. Vamos vê-las mais de perto, mas não exaustivamente.

## 2. As mulheres anunciando o Terceiro Milênio

No final do Segundo Milênio, aparece, na história da Igreja, um enxame extraordinário de milhares de mulheres que, como verdadeiras profetisas, começam a ver mundos novos, a anunciá-los, a cantar no dinamismo do Espírito, a mover-se: são pioneiras, visionárias e/ou fundadoras de tantos grupos de mulheres. Fazem o que o Espírito faz: consolam, discernem, aconselham, guiam, educam, dão nascimento, dão à luz.

São milhares, como no início da criação, como num novo Gênesis de mulher. Aparecem privilegiadamente na história da Igreja, nos turbulentos momentos da Revolução Francesa — no Ocidente cristão —, quando tudo anunciava a ameaça de perseguição para a Igreja.

E aí, a partir do secreto de suas entranhas, como mariposas transformadas na interioridade, as mulheres começam a voar. Querem responder às urgências de sua época. São milhares os empreendimentos. O historiador francês Claude Langlois escreveu o riquíssimo volume *“Le Christianisme au féminin”*.

Poderíamos nomear muitas. Convido leitores e leitoras destas páginas a fazer um círculo de memória. Aqui, evocarei duas: uma européia e outra latino-americana. Oxalá suscitem um sem-fim de memórias e possamos vinculá-las no Espírito.

### 2.1. A européia

Aqui, escolho Santa Madalena Sofia Barat. Faço-o por sua extraordinária visão da teologia do Espírito. Estranhamente, é uma mulher que, aos 32 anos, numa carta de 4 de junho de 1811 à Madre Adrienne Michael, diz o seguinte:

“... Se me fora dado viver de novo, não quereria mais do que obedecer ao Espírito e agir por ele...”

Numa carta do ano 1863, quando já tem 83 anos, à Madre Aloysia Jouve, numa espécie de testamento espiritual, fala de um desejo... “o que gostaria de dizer às Religiosas...” Enumera aí a centralidade da humildade, o zelo, a generosidade... e finalmente diz que tudo isso, para ser vivido até o último suspiro, necessita ser sustentado “pela obra habitual do Espírito Santo...”

... E um pouquinho antes de sua morte, numa carta à Madre Laura de Portes, expressa-lhe que, “para obter o Espírito Divino”, é preciso passar por um “Caminho de Morte”... como vida pascal.

Que uma mulher, em pleno início do século XIX, dissesse algo assim, na França da religião do medo (Jansenismo), é um verdadeiro milagre da graça. Já o teria sido o fato de que uma jovem mulher o tivesse dito

para sua vida pessoal, mas o milagre se multiplica porque essa mulher é uma educadora e o veículo da existência (ela se nega a ser considerada “fundadora”) de uma congregação, “pequena sociedade”, que se quer dedicar à educação de todos os meios sociais. Faz tudo isso em obediência ao Espírito: obedecer à água, obedecer ao vento, obedecer ao fogo. Ela nasceu prematuramente, por causa de um grande incêndio, a 12 de dezembro. E, “nascida do fogo”, viveu a obediência ao Fogo; mas além disso quis educar nesse fogo, tarefa gigantesca. Vê toda sua ação à luz do Espírito.

Em suas 14 mil cartas, encontram-se 600 textos, nos quais se refere a essa ação do Espírito; e para isso emprega mais de 100 verbos diferentes. Se os verbos correspondem a modos de ação, ela encontra 100 modos de ação do Espírito: o Espírito inspira, opera, age, esclarece, conduz, revela, prepara, santifica, dirige, é o caminho, dá, dá-se, desenvolve-se, afirma-se, reveste-nos, move-nos interiormente, transforma-nos, instrui, fala, olha, abençoa, faz gostar de Deus, estabelece o Reino de Deus, grava nos corações, toca, sopra, dá a força, penetra até o mais íntimo, une-nos a Jesus, une-nos à Trindade, participa, derrama graças, está no meio de nós, protege, produz frutos, nutre, leva-nos à verdade...; e continua enumerando ações.

Além disso, tudo produz frutos: fidelidade, docilidade, doçura, simplicidade, esquecimento de si, caridade, oração, discernimento, sabedoria, mansidão, silêncio interior, liberdade, alegria, coragem, prudência...; e assim continua.

Tudo isso é obra do Espírito...

## 2.2. A latino-americana na Ameríndia

Concepción Cabrera de Armida é do México. Sua cultura e sensibilidade estão influenciadas pelo mundo náhuatl. Estamos no mundo mestiço tão redescoberto, hoje, em nossa América. Essa mulher, muito antes

de que o Papa João XXIII convocasse o Concílio Vaticano II, anuncia-o. Mulher secular, casada, com 9 filhos, fundadora e cofundadora de cinco Congregações. Concepción Cabrera de Armida faz tudo sob a luz inicial de uma pomba resplandecente, que ela vê inaugurando um mundo de visões e realizações. Impossível desenvolver seu pensamento e seus escritos, de uma riqueza inesgotável. Nem sequer é possível imaginar a riqueza de sua vida, sua atividade, seu pensamento. Escreve 23.000 cartas, 66 Tomos de Conta de Consciência, uma infinidade de meditações e pequenos tratados. Tudo isso constitui uma verdadeira surpresa do Espírito, que se dá na América (México), na encruzilhada do século XIX-XX, na encruzilhada de culturas e numa mulher leiga de um carisma contemplativo comparável ao de Santa Teresa de Ávila.

Numa página de sua autobiografia, com o estilo que lhe é próprio e no qual se esconde uma força de “guerreiro”, diz, como o explicita em outra oportunidade:

“Um dia, estando na oração, na Igreja do Carmo, e havendo me tomado o Espírito nessa interna quietude que ela sabe dar, ocorreu-me perguntar-lhe:

‘Dize, minha Pombinha, se és Tu o Espírito Santo, como te representas e te dizes Pomba, e não Pombo, sendo masculino teu nome? Com muito amor, respondeu-me: “Represento-me em forma de Pomba, porque quero significar, ao mesmo tempo, candor, pureza, simplicidade e paz; a fecundidade da qual Eu sou foco. Eu sou o princípio de toda fecundidade, este é meu ser: produzir, produzir, sem jamais esgotar-me. Eu me dou constantemente...”’.

A pergunta sobre o masculino-feminino e a resposta são extraordinariamente originais, se pensamos em sua época, seu meio cultural, sua formação teológica.

Mas, a partir de suas intuições, podemos reelaborar toda uma renovação da Teologia do Espírito. É o que está fazendo sua heran-

ESTRUTURA

ça espiritual, que já convocou o Primeiro Congresso Internacional da Espiritualidade da Cruz, no México, em 1997. Há material para uma infinidade de pesquisas em novas sínteses.

Concepción morre em 1937; no início do século, anuncia um Concílio de renovação da Igreja, de unidade e de especial atenção ao Espírito Santo. A título de exemplo, transcrevemos o que ela sente que o Senhor lhe diz:

“Dize ao Papa que é minha vontade que, em todo o mundo cristão, se clame ao Espírito Santo, implorando a paz, e seu reinado nos corações. Somente esse Santo Espírito pode renovar a face da terra, e trará a luz, a união e a caridade aos corações, pois todos são irmãos, e filhos de Maria” (CC 42, 155-160).

E em outra ocasião:

“O mundo necessita de um novo movimento espiritual, princípio de toda luz, de toda graça e de todo Bem” (CC 39,85-87).

Motivo suficiente para, junto com Henry de Lubac, colocar-se a meditar na visão do tempo de Joaquin de Fiore, aquele polêmico monge calabrés que, até hoje, faz pensar.

O certo é que a Sra. Armida anuncia o Concílio e o Reinado do Espírito Santo. Que surpresa, quando, na Catequese de 23 de maio de 1973, se ouça o Papa Paulo VI dizer: “Todos sabem que o Concílio encheu as páginas de seus sublimes e atualíssimos ensinamentos com referências contínuas ao Espírito Santo. Há quem tenha contado 258. Façamos nossa a reiterada exortação do Concílio... Vem, ó Espírito Santo, ó Espírito Criador, Vem, ó Espírito Consolador. Não o teremos invocado em vão”.

## CONCLUSÃO

É indubitável uma afinidade entre o O Espírito/A *Ruah*, a mulher e o feminino. A intuição está confirmada pelos modos de

presenças simbólicas, a linguagem teológica metafórica, as modalidades de ação do Espírito e as mulheres.

Nessa onipresença invisível, fecunda, materna, podemos adivinhar traços femininos? Hoje, quando as mulheres redescobrimos a *Ruah* feminina, acontece que, ao mesmo tempo, nos custa muito aceitar essa ação fluida do Espírito: água, óleo, ou a fluidez total do Fogo, do Vento e do Vão.

Talvez, gostaríamos muito mais de sublinhar o Espírito de Fortaleza. E a tentação seria confundir a fortaleza com o poder e entender por poder o *kratos* e os poderes estabelecidos e/ou instituições mais do que a *dynamis*, o poder que enche de glória o ventre virgem e impossível da mulher Maria e o ventre secreto na esperança da Mulher que hoje está chamada, também, a dar à luz um mundo novo no impossível.

O desafio para a mulher é passar de sua invisibilidade imposta à invisibilidade do Espírito, da Sabedoria, do sal. Ser capaz de dar sabor e passar despercebido. Realiza-se aí o máximo da Liberdade. Quando ninguém nos vê, podemos fazer tudo. O possível protagonismo poderia ser simples “acréscimo”, mas o Reino é a liberdade do Amor-Dom. Tudo a partir do motor único do amor; e, se se torna visível, será manifestação como a glória na Cruz.

É o único caminho possível do Evangelho do Amor. Por isso, João faz convergir a hora da Páscoa — como a hora da Mulher (João 16, 20) —, no lado aberto. Jesus se torna corpo fluido, água, sangue e Espírito. Essa grande ferida, prene de Glória, é “o peso” (*Gloria mea pondus meus, Amor meus*), para o qual todos somos atraídos, como para entrar numa cavidade infinita: o grande mistério do Coração e do Espírito.

Seu lugar: a Cruz. Essa Cruz, ontem como hoje, loucura e insensatez, suprema vulnerabilidade. É o único que nos pode salvar a ferida aberta, acolhida e ardentemente desejada.

Oxalá as mulheres, no Terceiro Milênio, sejamos eclosão dessa primavera da Igreja, segundo expressão de João Paulo II, com esse Deus em primavera que é o Espírito, um Deus carregado de dons, de carismas e de frutos. Será possível imaginar algo mais feminino?

Que a Fonte da Luz nos livre do mal e da tentação de qualquer outro Reino que não seja o dessa Ruah, dessa Cavidade, Caminho para o Coração do mundo

Traduzido da Revista TESTIMONIO.  
Tradução: Magda Furtado de Queiroz

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Temos consciência de que o modo de ação do Espírito é o verdadeiro modelo do agir cristão? O que isso significa na prática do dia-a-dia?
2. Maria "escutou" a visita de Deus porque estava em atitude de silêncio e esperança. É possível hoje pensar em silêncio e esperança? Sabemos diferenciar "silêncio" de "mudez", articular esperança histórica e esperança teológica?

# A ORIGINALIDADE HISTÓRICA DE MEDELLÍN

Fr. Clodovis M. Boff, OSM

O fruto maior da Assembléia da Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM) em 1968 foi ter dado à luz a Igreja latino-americana *como latino-americana*. Os Documentos de Medellín representam o "ato de fundação" da Igreja da América Latina (AL) a partir e em função de seus povos e de suas culturas. (Aqui, para nos conformar com o falar de Medellín, dizemos sempre e apenas "América Latina", mas compreendendo também nessa designação todo o Caribe). Esses textos constituem a "carta magna" da Igreja do Continente.

O que nos interessa aqui não é o "Medellín histórico": o que se passou de fato na Assembléia do CELAM de 1968; mas sim o "Medellín querigmático": o que ele representa em termos históricos. Ora, relendo hoje os documentos de Medellín fica-se impressionado com o vigor e a audácia de sua expressão, ou, para dizer numa palavra, com seu "pathos profético", típico dos textos originários e fundantes de uma tradição. Aquilo é linguagem de verdadeiros "Pais da Igreja", Pais da Igreja latino-americana como tal, como intuiu com penetração o Pe. José Comblin, benemérito teólogo do Continente.

## CAMINHO HISTÓRICO DA IGREJA DA AL

De fato, até Medellín, a Igreja no Continente era a reprodução do modelo da Igreja européia, em seu modo de organização, em sua problemática teológica e em suas propostas pastorais. Era uma "igreja-refle-

xo" não uma "igreja-fonte", como se exprimiu o Pe. H. de Lima Vaz, intelectual a quem muito deve a igreja brasileira. Portanto, a Igreja latino-americana, mais que ser igreja da América Latina, era mais propriamente a Igreja **européia** na América Latina. Era, de fato, uma igreja em estado de menoridade, tutelada, privada de sua legítima autonomia institucional.

Contudo, falta muito ainda para as "igrejas locais" terem e gozarem efetivamente dessa justa autonomia. É sabido como a Igreja latina ou ocidental é, desde Gregório VII (séc. XI), uma igreja extremamente centralizada e uniformizadora. Apesar do Vaticano II, que deu um grande impulso às igrejas locais; apesar do Pontificado de Paulo VI, que muito favoreceu o processo de descentralização e afirmação dessas igrejas; apesar dos avanços práticos em termos de consciência da própria identidade, da prática da "comunhão e participação" e da criação de mecanismos adequados para esse fim, falta ainda muito para chegarmos à justa autonomia das igrejas locais: faltam sobretudo as garantias institucionais e canônicas para tornar irreversíveis esses ganhos.

Dizíamos que a Igreja do continente, até Medellín, era substancialmente a extensão da Igreja européia na América Latina. Efetivamente, num primeiro momento, a Igreja na América Latina foi uma igreja **ibérica**, espanhola ou portuguesa que fosse. Era, no sentido cultural do termo, uma igreja "colonial". É verdade que houve algumas tentativas de criar aqui uma "cristandade tropical", como foi a

utopia dos “Doze apóstolos” franciscanos no México, nos inícios do século XVI. Mas esses ensaios não vingaram e talvez nem pudessem vingar. Os grandes Sínodos realizados na América Latina no século XVI, como o do México e o de Lima, são meras aplicações de Trento ao novo Continente. (De resto, Trento foi um concílio extremamente eurocêntrico: ele não viu a AL e não disse uma palavra sequer da trágica realidade da destruição dos povos e culturas ameríndias, também pela ausência naquele Concílio dos bispos do Novo Mundo e de sua voz própria).

Num segundo momento temos na América Latina uma Igreja “romanizada”. Foi quando, na segunda metade do século passado, por várias causas, o modelo ibérico foi suplantado pelo fenômeno da chamada “romanização”. Essa se caracterizou por um modelo de igreja extremamente centralizado no clero, na prática dos sacramentos e nas devoções de santos recentes e “oficiais”, destacando-se a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. O I Concílio Plenário Latino-Americano, realizado em Roma em 1899 representou a aplicação direta do Vaticano I ao Continente.

## A CONTRIBUIÇÃO DECISIVA DO VATICANO II

Foi só com o Vaticano II que se deram as condições de emergência de uma Igreja continental em sua originalidade e em sua diferença em relação ao modelo da igreja européia. Precisamente, Medellín pode ser visto como a recepção criativa do Vaticano II na América Latina. O título do documento dessa Conferência soa: “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”. Como se intui, à diferença dos outros Concílios que influíram no Continente (Trento e Vaticano I), a proposta do Vaticano II funcionou aí como inspiração e não mais como padrão a ser simplesmente copiado.

De resto, como disse Karl Rahner, o Vaticano II significou a “deseuropeização”

da Igreja e sua abertura verdadeiramente “católica” — fato que só encontra, na história, paralelo com a ruptura da Igreja Primitiva em relação à matriz hebraica e sua partida para o mundo grego. Desse modo, a construção da identidade das Igrejas da Periferia possibilitada pelo Vaticano II deu nascimento à “Terceira Igreja” — a do “Terceiro Mundo” (se ainda é lícito usar essa expressão). “Terceira Igreja” é uma expressão criada pelo missiólogo Walbert Buhlmann para designar o conjunto das Igrejas do Sul do Mundo, nascidas justamente depois da “Primeira Igreja” — a do Oriente — e da “Segunda Igreja” — a do Ocidente ou latina.

Portanto, sem Vaticano II, não teria havido Medellín e, por isso, nem Igreja latino-americana, com seus traços próprios, como veremos.

## OS APELOS DA REALIDADE SOCIAL

Mas não foi só o Vaticano II, mas conjugadas com ele, foram as **circunstâncias concretas** em que vivia então o Continente que levaram a Igreja da América Latina a definir sua identidade. Ora, tal definição se deu justamente em função dessa realidade. Deu-se, portanto, em chave enfaticamente social. A Igreja da América Latina se caracteriza por ser uma “Igreja social”: é uma igreja profética, dos pobres e libertadora.

Digamos, antes de tudo, que a passagem de uma igreja colonial para uma igreja relativamente autônoma tinha sido preparada por muitas e várias tentativas. Já falamos no projeto de uma Cristandade autônoma de alguns dos primeiros missionários. Durante o período da independência (fins do séc. XVIII e começos do séc. XIX) também se levantou a questão de uma igreja independente, porém de corte nacionalístico, como foi, no Brasil, a proposta do Padre-político Diogo Antônio Feijó. Na passagem do século XIX para o XX, o Pe. Júlio Maria, no Brasil, propunha, no lugar da aliança Trono-Altar, a aliança

Igreja-Povo. Com o grande Cardeal Leme, ainda no Brasil, temos as primeiras tentativas de uma "pastoral social" com a ativação da Ação Católica e depois, a partir de 1934, a implantação de uma verdadeira "pastoral política" com a "Liga Eleitoral Católica" (LEC). Seja como for, nos anos 50 e 60 são todas as igrejas latino-americanas que assumem com vigor a problemática social, ainda que numa ótica marcada pelas ideologias do tempo: primeiro o populismo e depois o desenvolvimentismo.

De fato, é preciso reconhecer que no campo social se sucederam movimentos populistas, desenvolvimentistas e outros revolucionários, que foram fatores que aceleraram a consciência da libertação e da autonomia do Continente, inclusive no interior da Igreja. Em 1959 irrompeu a Revolução Cubana, que inspirou (e sua inspiração ainda não se esgotou) todo um processo de emancipação dos países do Continente. Na segunda metade dos anos 50 surgiram os governos "desenvolvimentistas", como foi no Brasil o governo Kubischek (1956-1961); depois, nos inícios dos anos 60, vieram os governos populistas (Jango Goulart, no Brasil); igualmente nos inícios de 60 organizam-se movimentos guerrilheiros (como na Guatemala, em 1961-63; o movimento sandinista na Nicarágua, em 1961; e a unificação do movimentos insurrecional na Venezuela em 1962); em seguida, levantam-se, no Peru, a Frente Esquerda Revolucionária e o movimento da Esquerda Revolucionária; na Bolívia, se implanta a guerrilha com "Che" Guevara (+1967); e assim por diante.

As ditaduras, que surgiram no Continente a partir dos meados dos anos 60 e de que os grupos dominantes lançaram mão para sustar o ascendente movimento popular, foram um elemento precipitador no sentido de as igrejas de cada país buscarem seu próprio caminho. De fato, quase todos os países da América Latina, nas décadas de 60 e 70, caíram sob regimes militares violentos: o Brasil em 1964, a Argentina em 1966, a

Bolívia em 1971, o Uruguai e o Chile em 1973, o Peru em 1975, o Equador, em 1976 e assim por diante. E não falemos ainda das ditaduras, então já "crônicas", como as de Strossner, no Paraguai, de Duvalier no Haiti, de Somoza em Nicarágua, de Duvalier em Santo Domingo, e das poucas e fracas democracias, como as da Colômbia e da Venezuela.

Ora, justamente em torno da época da realização de Medellín, quando os modelos de desenvolvimento e os primeiros Regimes de Segurança Nacional, como o do Brasil, não conseguiam mais esconder sua verdadeira natureza elitista e opressiva, várias igrejas latino-americanas estavam questionando sua aliança secular com o poder. Medellín, no caminho aberto pelo Vaticano II, que rompeu a "aliança constantiniana" (M.-D. Chenu), foi decisivo para dar à Igreja da AL o perfil de uma igreja livre do poder, próxima dos pobres e companheira do povo em sua caminhada libertadora. No Brasil em particular, com o documento do Regional da CNBB Centro-Oeste "Marginalização de um povo" e o documento do Nordeste II "Ouvi os gritos do meu povo", a Igreja marcava, de modo resolutivo, sua ruptura com o Poder e ao mesmo tempo sua aproximação com o povo pobre.

## A RESPOSTA DE MEDELLÍN E O QUE SE LHE SEGUIU

Sensibilizada e legitimada pelo Vaticano II, que pôs a Igreja "dentro" do mundo (e não mais "face" a ele) e que ensinou a levar em conta, à luz da fé, os "sinais dos tempos", a Igreja continental assumiu para valer, a partir da fé e de sua missão pastoral, a realidade envolvente. A Ação Católica especializada já tinha ensinado aos pastores do continente a aplicar na pastoral o método "ver, julgar e agir", pelo qual a realidade emergia como um "lugar teológico" a se levar em conta para saber "o que o Espírito diz às

igrejas". Os Documentos de Medellín e, mais tarde, os de Puebla, seguirão esse método. De fato, na "Introdução às conclusões" de Medellín, os bispos exprimem essa nova ótica nestes termos:

"Não podemos deixar de interpretar este gigantesco esforço por uma rápida transformação e desenvolvimento como evidente sinal da presença do Espírito que conduz a história dos homens e dos povos para sua vocação. Não podemos deixar de descobrir nesta vontade... os vestígios da imagem de Deus no homem... (...) Não podemos realmente... deixar de pressentir a presença de Deus que quer salvar o homem todos, alma e corpo. (...) Assim como... o Antigo Povo sentia a presença salvífica de Deus quando da libertação do Egito..., assim também nós, o Novo Povo de Deus, não podemos deixar de sentir seu passo que salva quando se dá o 'verdadeiro desenvolvimento'..." (n. 4,5 e 6).

Agora, para mostrar, por contraste, o salto qualitativo que representou a II Conferência do CELAM que foi Medellín, recuemos a apenas 13 anos antes e olhe-mos para a Primeira Conferência, no Rio de Janeiro, em 1955. Esta, em seu documento final, mostra ainda exígua consciência da identidade social e cultural do continente. Sobre 97 números de suas conclusões, dedica apenas 4 à problemática social e ainda assim numa ótica bastante genérica. Mais da metade do documento se preocupa com a constituição de um clero suficiente e de seus auxiliares leigos.

Medellín constitui e foi o verdadeiro "divisor de águas" na história da igreja do Continente, de tal modo que se pode falar do "antes de Medellín" e do "depois do Medellín". Os bispos que fizeram aquela conferência estavam conscientes da importância histórica daquele momento. Na "Introdução às Conclusões" proclamam explicitamente uma "nova época da história"

e a definem precisamente em termos de "libertação":

"Estamos no umbral de uma nova época da história de nosso Continente. Época plena de um desejo de emancipação total, de **libertação** de qualquer servidão... Notamos aqui os prenúncios do parto doloroso de uma nova civilização..." (n. 4).

Desse modo, o que veio em seguida a Medellín na Igreja da AL foi influenciado de modo decisivo por aquela Conferência. A Assembléia de Puebla (1979) representou a confirmação das intuições fecundas de Medellín, amadurecidas que foram na década sucessiva. Aquilo que em Medellín era apenas esboçado, em Puebla é dito de maneira clara. Os traços que iriam definir em seguida o perfil teológico-pastoral da Igreja do continente, como veremos mais abaixo e que desde Puebla são chamados por todos e claramente de "opção pelos pobres", "teologia da libertação" e "Comunidades Eclesiais de Base", estão em Medellín bem presentes, mas aí não estão ainda claramente delineados e nem explicitamente designados.

Já Sto. Domingo (1992) - e esse foi seu mérito maior - pôs na agenda de nossas igrejas a questão precisa da sua **identidade cultural**. A partir de então fala-se de modo crescente, na necessidade de uma igreja "inculturada" dentro do pluralismo cultural do continente. Esse, na verdade, constitui um mosaico composto por culturas tão diversificadas, como são as indígenas, as negras, as neo-europeias, as neo-orientais. Toda essa riqueza é chamada a entrar no que se poderia denominar uma "igreja mestiça" ou um "cristianismo moreno".

## AS TRÊS MARCAS DA IDENTIDADE DA IGREJA LATINO-AMERICANA

Mas onde está no concreto o **identikit** da Igreja do Continente? A nosso ver,

Medellín deu à nossa igreja os elementos essenciais, que, amadurecidos na década seguinte, até Puebla, configuraram as três instituições que se podem dizer próprias ou típicas da Igreja latino-americana, a saber: a Opção pelos Pobres, a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base. Ora, basta enunciar essas três realidades para pensar imediatamente na Igreja da AL. Explicitemo-las a partir dos próprios Documentos de Medellín, que constituem as suas "razões seminais".

## 1. Opção pelos pobres

Certamente, essa opção não é uma novidade absoluta na Igreja. Além de ter sido uma prática constante na história, embora sob formas várias e até desconhecidas, ela tem fundamentos perfeitamente bíblicos. Mas foi um dos méritos (e não dos menores, antes, possivelmente o maior) da Igreja da América Latina ter desenterrado essa dimensão e ter dado um lugar de honra na teologia e na pastoral. Só por isso Igreja do Continente tornou-se credora da gratidão eterna não só dos pobres do mundo, mas também da parte da Igreja universal.

É certo que a idéia da "Igreja dos pobres" já tinha ressoado de modo potente na voz de João XXIII. Mais: o grande Cardeal Lercaro queria pôr todo o Concílio sob a consigna daquela proposta profética. Mas não foi ouvido, pelo menos de imediato e oficial. É o que fez Gustavo Gutiérrez dizer: "Os pobres bateram à porta do Concílio, mas não foram atendidos." Da idéia de "uma Igreja de todos, mas especialmente dos pobres", o que ficou nos documentos conciliares na verdade foi muito pouco, embora esse pouco seja de alto valor, como é o n. 8b da *Lumen Gentium*:

"Assim como Cristo consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho... Cristo Jesus... 'despojou-se a si mesmo, tomando a condição de servo' e por nossa causa 'fez-se pobre

embora fosse rico', da mesma maneira a Igreja... não foi instituída para buscar a glória terrestre, mas para proclamar, também com seu próprio exemplo, a humildade e a abnegação.

Cristo foi enviado pelo Pai para 'evangelizar os pobres, sanar os contritos de coração', 'procurar e salvar o que tinha perecido', semelhantemente a Igreja cerca de amor todos os afligidos pela fraqueza humana, reconhece mesmo nos pobres e sofredores a imagem de seu Fundador, pobre e sofredor. Faz o possível para mitigar-lhes a pobreza e neles procura servir a Cristo."

Tudo se passou como se a Providência tivesse reservado à Igreja da AL a tarefa de desenvolver, em favor de toda a catolicidade, o que o Vaticano II apenas tinha pressentido. E é esse talvez o lado mais criativo da recepção desse Concílio pela Igreja do Continente. Eis a ilustração mais eloqüente de uma das sementes conciliares que encontrou no Sul um terreno fecundo para se desenvolver e frutificar.

A opção pelos pobres implicou no distanciamento da Igreja frente ao Poder, com o qual estava amarrada desde séculos, para não dizer milênios, e a aproximação com os pobres. Segundo as palavras da própria Conferência, no belo Documento XIV: "Pobreza na Igreja", os bispos pleiteiam por uma "Igreja livre de amarras temporais, conveniências e prestígio ambíguo" (n. 18) e que esteja "próxima dos pobres" (n. 9).

Mas, na ótica de Medellín, a opção pelos pobres, põe em causa, em primeiro lugar, não os próprios pobres, mas a própria igreja. Ela exige uma conversão à pobreza evangélica como forma de conversão aos pobres. A idéia de uma "igreja pobre" que São Francisco não conseguira fazer valer, conseguiu-o até certo ponto Medellín. O documento de Medellín sobre a pobreza foi nisso extremamente corajoso. Confessa:

“E chegam a nós as queixas de que a jerarquia, o clero, e os religiosos são ricos e aliados dos ricos. (...) Os grandes edifícios, as casas paroquiais e de religiosos, quando são de qualidade superior às do bairro em que vivem, os veículos, às vezes luxuosos, e a maneira de vestir herdada de outras épocas são fatores (que contribuem para criar a imagem de uma igreja jerárquica rica)” (n. 2).

Por isso Medellín propõe a “pobreza como compromisso que se assume voluntariamente e por amor à condição dos necessitados deste mundo” (n. 4, c). Trata-se de um pobreza bem concreta: “Nossa morada e modo de vida sejam modestos, nosso modo de vestir simples... Desejamos renunciar a títulos honoríficos...” (n. 12). Portanto, fala-se aí, sem meias tintas, do “compromisso com a pobreza material”, mas num duplo espírito: o da “pobreza espiritual” e o da “denúncia da carência injusta dos bens deste mundo” (n. 5). Isso permitirá dizer, mais tarde, de modo lapidar: “opção pelos pobres, contra a pobreza”.

A Conferência de 1968 vai mais longe: fala também da possibilidade para alguns de “compartilharem a sorte dos pobres, vivendo com eles e trabalhando com suas mãos” (15). É o que mais tarde se iria chamar de “inserção nos meios populares”, para a qual Medellín estimula de modo todo particular os Religiosos e Religiosas, falando de “pequenas comunidades encarnadas realmente nos ambientes pobres” (n. 16).

Como vemos, o que depois iria se chamar com todas as letras “opção preferencial pelos pobres”, em Medellín vem enunciado de forma ainda geral, embora a proposta já apareça com todo o vigor em termos de “preferência efetiva pelos setores mais pobres” (n. 9). Aos Religiosos em particular se lembra a necessidade de “atender, educar, evangelizar e promover **sobretudo** as classes sociais marginalizadas” (Doc. XIII, n. 13, e).

Mas é preciso destacar que os pobres em Medellín são tratados como “sujeito”. E essa é a novidade da visão do pobre em relação à visão assistencialista do passado: a do pobre reduzido a “objeto” de cuidado. É o que ficará mais claro no tópico seguinte.

## 2. Teologia da libertação

Antes de existir como teoria teológica, a libertação foi uma prática pastoral e social. A Pastoral social dos inícios dos anos 60, testemunhada pelos Bispos proféticos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), pelos Leigos comprometidos da Ação Católica Brasileira (ACB) e pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), foram, por assim dizer, a “teologia da libertação em ato I”.

Vimos acima que a sensibilidade pela realidade de pobreza e de opressão do povo, assim como o método de analisar essa realidade à luz da Palavra de Deus — coisa que a Teologia da Libertação iria em seguida desenvolver e refinar — já eram um fato em Medellín. Efetivamente, o eixo central de seus documentos é a relação fé — vida. E é essa, na verdade, a quintessência do “novo modo de fazer teologia” que define a Teologia da Libertação.

A própria temática da “libertação” está bem presente em Medellín. Certo, ela coexiste com a de “desenvolvimento”, mas é a temática que emerge com mais vigor e é a mais rica de promessas. Já tinha sido lançada um ano, em 1967, por Gutiérrez em célebre conferência em Chimbote (Peru).

Quando lemos os dois documentos mais enérgicos do Medellín, precisamente o primeiro, sobre a “Justiça” e o segundo sobre a “Paz”, nota-se que todo o espírito da teologia da libertação está aí presente.

No Documento I, depois de descrever com cores vivas a “miséria que marginaliza grandes grupos humanos — miséria que, como fato coletivo, é uma injustiça que brada

aos céus" (n. 1), o documento fala do Cristo que "liberta todos os homens de todas as escravidões" (n. 3); fala-se da "verdadeira libertação" que envolve uma "profunda conversão"; fala-se da "libertação integral" como ação da "obra divina" (n. 4) e que o amor é "a grande força libertadora da injustiça e opressão" (n.5).

Já o Documento II — sobre a "Paz" — é certamente o mais contundente de todos. Entra direto "*in medias res*", dizendo que o "subdesenvolvimento latino-americano... é uma injusta situação promotora de tensões que conspiram contra a paz"(n. 1). Logo adiante fala em termos de "situação de injustiça" como "situação de pecado", coisa que mais à frente é chamada cruamente de "**violência institucionalizada**" (n. 15). Toda a parte doutrinária do documento se centra na conexão entre a justiça e a paz. "Onde existem injustas desigualdades... aí se atenta contra a paz" (n. 14, a).

Nesse capítulo faz-se um diagnóstico extremamente ousado da situação social do continente: as "desigualdades" internas e outras formas de "opressão" são chamadas de "**colonialismo interno**" (n. 2-7); e a "dependência" econômica e política de fora é chamado de "**neocolonialismo externo**" (n. 8-10).

Para o momento do "agir", o Documento "Justiça", entre outras coisas, se refere à "tarefa de conscientização", ou seja, da "formação da consciência social" (n. 17). Por sua vez, o Documento "Paz" pede "transformações profundas" (n. 17), critica a omissão diante das injustiças a pretexto de apolitismo e, embora reconheça a legitimidade da "insurreição revolucionária", inclina-se para uma ação pacífica (n. 19). "O cristão é pacífico..., mas não é pacifista, porque é capaz de combater. Prefere no entanto a paz à guerra" (n. 15). Isso é dito no contexto de insurreição revolucionária, que se alastrava por todo o Continente e ao mesmo tempo na situação de violenta repressão política.

Ademais, as "conclusões pastorais" do Documento "Paz" falam no imperativo de se "criar uma ordem social justa" (n. 20). Fala também nos "**direitos dos pobres e oprimidos**" (n. 22); na necessidade de "**denunciar** energicamente os abusos e... desigualdades excessivas entre ricos e pobres" (n. 23); e também na missão da Igreja de favorecer o povo para que "crie e desenvolva suas próprias organizações de base" (n. 27).

O Documento IV, relativo à "Educação" é um dos que explicitam de modo mais forte o tema da libertação. Sete vezes aparece aí a palavra "libertação", "libertar" ou "libertador". Há inclusive todo um parágrafo (n. 8) que explicita o conteúdo do que chama com todas as letras a "educação libertadora". Define-a como a que "transforma o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento" e é vista como "o meio-chave para libertar os povos de toda escravidão" (n. 8). Impossível esconder aqui a forte influência da "Pedagogia do Oprimido" de Paulo Freire.

Não se há de perder de vista que a concepção medelliniana do processo de "libertação", embora destacasse a urgência da dimensão social, nunca perdeu de vista o horizonte maior de sua integralidade. A "libertação integral", portanto, compreende a libertação pessoal e espiritual, em breve, a dimensão que mais tarde se chamaria "libertação soteriológica". Eis uma ilustração no documento apenas citado:

"Eis a educação libertadora necessária à América Latina para redimir-se das escravidões injustas e **acima de tudo do seu próprio egoísmo**. Eis a educação que nosso desenvolvimento **integral exige**" (Doc. IV, n. 8)

### 3. Comunidades Eclesiais de Base

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), terceiro traço da Igreja do Conti-

nente, são o “dispositivo prático” em que se encarnam os dois traços anteriormente mencionados. Efetivamente, elas são fruto da “opção pelos pobres” feita pela Igreja do Continente e a instância operativa da Teologia da Libertação.

As CEBs nasceram logo nos inícios dos anos 60, portanto, antes de Medellín, mas essa Assembléia as legitimou e generalizou. De fato, pede-se aí que o CELAM “estude” o fenômeno, ainda recente, das “Comunidades cristãs de base” (Doc. XV, n. 32), as “divulgue” e “na medida do possível as coordene” (n. 12). O Documento XV, intitulado “Pastoral de Conjunto”, dedica todo um parágrafo (n. 10, 11 e 12) a esse “achado” pastoral latino-americano.

Para Medellín, a “Comunidade de base” é uma “comunidade local ou ambiental, que corresponde à realidade de um grupo homogêneo e que tenha uma dimensão tal que permita o trato pessoal fraterno entre seus membros”(n. 10). Trata-se do “primeiro e fundamental núcleo eclesial”, “célula de estruturação eclesial e foco de evangelização” e “fator primordial de promoção humana e desenvolvimento” (n. 10). A partir das “Comunidades Cristãs de Base” (é assim que então vêm chamadas), redefine a paróquia, que passa a ser “um conjunto pastoral unificador das Comunidades de base” (n. 13).

As CEBs aparecem em várias outras partes das Conclusões de Medellín, por exemplo, quando trata da “Pastoral popular” (Doc. VI), onde propõe a “formação do maior número possível de Comunidades Eclesiais..., que devem basear-se na Palavra de Deus e realizar-se, quanto pos-

sível, na celebração eucarística...” (n. 13); da “Catequese” (Doc. VIII), onde afirma que essa tem que frutificar em “Comunidades Cristãs de Base, abertas ao mundo e nele inseridas” (n. 10); quando trata da “Liturgia” (Doc. IX), onde se recomenda a “celebração da Eucaristia em pequenos grupos e Comunidades de Base” (n. 12), etc.

## FECHANDO

Hoje a problemática mundial sofreu mudanças profundas. Assim, a Igreja retomou importantes imperativos da missão da Igreja, como: a recuperação da espiritualidade (e aí entra a “Renovação Carismática”), a “nova evangelização” (aí se situam as “missões populares”), a atenção às diferentes culturas (“inculturação”) e ainda outros.

O certo é que o problema dos “fundamentos” da missão social da Igreja, que era dado por descontado nos tempos de Medellín, já hoje não pode ser simplesmente pressuposto, necessitando ser recolocado e novamente garantido em teologia, pastoral e mais ainda na espiritualidade, sob pena de se pôrem em risco os grandes ganhos acima apontados. De fato, sem assentar as bases — a fé em Cristo — ficam comprometidos tanto os “pobres”, como a “libertação” e as “comunidades”.

Seja como for, “o que está escrito” em Medellín “está escrito”. Com os Documentos de Medellín, reafirmados sobre seus fundamentos, a Igreja da AL certamente entrará no III Milênio bem acompanhada.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Na sua comunidade os textos de Medellín são conhecidos, consultados, aprofundados? Quais deles vocês consideram mais inspiradores para os nossos dias?
2. Você concorda com as teses do autor referentes à originalidade histórica de Medellín? Discuta isso com a sua comunidade.
3. Qual foi a principal contribuição de Medellín para a opção preferencial pelos pobres, a Teologia da Libertação e as CEBs?



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ  
1 de novembro de 1998

Já está pronto, à sua disposição, como foi prometido e anunciado aqui, o NOVO livro **Para Fazer Bem o Retiro-6: ORAR-REZAR, ATIVIDADE ESSENCIAL**. São 112 páginas. Coedição Publicações CRB, Rio de Janeiro, RJ, e Edições Loyola, São Paulo, SP. Ficou bonito. Você vai gostar. O Pe. João Roque Rohr, SJ, Presidente Nacional da CRB, escreve na Apresentação:

- Nesta hora histórica na qual se vê surgir o ano dois mil e tanto se fala em renovação e reforma e refundação da Vida Religiosa, este livro pode ter particular atualidade e um papel importante a cumprir como mais um convite para permanente vigília aos pés do Senhor. Ele sabe. Ele pode. Ele tem sempre a solução de que carecemos.

Orar-Rezar, sem nunca desanimar, em todas as circunstâncias, noite e dia. Nossa perseverança precisa ser provada. A vigilância do coração tem que se exprimir. Rezar sem cessar, da manhã a noite, do consciente reflexo e decidido ao mais profundo do inconsciente. Se impossível como exercício, no plano material da ação, seja **uma realidade como desejo profundo do coração**. O que importa é manter viva esta tendência para a plenitude de um engajamento espiritual. É permanente a influência de nossas tendências mais profundas sobre o consciente e o inconsciente. A oração é o encontro gratuito de Deus com a pessoa que ora.

Só Deus é bom. Plenamente bom. Todo-carinho. Bom de verdade.  
Estar em suas mãos seja o nosso melhor desejo.  
Ele nos ama mais do que podemos imaginar. Seu amor acolhedor,  
salvífico e gratuito desconhece condições e restrições.  
Ama primeiro a troco de nada. Puro dom. Ama p'ra valer.  
Jesus tornou irreversível este amor de Deus por nós.  
Antes de mais NADA e acima de TUDO: Deus.  
Um pouco menos do que Deus é demais para o(a) Religioso(a).  
Tudo tem a ver com o âmago da essência desta realidade:  
Toda a vida é uma ânsia insatisfeita de desejos  
e necessidades, um estado de insatisfatoriedade  
da experiência temporal. Em Deus, porém, cada um sente-se  
satisfeito porque encontra, finalmente, a sua suficiência.

Educar-se para libertar a tendência interior própria da vida cristã para Deus. Qualquer acontecimento ou circunstância é sempre possibilidade de **abertura para Deus, de apelo à sua presença**, de voltar-se para ele e derramar o próprio coração diante dele. O coração de Deus é coração de pai. É amor. É perdão. Prossiga, agora, então, a leitura rezando formalmente:

Ab – Abbí – Abbá. Pai, meu pai, papai.  
Imprime em meu rosto as feições de teu Filho.  
Põe em meu peito seu coração compassivo  
e em minhas entranhas a sua misericórdia.  
Dá-me anunciar com ardor que ele está vivo entre nós. Amém.

Se a formação, inicial e permanente, compreende o empenho de vida espiritual, de qualificação e preparação pessoal para a missão, de reflexão e de estudo – **estudar é ótimo e o estudo é necessário** – verifica-se, em todos os lugares e tempos, que a eficácia evangelizadora depende da oração como experiência de encontro com o Senhor, centro de gravidade da vida cristã. Superior e Superiora Provinciais, se alguma vez programar ou uma manhã, ou uma tarde, ou um dia inteiro, para estudo da oração, pode contar comigo. Nós todos e todos juntos sentiremos a pulsação de corações novos capazes de consenso e convergência.

A GRAÇA, dom divino que **Jesus** nos mereceu; o AMOR, iniciativa preveniente, livre e gratuita do **Pai** que nos escolheu por filhos, realizem em nós uma COMUM-UNIÃO por obra do **Espírito Santo**. Filhos no Filho e solidários com todos os irmãos, clamemos no Espírito, **Abbá**, papai. Amém. Com afeto e estima fraterna, subscrevo-me, ao seu inteiro dispor,

atenciosamente